

Brasil como Potência Emergente e a sua relação com a China

Daniele Prozczinski

**Dissertação em Ciência Política e Relações Internacionais
Especialização em Estudos Políticos de Área**

Abril, 2014

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais, com especialização em Estudos Políticos de Área, realizada sob a orientação científica da Dra. Carla Isabel Patrício Fernandes.

Aos meus amados pais

Tudo que é sólido desmancha no ar

Karl Marx

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer profundamente aos meus pais, Sueli e António, por serem as pessoas mais maravilhosas que conheço. Sobretudo, por nunca duvidarem de mim, mesmo quando eu duvido. O vosso amor e carinho, constante em todo o meu percurso, ensinaram-me muito. Agradeço por sempre ensinarem-me a voar.

Aos meus tios, Diana e Elvio, e a minha adorada afilhada Eduarda. Desde o dia em que nasceste, a minha vida iluminou-se. A minha amada tia, Diana, obrigada por todo o apoio incondicional, por estar sempre presente, nos bons e nos maus momentos. Amo-vos muito.

Ao Dr. Vitor Lourenço um agradecimento especial. Obrigada por todo o apoio que me deu na realização dos meus projetos, por me ensinar a ser melhor, a falar em público e vencer a timidez. Não existem palavras para expressar todo a admiração, respeito e gratidão que tenho por si.

Aos meus fantásticos amigos, cujo apoio foi fundamental na elaboração desta dissertação. Teté, um “obrigada gigante” pela revisão do texto, és uma amiga fantástica. A uma pessoa especial que apareceu no meio do meu percurso e fez-me repensar o mundo. Obrigada por todo o apoio, carinho e paciência.

A minha orientadora, Dra. Carla Patrício Fernandes, por todo o trabalho que realizou comigo, pela sua exigência e paciência ao longo do trabalho desenvolvido, por inspirar-me em desenvolver esta pesquisa. Fico muito contente e sinto-me privilegiada de a ter tido como Professora e orientadora.

Agradeço a todos na Universidade Federal de Santa Catarina por me terem recebido de braços abertos e me apoiado- ao longo da minha jornada. Foi um ano maravilhoso.

Finalmente, um agradecimento especial a todos os ilustres estudantes, investigadores e professores que aceitaram participar nas minhas entrevistas. O vosso contributo foi fundamental para o desenvolvimento da minha investigação. Considero-me uma pessoa afortunada por ter tido a oportunidade de conhecer e trabalhar com pessoas tão admiráveis durante o meu percurso.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO: BRASIL COMO POTÊNCIA EMERGENTE E A SUA RELAÇÃO COM A CHINA

DANIELE PROZCZINSKI

RESUMO

O Brasil tem assumido um protagonismo crescente nas Relações Internacionais, cuja importância aumentou sobremaneira desde a sua consolidação como Potência Emergente no discurso global, sendo beneficiado pela sua aproximação à China. No entanto, continuam a persistir dificuldades no seu enquadramento dentro do conceito, devido aos problemas estruturais que o país tem, como o seu atraso tecnológico, dependência na exportação de bens primários e disparidades sociais. Assim, procurámos discutir o seu enquadramento como Potência, e entender de que maneira a sua aproximação à China foi fundamental para o reconhecimento do seu estatuto como potência. Na América do Sul, o Brasil é reconhecido como Potência Regional, e foi o impulsionador da criação da mais importante organização da região, o Mercosul. Sobretudo nas últimas décadas, a mudança na política externa do país para o multilateralismo tem tido um impacto bastante benéfico para o país, com a diversificação de parcerias, e a participação em fóruns de discussão importantes, como é o exemplo dos BRICs. A nível interno, o país progrediu bastante desde o governo de Luís Inácio Lula da Silva, conseguindo retirar milhões de pessoas da pobreza extrema, expandindo significativamente a classe média. Aliado a estes fatores, o país procura abandonar a sua imagem de país subdesenvolvido e consolidar-se internacionalmente como um poder global. Exemplos importantes e que refletem o novo lugar do Brasil no mundo são a mediação Irão/Turquia, a missão do Haiti, a presidência da OMC e a perseguição do lugar permanente no Conselho de Segurança. Por todo o seu potencial, o país é uma Potência Emergente, com capacidades reais de vir a tornar-se num Poder Global.

PALAVRAS-CHAVE: Brasil, BRICs, China, Estatuto Internacional, Mercosul, Potência Emergente Potência Regional, Vários Brasis.

**MASTER'S DISSERTATION: BRAZIL AS AN EMERGING POWER AND ITS RELATIONSHIP
WITH CHINA**

DANIELE PROZCZINSKI

ABSTRACT

Brazil has assumed an increasingly important role in International Relations, whose importance has increased greatly since its consolidation as an Emerging Power in the global discourse, being benefited by its approach to China. However, difficulties still persist with its inclusion within the concept, due to the structural problems that the country has, namely its technological backwardness, the dependence on the export of primary goods and social disparities. Therefore, we sought to discuss its framing as an Emerging Power, and to understand how their approach to China was essential for recognition of its status as a Global Power. In South America, Brazil is recognized as a Regional Power, and spearheaded the creation of the most important organization in the region, Mercosur. Especially in recent decades, brazilian shift in foreign policy towards multilateralism has had a very beneficial impact in the country, with the diversification of partnerships, and participation in important forums, such as BRICs. Internally, the country has made good progress since the government of Luiz Inácio Lula da Silva, managing to remove millions of people out of extreme poverty, significantly expanding the middle class. In addition to these factors, the country seeks shedding its image of an underdeveloped country and consolidate itself internationally as a Global Power. Important examples which reflect the new place of Brazil in the world are Iran/Turkey mediation, The Haiti Mission, the presidency of the WTO and the pursuit for a permanent seat on the Security Council. For all its potential, the country is an Emerging Power with real capacity to come to become a Global Power.

KEYWORDS: Brazil, BRICs, China, Emerging Power, International Status, Mercosur, Regional Power, Various Brazils

ÍNDICE

Agradecimentos.....	I
Resumo	II
Abstract.....	III
Lista de Abreviaturas e Siglas.....	IV
Introdução.....	1
1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA.....	4
1.1 Objeto, relevância e delimitação do estudo.....	4
1.2 Metodologia.....	6
1.3 Enquadramento, conceitos e conceptualização.....	8
2. O BRASIL COMO POTÊNCIA EMERGENTE.....	16
2.1 Nível Interno.....	16
2.1.1 Os Vários Brasis – Brasil de contrastes.....	16
2.2 Nível Externo.....	41
2.2.1 O Estatuto Internacional.....	41
2.2.1.1 Mediação Turquia/Irão	42
2.2.1.2 MINUSTAH – Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti.....	48
2.2.1.3 Presidência da OMC e Conselho de Segurança da ONU.....	49
2.2.2 O Brasil na América do Sul.....	52
2.2.2.1 Brasil Potência Regional vs Poder Global.....	52
2.2.3 Mercosul e a integração regional.....	58
2.2.3.1 A primeira fase do Mercosul: Entusiasmo	61

2.2.3.2 A segunda fase do Mercosul: Declínio da sua importância.....	63
2.2.3.3 Terceira Fase: Despertar ou Enfraquecer?.....	66
3. BRASIL POTÊNCIA EMERGENTE.....	70
3.1 Análise SWOT	70
4. A RELAÇÃO SINO-BRASILEIRA.....	82
4.1 Aproximação Sino-Brasileira	82
4.2 O maior parceiro económico do Brasil: uma oportunidade ou ameaça?.....	87
4.3 A crise mundial como oportunidade	96
4.4 O investimento brasileiro na China	101
4.5 BRICs: o intensificar das relações	105
Considerações Finais	110
Lista de Figuras	115
Lista de Gráficos	116
Lista de Tabelas.....	117
Apêndice A: Entrevista.....	118
Apêndice B: Lista de Entrevistados	122
Bibliografia	124

LISTA DE ABREVIATURAS

AIE - Agência Internacional da Energia

AIEA – Agência Internacional de Energia Atômica

ApexBrasil – Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos

AVIC - Aviation Industry Corporation of China

BRICs – Brasil, Rússia, China, África do Sul

CEBC - Conselho Empresarial Brasil-China

CBERS – Satélite Sino-Brasileiro de Recursos Terrestres

CNOOC - China National Offshore Oil Corporation

CNPC - China National Petroleum Corporation

CSNU - Conselho de Segurança das Nações Unidas

EUA – Estados Unidos da América

FGV – Fundação Getúlio Vargas

FMI – Fundo Monetário Internacional

FOCEM - Fundo de Convergência Estrutural

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

MINUSTAH – Missão das Nações Unidas para estabilização do Haiti

MOFCOM – Ministério do Comércio da China

MRE - Ministério das Relações Exteriores

OMC – Organização Mundial do Comércio

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

PAC – Programa de aceleração do crescimento

PEB – Política Externa Brasileira

PIB – Produto Interno Bruto

PICE - Programa de Integração e Cooperação Económica

PT – Partido dos Trabalhadores

RPC – República Popular da China

SIDA - Síndrome da imunodeficiência adquirida

SINOPEC – Companhia Petroquímica da China

SDN – Sociedade das Nações

SWOT – strengths/forças, weaknesses/vulnerabilidades, opportunities/oportunidades, threats/ameaças

TNP – Tratado de Não-Proliferação Nuclear

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

INTRODUÇÃO

Pela primeira vez nas Relações Internacionais, vive-se um período de indefinição acerca da distribuição do poder, com o foco voltado para as Potências Emergentes. Assim, o nosso objetivo primeiro é entender se o Brasil pode ser considerado como uma Potência Emergente, e como ter uma parceria estratégica com a China é importante para o país e qual o seu impacto na construção da sua nova imagem internacional.

O Brasil, até duas décadas atrás, era conhecido como um país subdesenvolvido. No entanto, as mudanças ocorridas no país acabaram por revelar o seu potencial como um ator importante, não apenas regionalmente, mas numa escala global. Este novo estatuto é vital num mundo cada vez mais globalizado e tendencialmente multipolar. A sua aproximação à China releva uma nova orientação da política externa brasileira e uma mudança no seu foco nas potências tradicionais.

Desde o mandato de Luís Inácio Lula da Silva, o Brasil conseguiu chegar num outro patamar de desenvolvimento. Com a descoberta do pré-sal, o país ganhou uma importância redobrada, como para a China, cuja dependência na importação de recursos energéticos é enorme.

Na América do Sul, o Brasil é um ator determinante. Como motor económico da região, principal impulsionador das políticas de integração e o mediador de conflitos, isso dá-lhe um *status* de importância acrescido na região.

Já no continente asiático a China é o país com quem o Brasil teve relações mais próximas. Essa aproximação tem sido muito benéfica para o país, mas também apresenta desafios.

As perguntas que guiam esta pesquisa são: *i)* o Brasil é uma Potência Emergente? *ii)* Como a sua relação com a China é importante para o país? *iii)* Qual foi o impacto que esta relação teve na construção da sua imagem internacional? Dado a importância do tema na atualidade, consideramos indispensável compreender o papel do Brasil no mundo, como de país subdesenvolvido agora passa a ser chamado como Potência Emergente e possível Poder Global, e, da mesma forma, como a sua aproximação ao gigante chinês foi importante.

A crise internacional teve um papel bastante importante na aproximação dos dois gigantes e na sua consolidação como Potências Emergentes. Com a fragilidade das economias tradicionais, houve uma oportunidade para a cooperação sino-brasileira e para aumentar o seu protagonismo na cena internacional. Da mesma forma, o enfraquecimento de canais tradicionais de cooperação, aumentou a sua aproximação.

Tendo em consideração a amplitude do tema que nos propomos analisar, dividimos e limitamos o presente trabalho em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Contextualização Teórica”, apresentamos a metodologia de pesquisa desenvolvida, assim como os objetivos e delimitação do estudo. Igualmente, fazemos um enquadramento do tema, centrado na discussão do conceito de Potência e Potência Emergente, e na sua dificuldade de definição.

No segundo capítulo, “Brasil como Potência Emergente”, procurámos entender a trajetória do país nos últimos anos, dividido em nível externo e interno. A nível interno, debatemos a existência de vários Brasis, onde ainda persistem problemas graves, como a violência, a pobreza, acesso à educação. Debruçaremos também sobre os resultados das entrevistas, identificando qual é o maior problema do Brasil para os entrevistados. A nível externo, debatemos sobre o estatuto internacional do país e a procura por mudar a imagem de país subdesenvolvido internacionalmente. Importantes exemplos são a mediação Turquia/Irão, Missão no Haiti, Presidência da OMC e procura por um lugar no Conselho de Segurança da ONU. Na América do Sul, o MERCOSUL é a organização mais importante, e o papel do Brasil para a sua construção foi fundamental. Dado a sua crescente importância internacional, debatemos se o país pode ser considerado como uma Potência Regional ou como um Poder Global.

No capítulo III, discutimos o Brasil como Potência Emergente através de uma análise SWOT das forças, vulnerabilidades, oportunidades e ameaças que o país tem, apresentando um pequeno quadro conclusivo.

No capítulo IV, centramos a discussão na relação sino-brasileira e como esta foi importante para o país. Iniciámos fazendo um breve descritivo sobre a aproximação sino-brasileira, a importância da China para o Brasil como o seu maior parceiro económico, as características da relação – uma oportunidade ou uma ameaça, o

investimento brasileiro na China e a importância dos BRICs na aproximação sino-brasileira.

Assim, o nosso intuito com este trabalho é discutir a problemática do Brasil como Potência Emergente e como a aproximação sino-brasileira foi importante para o país.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

1.1 Objeto, relevância e delimitação do estudo

A presente dissertação tem por objetivo considerar se, de facto, o Brasil é uma Potência Emergente, com todas as contradições internas que o país tem, e analisar, a sua aproximação à China. Propomo-nos, desta forma, compreender até que medida o país pode ser considerado como uma potência, e se a sua inclusão ao lado do gigante chinês e dentro dos BRICs foi determinante para a sua nova posição internacional, sobretudo devido às suas carências e aos seus problemas internos.

Dada a abrangência do tema, o estudo limitou-se às questões centrais da problemática que procurámos abordar. Neste sentido, deu-se prioridade à discussão do seu estatuto internacional como potência, analisando de forma breve os seus problemas internos e o seu potencial, terminando a investigação com uma análise SWOT, realizada segundo as conclusões retiradas da pesquisa.

A relevância do tema deve-se à importância da análise do surgimento de novos poderes globais e como eles podem ter impacto na distribuição do poder nas Relações Internacionais. Igualmente, discutir e procurar encontrar critérios que definam o que são Potências Emergentes, foi um objetivo importante desta dissertação, tendo em vista compreender o papel do Brasil no mundo.

Durante a investigação, procurámos sempre comparar os dados recolhidos durante as entrevistas, tendo em vista incluir, sempre que pertinente, as respostas dos entrevistados. A recolha de dados iniciou-se em 2010, com uma vasta pesquisa bibliográfica, dada a riqueza de informação sobre o tema.

Este projeto de estudo enquadra-se no âmbito dos Estudos Políticos de Área, e tem por objetivo compreender melhor as relações sino-brasileiras e o Brasil como Potência Emergente. Da mesma forma, compreender até que ponto as mudanças no relacionamento entre os dois países foram intensificadas por pertencerem ao mesmo bloco. Igualmente, esta pesquisa está restringida, sobretudo, a investigação das relações sino-brasileiras na última década, até 2012.

Os objetivos principais são:

- a) Compreender, em primeiro lugar, o que é uma potência emergente e como o Brasil se enquadra neste conceito;
- b) Analisar o enquadramento do Brasil na América do Sul;
- c) Enumerar os problemas internos do Brasil e como isso pode ser um entrave ao seu estatuto;
- d) Perceber as mudanças que são exigidas a um país que se transforma numa potência emergente;
- e) Analisar o papel do Brasil como potência emergente, do ponto de vista económico, político e social;
- f) Analisar as relações sino-brasileiras: como se caracterizam e quais são as suas vertentes mais importantes;
- g) Analisar as mudanças na política externa dos dois países, no sentido da aproximação das relações e intensificação da cooperação;
- h) Enumerar as dificuldades e desafios da relação sino-brasileira;
- i) Apresentar as vantagens e desvantagens dessa relação;
- j) Compreender o impacto para o Brasil do intensificar das relações entre os dois países;

1.2. METODOLOGIA

A informação foi recolhida sobretudo através de análise bibliográfica qualitativa e quantitativa, seguindo um modelo explicativo e compreensivo. Existe uma extensiva base informativa, sobretudo em artigos e revistas de especialidade, dado a atualidade do tema.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a académicos especializados na área de estudo, cujo guião está presente nos anexos (Apêndice 1). O tipo de perguntas realizadas foram abertas, ou seja, o entrevistado teve liberdade de resposta e para conduzir o rumo da entrevista. O papel do entrevistador foi de apenas conduzir o entrevistado a responder às perguntas presentes no guião. Igualmente, estas entrevistas têm um carácter de tipo intensivo, isto é, centram-se num pequeno grupo de indivíduos e o objetivo é obter diferentes visões sobre o tema, enriquecendo a investigação.

Concluído o processo de recolha de informação, procedemos à seleção da informação recolhida, introduzindo no corpo da dissertação apenas as passagens consideradas relevantes para o tema explorado naquele momento. Alguns entrevistados deram-nos autorização para identificar o seu nome, sendo que alguns preferiram manter-se anónimos. Sendo assim, a lista dos entrevistados, disponível nos anexos (Apêndice 2), conta com o nome dos intervenientes (quando autorizado), grau de instrução e formação académica. Em seguida, estabelecemos a relação entre as variáveis observadas para compreender se os resultados obtidos estão de acordo com o previsto no início da investigação.

A organização dos dados recolhidos foi fundamental para manter a coerência lógica do discurso. Desta forma, utilizámos, como ferramenta de trabalho, uma cronologia pormenorizada, elaborada durante o processo de investigação.

Pela atualidade do tema e pelas mudanças ocorridas no panorama internacional, tornou-se mais difícil o processo de seleção de informação, sobretudo porque a investigação começou a ser realizada numa época em que o objeto de estudo

apresentava grande otimismo. Desta forma, procurámos atualizar o tema e adequá-lo à situação atual.

A maior parte da investigação foi realizada durante o intercâmbio na Universidade Federal de Santa Catarina, o que possibilitou o acesso a um número mais vasto de bibliografia específica sobre o tema, tornando possível a realização das entrevistas com investigadores brasileiros.

A metodologia apropriada para o projeto enquadra-se, sobretudo, na investigação qualitativa. Seguimos um processo de pesquisa quantitativa tendo em atenção a análise de alguns dados estatísticos, de fontes fidedignas, já tratados, do qual apenas nos limitámos a tirar conclusões. Baseámos a investigação na recolha e análise de informação já trabalhada por outros investigadores, desenvolvendo conclusões próprias sobre o tema investigado. Do mesmo modo, utilizámos como fonte de pesquisa tipos de estudos exploratórios e descritivos, que permitiram compreender melhor a realidade em presente. A informação necessária para a investigação foi sobretudo recolhida através de fontes documentais secundárias escritas, uma vez que para o estudo em causa, existe bastante produção bibliográfica elaborada por investigadores. A sua recolha foi feita, principalmente, em dicionários, revistas, jornais, artigos, ensaios, na internet e em obras literárias.

Concluído o processo de recolha de informação, procedemos à seleção dos elementos recolhidos, introduzindo na investigação apenas os dados relevantes. Seguimos, desta forma, o método de rastreamento e encadeamento de factos conforme o índice apresentado. A organização dos dados recolhidos foi fundamental para manter a coerência lógica do discurso.

1.3 ENQUADRAMENTO, CONCEITOS E CONCEPTUALIZAÇÃO

Ao longo da história das Relações Internacionais o equilíbrio de poder tem mudado drasticamente. Se compararmos as potências em presença na Paz de Vestefália, por exemplo, centralizado nas grandes potências europeias da época, com a ordem mundial atual, podemos concluir que existem mudanças significativas. Cada vez mais se caminha para um possível multilateralismo complexo com a emergência de novas potências globais, que têm mudado a distribuição de poder e a forma como o sistema internacional se organiza. O que ainda não está muito definido é de que forma isso irá influenciar as Relações Internacionais, as organizações, ou seja, o *status quo* existente.

In recent years a number of emerging nations have been challenging the position of dominance of the old powers, which are dropping down the international pecking order¹. Para analisarmos a ascensão dessas novas potências, é necessário, em primeiro lugar, compreender o que é uma Potência Emergente, e em segundo lugar, constatar, se de facto, o Brasil pode ser considerado como tal. Neste sentido, vários são os artigos que discutem o tema das Potências Emergentes mas não existe, contudo, uma definição concreta. Podemos presumir que se deve à disparidade entre as Potências Emergentes, assim como à dificuldade em criar um conceito que seja capaz de incluir todas as peculiaridades necessárias para se tornar credível e aceite perante a comunidade internacional. Propomo-nos, assim, a analisar os elementos que classificam um país como poder global, tentando estabelecer paralelos com o caso brasileiro, objeto deste estudo, visando compreender se o país pode ser considerado uma Potência Emergente. É preciso não esquecer que *a elevação de um país ao status de potência é uma questão tanto material como simbólica – uma vez que “status” é algo conferido e legitimado por outros².*

Tendo em vista procurar uma definição de Potência Emergente, devemos, primeiramente, compreender o que é o poder. Para Robert Dahl, poder é a capacidade de um ator impor a sua vontade ao outro³. Segundo o dicionário de Relações Internacionais,

¹ GRATIUS, Susanne, “The international arena and emerging powers: stabilising or destabilising forces?”, *Fride*, abril de 2008, 1, http://www.fride.org/descarga/COM_emerging_powers_ENG_abr08.pdf.

² LIMA, Rafael Mesquita de Souza, “Premissas de periferia X premissas de potência: Contradições Indenitárias do Brasil Emergente”, p.157.

³ DAHL, Robert A., “The Concept of Power”, *Behavioral Science*, 1957.

o poder é a *capacidade de indivíduos ou membros de um grupo alcançar objectivos ou favorecer os seus interesses. O poder é um aspecto presente em todas as relações humanas. Muitos conflitos de uma sociedade são lutas de poder, porque quanto mais poder um indivíduo ou grupo detiver maior é a capacidade de conseguir o que quer (à custa dos outros)*⁴. Ora, para que um país possa ser considerado uma potência, ele terá de ter capacidade de se fazer ouvir na cena internacional para conseguir aquilo que quer, e fazer com que os restantes atores internacionais sigam a sua vontade. Podemos concluir que estas definições de poder têm um cunho de força, de imposição da sua vontade perante os outros.

No entender de Susanne Gratius, um poder global precisa ter algumas características, como uma vasta população, riqueza em recursos naturais, poder militar e poder económico⁵. Outros fatores importantes são o poder da política externa do país, da sua capacidade de projeção do poder e do reconhecimento do seu estatuto por atores determinantes no sistema internacional.

Atualmente discute-se o conceito de Potência Emergente, onde o que impera é o poder económico do país. Nesta lógica, será que as definições de poder se adequam a esta nova realidade? Será que, presentemente, o que mais importa é o poder económico? Segundo Joseph Nye, *uma economia robusta e crescente garante a base de todos os instrumentos de poder*⁶. Claramente ter uma economia pujante é de capital importância, mas, quando falamos de impor a sua vontade, a capacidade militar de um país pesa mais na balança do poder. Isso, contudo, não quer dizer que o poder económico não seja crucial, porque o é, mas não tem tanta capacidade de ditar as cartas na cena internacional. Maquiavel, no livro *O Príncipe*, afirma:

É portanto necessário, se queremos compreender bem esta matéria, examinar se estes inovadores se bastam com os seus próprios meios ou se estão dependentes de outros; isto é, se levarem avante a sua obra precisam de rezar ou de recorrer à sua força. No primeiro caso, saem-se sempre mal e não dirigem coisa alguma; mas quando dependem das próprias forças e podem usá-las, raramente falham. **Daqui resulta que todos os profetas armados venceram e os desarmados falharam.** Porque, para além do que já foi dito, a natureza dos povos é mutável, e é fácil

⁴ SOUSA, Fernanda (Dir.), *Dicionário de Relações Internacionais*, 954^o ed (dições Afrontamento/ CEPES – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2005), 155.

⁵ GRATIUS, Susanne, “The international arena and emerging powers: stabilising or destabilising forces?”.

⁶ NYE, Joseph S., *O Futuro do Poder*, Temas e Debates (Círculo de Leitores, 2012), 101.

persuadi-los de uma coisa, mas é difícil consolidá-los nessa persuasão. E por isso convém dispor de modo a que, quando já não acreditarem, se possa fazê-los crer pela força.⁷

O império da força continua, claramente, atual. Joseph Nye defende que, não obstante, a importância do *soft power* ter aumentado, é muito mais fácil e menos dispendioso mantê-lo e procurar mecanismos para aumentar esse poder do que o *hard power*. Ao mesmo tempo, o autor destaca o *soft power* como mais efetivo a longo prazo, referindo que o seu uso gera menos problemas a nível internacional⁸. Os EUA são um exemplo concreto de um país onde o uso do seu *hard power* teve reflexos negativos na credibilidade internacional do país e no aumento das oposições à sua atuação.

Neste contexto, a falta, tanto do *hard power*, como do *soft power*, em termos de capacidade para resolver todas as questões, leva Nye a criar o conceito de *smart power*, que não é mais do que a junção de ambos. Assim, refere-se à capacidade de combinar o *hard power* e o *soft power* para criar estratégias eficazes em contextos variados.⁹ Uma governação inteligente deve, para ter sucesso, ser capaz de distinguir quando um ou o outro devem ser utilizados, sempre tendo em vista a boa diplomacia.

Apesar de todos os estudos que existem das várias teorias, ainda podemos considerar que existem momentos de imprevisibilidade, e, ao mesmo tempo, que nem sempre levam a melhor decisão para o momento em questão. Desta forma, consideramos que o *smart power* defendido por Nye representa uma abordagem mais racionalista e pragmática, algo que já predomina nas Relações Internacionais.

Antes de debatermos o conceito de Potência Emergente, cabe discutir o conceito de potência. Como tantos outros, este conceito não é passível de uma única definição, sendo que cada autor valoriza aspetos que considera mais importantes. Historicamente, podemos dizer que o conceito de potência, utilizado pela primeira vez em 1815, durante o Congresso de Viena, estava intimamente ligado com a vitória em conflitos armados. Seguindo esta lógica, uma potência que perdesse a guerra poderia vir a perder o seu estatuto. Uma potência tem que ser, então, capaz de se fazer ouvir e impor a sua vontade

⁷ MAQUIAVEL, Nicolau, *O Príncipe* (Queluz: Coisas de ler, 2003), negrito próprio, p. 36.

⁸ NYE, Joseph S., *O Futuro do Poder*, cap. 1.

⁹ Ibidem, p.15.

sobre os outros, através da diplomacia ou da força, dando ao conceito de *hard power* uma dimensão mais significativa. Outro facto que não pode ser ignorado prende-se com a dificuldade em sabermos se um Estado que consideramos uma potência o é realmente. Afirmamos isso dada a dificuldade em medir realmente o poder de um Estado, assim como a sua capacidade de ação perante um conflito. Desta forma, um país pode ser reconhecido internacionalmente como uma potência, mas na realidade o seu poder pode estar em declínio.

Atualmente, o conceito de potência difere do de 1815, mas continua com as suas características essenciais: poder militar, dimensão territorial, vasta população, poder económico, capacidade de imposição da sua cultura e valores no sistema internacional.

On the one hand, power and authority will be more decentralized and the inevitable struggles for influence between the United States and emerging non-Western powers will make cooperation more difficult. On the other hand, the challenges that the great powers will confront in the coming decades will be problems of interdependence, such as the environment and weapons proliferation, and so will require intensified cooperation¹⁰.

Ser uma potência hoje não significa que continuará a ser sempre. Por exemplo, no período dos Descobrimentos, Portugal foi uma grande potência, tendo mais recursos na altura que o grande Luís XIV de França. Porém, hoje tem uma economia pouco competitiva e significativa no âmbito europeu. Com isto, pretendemos mostrar que, tal como a lei da gravidade, o que ascende tem que, inevitavelmente, descer. Mas como se aplica essa “lei” às potências? Durante a entrevista que realizámos com o Prof. Carlos Gaspar, foi abordado a dificuldade em saber o que é uma potência em declínio, uma vez que, segundo o mesmo (...) *não temos nem um aparelho conceptual nem muito menos uma métrica estável que nos permita garantir isso*. Um dos exemplos que utilizou, e que referiu como “*Um exemplo clássico, que todo mundo conhece*”, foi que *em Setembro de 1939, quando começou a Segunda Guerra Mundial, as pessoas pensavam que a França e a Grã-Bretanha eram, com a Alemanha, as três principais potenciais internacionais. Mas quando chegamos no fim da Guerra, a experiência da própria guerra nos tinha revelado que as três principais potências*

¹⁰ IKENBERRY, G. John, “Great Powers and Strategic Stability in the Twenty-first Century: Competing Visions of World Order”, *Foreign Affairs*, 1 de janeiro de 2011, <http://www.foreignaffairs.com/articles/67144/great-powers-and-strategic-stability-in-the-21st-century-competi>.

*internacionais eram os EUA a URSS e a Alemanha, e que a França e a Grã-Bretanha já não tinham esse estatuto exaltado.*¹¹

Com o final da Segunda Grande Guerra, assistimos à divisão do mundo em dois blocos. Posteriormente, a queda do Muro de Berlim, e a implosão da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), conduziu à emergência de uma única superpotência, os EUA. Hoje, apesar de o mundo continuar a ser essencialmente unipolar, emergem novos atores com capacidades para terem uma voz mais decisiva a nível global, entre os quais, o Brasil e a China.

Nesta lógica da emergência de novas potências, o analista político Xiaoyu Pu tem uma perspetiva muito interessante sobre o tema. O autor questiona-se sobre as possibilidades de comportamento das Potências Emergentes, destacando três grandes papéis possíveis que podem desempenhar. Em primeiro lugar, poderão ser simpatizantes, isto é, aceitam e colaboram com a manutenção da ordem internacional vigente. Em segundo, existe a possibilidade de se oporem contra a ordem em vigor, tendo um projeto novo e distinto a ser aplicado. Por fim, podem ser omissas, sendo que ambicionam os privilégios intrínsecos ao poder, mas não querem as responsabilidades que deles advêm¹². A questão que fica leva-nos à pergunta: como se caracterizam as Potências Emergentes atuais? Pela análise das medidas tomadas no decorrer dos últimos anos, podemos considerar que são sobretudo, omissas. Um exemplo concreto que comprova essa observação é a posição de grande parte dos países emergentes no que respeita às alterações climáticas, sendo o caso mais flagrante o da China. O Brasil pode ser considerado o caso mais complicado de encaixar dentro desta definição, uma vez que procura ter um papel internacional determinante, ao mesmo tempo que quer participar da ordem vigente. Exemplos são a sua busca pelo lugar permanente no Conselho de Segurança (que antes procurou na Sociedade das Nações), nas missões ao Haiti, ou agora com a presidência da Organização Mundial do Comércio (OMC).

Apesar da emergência dessas novas potências, o mundo continua, segundo Luís Tomé, uni-multipolar, onde *a nova ordem internacional é atualmente caracterizada por*

¹¹ GASPAR, Carlos Eduardo de Medeiros Lino, Brasil como potência emergente e a sua relação com a China, áudio, 11 de janeiro de 2013, Entrevista integral disponível nos anexos.

¹² PU, Xiaoyu, “Potências Emergentes, legitimidade e mudanças normativas internacionais”, *Potências Emergentes e desafios Globais*, 2012, 13–14.

*um modelo híbrido, complexo e original na estrutura de poder mundial*¹³. Isto é, apesar de caminharmos para um mundo multipolar, com diferentes atores internacionais tendo um papel relevante na cena internacional, o mundo continua tendo uma única grande potência, os EUA. Segundo o autor, *a hegemonia actual dos Estados Unidos é um facto indesmentível, incontornável, e não resulta apenas do seu inigualável poderio militar. Os EUA são uma superpotência em todos os domínios do poder – do militar, político e estratégico ao económico, tecnológico, científico e cultural. Os Estados Unidos detêm claramente a supremacia e são onnipresentes no mundo, sendo obrigatório reconhecer que a sua hegemonia não emana apenas do poder para impor e coagir, mas também de um grande capital de influência e de “poder de atracção*.¹⁴ Não obstante, existe a discussão sobre o declínio do poder americano, e como essa realidade pode afetar a nova distribuição de poder no cenário mundial, assim como discute-se a hegemonia do poder chinês. Porém, parece claro que *while much of the current focus has been on the impact of financial and economic crises, a lagging recovery, serious problems of debt and deficit, and competition with a dynamic and rising China, the United States actually continues to possess far greater material strengths than commonly assumed*.¹⁵

Existem, no entanto, autores que consideram que houve uma mudança na distribuição do poder a nível internacional e que, conseqüentemente, o mundo é multipolar. Para Dorothy-Grace Guerrero, *it is commonly said that the world is entering a multipolar phase in global governance with the “rise of the South” or the increasing powers of emerging economies China, India, Brazil, Russia and South Africa (from hereon the BRICS) and the strengthening of their relations as seen in the succeeding BRICS Summit since 2011*.¹⁶ Todavia, a mesma autora afirma que *it is more likely that a multipolar world means that a new mix of leading countries will define the global political economy together with the US*¹⁷.

¹³ TOMÉ, Luís, “Novo Recorte Geopolítico Mundial: uma ordem uni-multipolar, uma grande guerra e o jogo de ‘contenções múltiplas’”, *Nação e Defesa*, [s.d.], 79.

¹⁴ TOMÉ, Luís, “Uma nova configuração geopolítica”, *Janus Online*, 2005, http://janusonline.pt/2005/2005_1_1_1.html.

¹⁵ “America in Decline? It’s a Matter of Choices, Not Fate”, *World Affairs Journal*, acessado 2 de Janeiro de 2014, <http://www.worldaffairsjournal.org/article/america-decline-it%E2%80%99s-matter-choices-not-fate>.

¹⁶ “The Rise of China and BRICS: A multipolar world in the making?” acessado 12 de Dezembro de 2013, <http://focusweb.org/content/rise-china-and-brics-multipolar-world-making>.

¹⁷ Ibidem.

Neste contexto, partindo da definição de um mundo uni-multipolar, compreendemos que houve um declínio do poder americano, uma vez que o mundo já não é considerado unicamente unipolar. Não obstante, torna-se difícil compreender se houve um declínio real do poder americano, ou se esta ideia está mais associada com o discurso político e com os Media. Existem países, sobretudo as economias emergentes, que têm procurado contestar a ordem global existente, criando novas organizações internacionais, procurando unir-se com base em interesses comuns, em prol de uma voz mais ativa e mais significativa. Por exemplo, a criação do G5 (Brasil, China, Índia, México e África do Sul) é um acontecimento importante, uma vez que inclui as Potências Emergentes, em resposta ao G8 (Canadá, Rússia, França, Alemanha, Estados Unidos, Japão, Reino Unido e Itália). Claramente, os países em desenvolvimento mostram que estão dispostos a procurar alternativas à ordem imposta pelos países desenvolvidos, unindo-se para obter melhores e mais benéficos resultados para o seu desenvolvimento.

Discussões sobre o declínio do poder americano, não obstante, aparecem sempre que existe um país com uma economia emergente, e que possa fazer face ao seu poder. Por exemplo, podemos analisar a ascensão do Japão, no último quartel do século XX, cujas previsões apontavam que iria superar a economia dos EUA. No entanto, esses prognósticos acabaram por falhar. Segundo Larry Summers, conselheiro económico de Obama, *predictions of America's decline are as old as the republic. But they perform a crucial function in driving the kind of renewal that is required of each generation of Americans. I submit to you that as long as we're worried about the future, the future will be better. We have our challenges. But we also have the most flexible, dynamic, entrepreneurial society the world has ever seen.*¹⁸

A crise económica mundial teve um impacto expressivo no surgimento das Potências Emergentes e nos discursos sobre o declínio americano. Neste cenário, os países que continuam a manter um crescimento económico impressionante, enquanto os países ocidentais entram em declínio, fez com que o mundo passasse a observar atentamente essas novas economias. Isto porque *GDP matters because it determines the overall*

¹⁸ KEOHANE, Robert O. "Hegemony and After", *Foreign Affairs*, 1 de julho de 2012, <http://www.foreignaffairs.com/articles/137690/robert-o-keohane/hegemony-and-after>.

*resources that a country can muster to project power against potential rivals or otherwise have its way*¹⁹.

Outro aspeto bastante relevante na análise das Potências Emergentes é o mediatismo internacional e o discurso político. Se um país começa a ser chamado de “Potência Emergente” nos Média, isso tem um grande impacto no seu estatuto internacional. De tal forma esta ferramenta é importante e decisiva, que por exemplo, a criação do acrónimo do BRIC pelo economista Jim O'Neil da Goldman Sachs, acabou por dar uma maior visibilidade aos países da sigla, o que acabou por tornar-se um grupo com cimeiras anuais, unidos por objetivos comuns. A nível interno, este estatuto internacional é acentuado, e muito utilizado no discurso político, sendo assimilado pela população, que passa a reconhecer no seu país todo o potencial que advém desse estatuto.

Em síntese, *a história das relações internacionais é a narrativa da ascensão e queda das potências, onde não existe uma definição consensual de Potência Emergente*²⁰. Porém, existem elementos determinantes que permitem analisar a presença de um país dentro do conceito, que procuraremos examinar no decorrer desta investigação.

¹⁹ SUBRAMANIAN, Arvind, “The Inevitable Superpower: Why China’s Dominance Is a Sure Thing”, *Foreign Affairs*, outubro de 2011, <http://www.foreignaffairs.com/articles/68205/arvind-subramanian/the-inevitable-superpower>.

²⁰ GASPAR, Carlos, “A emergência de novas potências”, *Portugal num mundo em mudança*, [s.d.], 1, http://janusonline.pt/popups2011_2012/2011_2012_3_1_2.pdf.

2. O BRASIL COMO POTÊNCIA EMERGENTE

2.1 NÍVEL INTERNO

2.1.1 Os VÁRIOS BRASIS – BRASIL DE CONTRASTES

Como o quinto maior país do mundo, com cerca de 193 milhões de habitantes, o Brasil contempla, em si, vários “Brasis”. Todo o país de dimensão continental revela maiores clivagens sociais, educacionais, políticas e económicas. O Brasil não é exceção. Gilberto Freyre, grande pensador brasileiro, resume a essência do Brasil no seguinte excerto:

Houve tempo em que na imprensa inglesa o Brasil apareceu mais como “os Brasis” do que como “o Brasil”. Reconhecia-se assim um pluralismo que de facto era tanto, deixasse de haver entre nós uma unidade nacional que contrastava com a fragmentação da América Espanhola em várias e turbulentas repúblicas, inimigas de morte umas das outras. Os chamados “Brasis” formavam politicamente um império; e social ou culturalmente um sistema de convivência em que a unidade e a diversidade se completavam. Tinha esse sistema a língua portuguesa por principal expressão de sua unidade e os contrastes regionais de predominâncias étnicas - o ameríndio na Amazônia, o branco no Sul, o negro na Baía - eram as afirmações mais ostensivas de sua diversidade ou pluralidade étnica. Étnica e cultural. Hoje, sem ser Império, mas República federativa, o Brasil continua a ser um conjunto de Brasis. Mas esse conjunto de Brasis só tem sentido - social, cultural, étnico, económico, político - sob a forma de um vasto e só Brasil que, por ser plural, não deixa de ser uno.²¹

O pluralismo é o traço mais marcante da sociedade brasileira, demarcado pela união política de vinte e seis Estados federados e um distrito federal, totalizando 8.515.767,049 km²²². As diversas regiões do Brasil apresentam diferentes níveis de desenvolvimento económico, assim como uma grande riqueza cultural e paisagística. As regiões sul e sudeste são as mais desenvolvidas, contrastando com o norte e nordeste brasileiro.

²¹ FREYRE, Gilberto, “Brasis, Brasil e Brasília”, *Biblioteca virtual Gilberto Freyre*, 1960, http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/livros/pref_outros/brasis_port.htm.

²² “Área Territorial Brasileira”, IBGE: *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, acessado 16 de fevereiro de 2014, http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_territ_area.shtm.

Em termos das disparidades sociais existentes no país, citamos o exemplo apontado por Ana Lydia Sawaya e Gisela M. B. Solymos²³, que comparam a situação das favelas em São Paulo e Maceió. As autoras afirmam que existem dois “Brasis”, sendo um deles pouco conhecido. Neste Brasil, que representa uma parte significativa da população, existe uma grande desigualdade na distribuição de renda e no acesso a condições de vida mínimas, que propiciem o desenvolvimento humano.

Analisando, sobretudo, a situação dessas duas favelas em São Paulo e Maceió, concluem que existe uma grande parte da população que vive abaixo do limiar da pobreza, ou seja, com menos de um dólar por dia. Esta realidade acaba por conduzir a uma desnutrição bastante acentuada. Estabelecem também uma ligação entre a obesidade, baixa estatura e a desnutrição. No caso da obesidade, observou-se que viviam na mesma casa pessoas obesas e desnutridas, provando que isto deve-se somente ao sistema digestivo de cada um, e não com a ingestão de alimentos, que era muito similar ou a mesma.

Primeiramente, é preciso compreender quem são os “pobres brasileiros” e como vivem. Como apontado no artigo, muitos são os que não têm certidão de nascimento, são analfabetos, vivem sem luz, água e saneamento básico. Em síntese, vivem à margem da sociedade, e são, inclusive, excluídos por esta. Acrescido aos problemas apresentados, está a falta de uma política coordenada de combate à pobreza.

A maior parte da população pobre vive nas grandes cidades em favelas ou à margem da cidade. Não obstante, este não é só um problema urbano. No campo, muitos são os que vivem em condições de desnutrição. Calcula-se que a população de São Paulo a viver em pobreza extrema seja de cerca de 1,2 milhões (dados de 2003)²⁴. Essa população enfrenta quotidianamente problemas muito sérios de falta de condições mínimas de subsistência, desnutrição, insegurança alimentar, desemprego, analfabetismo, obesidade. Este último problema, é interessante observar, que não está ligado com a ingestão de mais alimentos que uma pessoa desnutrida. Na verdade, esta

²³ SAWAYA, Ana Lydia et al., “Os dois Brasis: quem são, onde estão e como vivem os pobres brasileiros”, *Estudos Avançados* 17, nº 48 (agosto de 2003): 21–44, doi:10.1590/S0103-40142003000200003.

²⁴ *Ibid.* p.2

situação advém de uma forma que o corpo encontrou para resolver o problema da falta de alimentos, onde a formação de gorduras torna-se a prioridade do organismo, em detrimento do desenvolvimento corporal. Igualmente, a obesidade pode também estar relacionada com a gestação, onde o feto desenvolve-se de maneira adversa à ideal, dado a falta de alimento e nutrientes necessários para o seu correto desenvolvimento.

Outro grande problema ligado à desnutrição são as condições das habitações. Está provado que casas sem pavimento aumentam as probabilidades de doenças e acentuam a desnutrição. Da mesma forma, a falta de condições de saneamento básico, de água em casa, aumentam a probabilidade de contração de doenças graves e impedem o desenvolvimento corporal normal dos indivíduos. Nestes aglomerados, é normal a predominância de pessoas de baixa estatura intrinsecamente ligados a essa realidade.

Encontrar uma casa é uma tarefa árdua para os moradores dos grandes centros urbanos. A habitação representa o centro de estabilidade de um trabalhador, necessitando que a mesma tenha condições mínimas de conforto para que possa viver condignamente. Assim, encontrar uma habitação em São Paulo, por exemplo, revela-se uma tarefa cada vez mais difícil, sobretudo porque apenas pessoas com maior rendimento podem pagar por elas. Isto fez com que haja um aumento exponencial das favelas em áreas periféricas, a chamada “cidade ilegal”. Neste contexto, as políticas de planeamento do desenvolvimento urbano apresentaram-se pouco efetivas. Ironizando esta grave realidade, algumas notícias foram publicados afirmando que era mais barato comprar castelos na Europa que apartamentos no Rio de Janeiro. Assim, um castelo com dez hectares na França, por exemplo, é mais barato que um apartamento de quatrocentos e cinquenta metros quadrados na zona oeste do Rio, que chega aos R\$3.68 milhões²⁵.

Consequentemente, os problemas urbanísticos advieram, sobretudo, do aumento da concentração de população como mão-de-obra necessária para o desenvolvimento da atividade produtiva. Os trabalhadores viviam e vivem sobretudo

²⁵ “Castelos na Europa são vendidos por preços menores que imóveis no Rio de Janeiro - Notícias - LUGARCERTO”, acessado 25 de Novembro de 2013, http://estadodeminas.lugarcerto.com.br/app/noticia/noticias/2013/09/25/interna_noticias,47552/castelos-na-europa-sao-vendidos-por-precos-menores-que-imoveis-no-rio-de-janeiro.shtml.

em cortiços, já que não tinham condições de alugar/comprar moradias em melhores condições.

Até à Era Vargas, o crescimento urbano fez-se de forma pouco planeada e surtindo poucos efeitos, também devido ao crescimento descontrolado da cidade. Com Getúlio Vargas (1930-45; 1951-54), procurou-se criar incentivos de forma que a população mais carenciada pudesse comprar habitação, com a facilitação do crédito. Não obstante, esta medida abrangia apenas trabalhadores com contrato de trabalho, tornando-a muito limitada.

Uma lei importante foi a de 1942 que protegia o inquilino, amparando-o contra possíveis violações aos seus direitos. Da mesma forma, a Fundação da Casa Popular e o Instituto de Aposentadoria e Pensões, através da intervenção do Estado, criaram mecanismos que ajudavam a obter empréstimos. Porém, embora essas medidas não tenham conseguido produzir os efeitos necessários, melhoravam a situação anterior. Com a industrialização crescente das cidades, aumentou abruptamente as áreas periféricas, sendo muito difícil conseguir criar mecanismos que respondessem de forma efetiva ao crescimento da população. Neste contexto, os diferentes governos, ao longo do século XX, procuraram dar respostas ao aumento da procura de moradias, mas, no entanto foram incapazes devido a uma concentração populacional não esperada.

Procurando integrar a política habitacional com o planeamento urbano, a Secretaria de Política Urbana surge como uma forma de dar aos municípios maior autonomia na promoção de políticas de habitação. Todavia, acabou por prejudicar as camadas mais populares no acesso à habitação, ao mesmo tempo que as verbas eram mais limitadas, menores e nem sempre chegavam²⁶. A construção de moradias por via ilegal persiste e muitas vezes sem as condições necessárias para a subsistência de forma condigna. Esta realidade acabou também por transparecer a falta de planeamento das cidades brasileiras.

Paralelamente à dificuldade no acesso e à falta de condições básicas, compreende-se que a alimentação, quando ocorre, é feita de forma incorreta.

²⁶ SILVA, Simone Conceição, "Intervenções Estatais nas políticas para habitação", *Revista de Iniciação Científica da FFC* 10, nº 3 (30 de novembro de 2010), <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/328>.

“Salgadinhos” são preferidos (e esse tipo de alimentação é muitas vezes mais barata) a alimentos ricos em nutrientes. Os fritos predominam também na alimentação da população, o que agrava muito o problema, já que quando comem, ingerem alimentos que não são os necessários para o corpo.

Comparativamente com São Paulo, Maceió ainda tem condições de vida piores. Grande parte da população pobre vive em casas de plástico, é majoritariamente analfabeta e obtém rendimentos sobretudo de trabalhos temporários, conhecidos popularmente como “bicos”. O consumo de alimentos está muito abaixo do mínimo diário necessário à subsistência. Desta forma, é necessária a criação de uma cultura de combate à desnutrição. Um exemplo de sucesso dado é o caso da Tailândia, que conseguiu reduzir a desnutrição de 50% em 1982 para 10% em 1996²⁷. Estes números são muito significativos e representam muitas crianças que foram salvas por esta nova cultura. No entanto, é preciso não esquecer que *estamos a um passo de comemorar a superação da desnutrição aguda no País. O Brasil que encontramos em 2003 não existe mais*²⁸.

Outra realidade preocupante no Brasil é a violência. Entre as dez cidades mais perigosas do mundo, o Brasil tem duas cidades que ocupam o sexto lugar, Maceió, com uma média de cerca de oitenta e seis pessoas homicídios por cada mil habitantes e João Pessoa, com uma média de cerca de setenta e um homicídios por cada mil habitantes²⁹. Se pensarmos na lista das cinquenta cidades mais perigosas do mundo, o Brasil tem dezasseis cidades como algumas das mais violentas do mundo³⁰.

Com tantas contradições, alguns dos entrevistados mantêm uma posição crítica em afirmar que o Brasil é uma Potência Emergente, devido aos seus graves problemas internos, que o colocam no nível dos países subdesenvolvidos. O jornal *El País* lançou

²⁷ SAWAYA, A. L.; SOLYMOS, G. M. B.; FLORÊNCIO, T. T.; MARTINS, P. A. Os dois Brasis: quem são, onde estão e como vivem os pobres brasileiros. Estudos Avançados (USP. Impresso), v. 17, p. 1

²⁸ Portal Brasil, “Brasil conquista primeira geração de crianças sem fome”, Notícia, Portal Brasil, acessado 19 de março de 2014, <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/03/brasil-conquista-primeira-geracao-de-criancas-sem-fome>.

²⁹ “10 cidades mais violentas do mundo – Superlistas”, *Superinteressante*, acessado 11 de Novembro de 2013, <http://super.abril.com.br/blogs/blogs/superlistas/10-cidades-mais-violentas-do-mundo/>.

³⁰ “Brasil tem 16 cidades entre as 50 mais violentas do mundo, diz ONG mexicana”, *Internacional*, acessado 17 de Janeiro de 2014, <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2014/01/17/brasil-tem-16-cidades-entre-as-50-mais-violentas-do-mundo-diz-ong-mexicana.htm>.

um debate intitulado: *¿Brasil es una potencia emergente con pies de barro?*³¹, procurando compreender até que medida o Brasil pode ser considerado como uma Potência Emergente. Já a BBC Brasil destacou, colocando em causa o estatuto de potência do Brasil, que a média de homicídios no país é superior a vários conflitos armados (Tabela 1). Num período de trinta anos, foram mortas cerca de 1.09 milhões de pessoas com armas de fogo³². Estudos realizados com o apoio do governo e instituições especializadas permitem-nos compreender o panorama geral da violência no Brasil, assim como o “Mapa da Violência”. Os estudos realizados nessa entidade concluem que as zonas do interior são as mais violentas, assim como os homicídios são mais frequentes nas camadas mais jovem da população. Segundo esse estudo, sob a responsabilidade de Julio Jacobo Waiselfisz, podemos observar que a violência tem diminuído desde 2003, mas os números continuam alarmantes (Gráfico 1). O Brasil tem um número de mortos com armas de fogo anual superior a conflitos territoriais e guerras civis.

Num estudo semelhante, intitulado “A cor dos homicídios no Brasil”, foi concluído que a maior parte dos homicídios envolvem negros e pardos³³. Apesar da população brasileira ser caracterizada pela sua miscigenação, ainda continua a existir uma grande diferença no acesso da população a bens e serviços essenciais. Por exemplo, o acesso a uma educação de qualidade é um grande problema no Brasil. O governo tem procurado, assim, amenizar esta disparidade com mecanismos de quota. Como por exemplo no acesso ao ensino universitário, cinquenta por cento das vagas estarão reservadas para as camadas da população mais carenciadas, provenientes de escolas públicas, realidade que se concretizou em 2013. Não obstante, as universidades terão um período de quatro anos para a aplicação total da lei ³⁴.

³¹ Ediciones El País, “¿Brasil es una potencia emergente con pies de barro?”, *EL PAÍS*, 9 de fevereiro de 2012, http://internacional.elpais.com/internacional/2012/02/09/eldebate/1328812307_364926.html.

³² “BBC Brasil - Notícias - Média de homicídios no Brasil é superior à de guerras, diz estudo”, acessado 8 de janeiro de 2013, http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111214_mapaviolencia_pai.shtml.

³³ WASELFISZ, Júlio Jacobo “Mapa da violência 2012: A Cor dos homicídios no Brasil.”, *Mapa da Violência 2012*, 2012, <http://mapadaviolencia.org.br/index.php>.

³⁴ CIEGLINSKI, Amanda, “EBC | Educação | Entenda a Lei de Cotas nas universidades federais”, acessado 9 de janeiro de 2013, <http://www.ebc.com.br/educacao/2012/10/entenda-a-lei-de-cotas-nas-universidades-federais>.

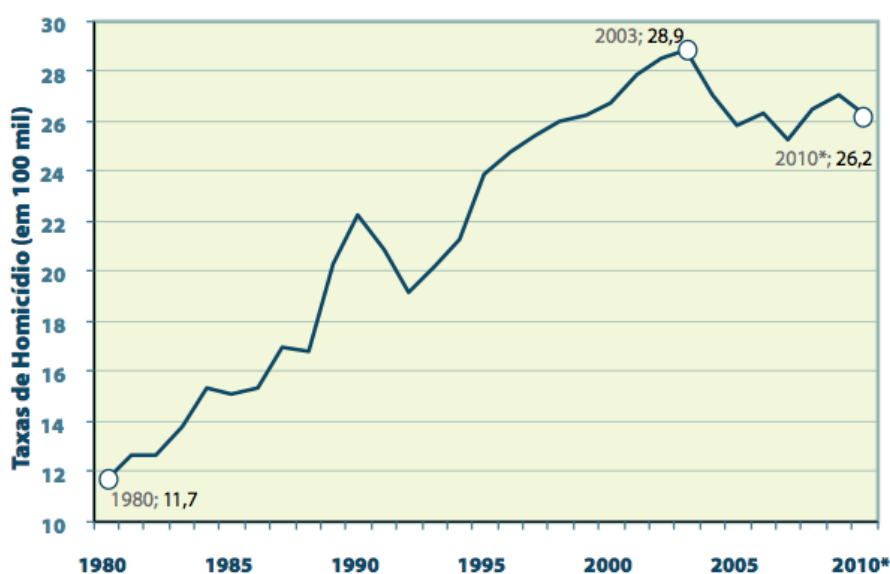
Tabela 1: Mortalidade em conflitos armados no Mundo em comparação com o Brasil ³⁵

PAÍS/CONFLITO	NATUREZA DO CONFLITO	PERÍODO	ANOS DE DURAÇÃO	N. DE MORTES	MORTOS /ANO
BRASIL	HOMICÍDIOS	1980-2010	30	1,091,125	36,371
CHECHÊNIA/ RUSSIA	MOVIMENTO EMANCIPATÓRIO/ ÉTNICO	1994-1996	2	50,000	25,000
ETIÓPIA - ERITREIA	DISPUTA TERRITORIAL	1998-2000	2	50,000	25,000
GUATEMALA	GUERRA CIVIL	1970-1994	24	400,000	16,667
ALGERIA	GUERRA CIVIL	1992-1999	7	70,000	10,000
GUERRA DO GOLFO	DISPUTA TERRITORIAL	1990-1991	1	10,000	10,000
EL SALVADOR	GUERRA CIVIL	1980-1992	12	80,000	6,667
ARMÊNIA -AZERBAIJÃO	DISPUTA TERRITORIAL	1988-1994	6	30,000	5,000
NICARÁGUA	GUERRA CIVIL	1972-1979	7	30,000	4,286
TIMOR LESTE	INDEPENDÊNCIA	1974-2000	26	100,000	3,846
KURDOS	DISPUTA TERRITORIAL/ MOVIMENTO EMANCIPATÓRIO	1961-2000	39	120,000	3,076
ANGOLA	INDEPENDÊNCIA	1961-1974	13	39,000	3,000
ANGOLA	GUERRA CIVIL/UNITA	1975-2002	27	550,000	20,370
MOÇAMBIQUE	INDEPENDÊNCIA/ GUERRA CIVIL	1962-1975	13	35,000	2,692
ISRAEL - PALESTINA	DISPUTA TERRITORIAL/ RELIGIOSA	1947-2000	53	125,000	2,358
SRI LANKA	GUERRA CIVIL	1978-2000	22	50,000	2,273
ISRAEL - EGITO	DISPUTA TERRITORIAL	1967-1970	3	6,400	2,133
GUERRA DAS MALVINAS	DISPUTA TERRITORIAL	1982	1	2,000	2,000
SOMÁLIA	GUERRA CIVIL	1982-2000	18	30,000	1,666
2ª INTIFADA	DISPUTA TERRITORIAL	2000-2001	1	1,500	1,500
CAMBOJA	GUERRA CIVIL/ DISPUTA TERRITORIAL	1979-1997	18	25,000	1,388
PERU	GUERRA CIVIL/ GUERRILHA	1981-2000	19	25,000	1,316
COLÔMBIA	GUERRA CIVIL/ GUERRILHA	1964-2000	36	45,000	1,250
CAXEMIRA	MOVIMENTO EMANCIPATÓRIO	1947-2000	53	65,000	1,226
1ª INTIFADA	DISPUTA TERRITORIAL	1987-1992	5	1,759	352
IRLANDA DO NORTE	GUERRA CIVIL/ MOVIMENTO EMANCIPATÓRIO	1968-1994	26	3,100	119

Fonte: Mortes Matadas por Armas de Fogo.

³⁵ WASELFSZ, Julio Jacobo, "Mapa da violência 2012: Os novos Padrões da violência homicida no Brasil", *Mapa da Violência 2012*, 2012, 22, <http://mapadaviolencia.org.br/mapa2012.php>.

Gráfico 1: A evolução das taxas de homicídio no Brasil entre 1980/2010³⁶



O mandato de Luís Inácio Lula da Silva marca, um novo período na história brasileira. Em termos de política externa, há uma mudança clara no seguimento de uma política multilateral, que, conseqüentemente, aumentou a visibilidade externa do país e intensificou as parcerias externas. Em termos de política econômica, assistimos, sobretudo, a uma continuação da política iniciada durante o mandato de Fernando Henrique Cardoso, mas com uma ênfase muito maior em políticas de apoio social e na diminuição da disparidade social.

Em 2000, a cimeira Millenium estabeleceu uma série de objetivos primordiais tendo em vista a erradicação da pobreza extrema e melhorar as condições de vida dos cidadãos até 2015. Estes objetivos englobam os países onde continuam a persistir cidadãos a viverem com menos de um dólar por dia, incluindo o Brasil. Neste cenário, a África Subariana, em comparação com os restantes países, é dos países que mais terá dificuldades em cumprir os objetivos do Programa Millenium. Os objetivos Millenium são simples, mas ambiciosos: erradicar a pobreza extrema, garantir o ensino primário universal, promover a igualdade de género, melhorar as condições de saúde e higiene

³⁶ Ibid. p.23

para as grávidas e crianças, luta contra a SIDA, Malária e outras doenças, garantir crescimento sustentável e desenvolver uma cooperação a nível mundial³⁷. Em 2012, o Brasil conseguiu superar os objetivos do Programa Millenium, conquistando a primeira geração de crianças sem fome³⁸, com acesso à alimentação, escola e casa. Os sucessos das medidas implementadas devem-se aos resultados conjuntos do Programa Brasil sem Miséria, que englobam o Bolsa Família e o programa habitacional Minha Casa minha Vida.

Conclui-se que o Brasil tem conseguido diminuir a disparidade social, mas ainda tem um longo caminho a percorrer. Os censos realizados em 2010 afirmam que no Brasil existem cerca de 16,27 milhões de pessoas em condições de pobreza extrema. Segundo o presidente do Instituto de Pesquisa Económica Aplicada (Ipea), Márcio Pochmann, *essa taxa [de 8,5% dos brasileiros em situação de miséria] indica que não estamos falando de uma taxa residual. A taxa de extrema pobreza atinge quase um brasileiro a cada dez*³⁹. Das conclusões tiradas do censo, ressalta o facto de que a maior parte da população que vive nessas condições extremas são negros ou pardos.

O Brasil é um país de contradições. Ao mesmo tempo que caminha para o desenvolvimento, tem aspetos na sua sociedade que só podem ser comparados aos países subdesenvolvidos. Como diz Julia E. Sweig *Brazil is a developing country and a developed country*⁴⁰.

É importante estabelecer a distinção entre crescimento económico e desenvolvimento, uma vez que muitas vezes os conceitos são confundidos. Crescimento económico diz respeito ao *processo de aumento objetivo de bens e serviços de uma economia num determinado período, contribuindo, assim, para o aumento de fluxo de rendimento nacional*⁴¹. Desenvolvimento, por sua vez, é o *conjunto das mudanças no*

³⁷ "United Nations Millennium Development Goals", acessado 18 de janeiro de 2012, <http://www.un.org/millenniumgoals/poverty.shtml>.

³⁸ Portal Brasil, "Brasil conquista primeira geração de crianças sem fome", Notícia, Portal Brasil, acessado 19 de março de 2014, <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/03/brasil-conquista-primeira-geracao-de-criancas-sem-fome>.

³⁹ PASSARINHO, Nathalia, "G1 - Brasil tem 16,27 milhões de pessoas em extrema pobreza, diz governo - notícias em Política", acessado 9 de janeiro de 2013, <http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/05/brasil-tem-1627-milhoes-de-pessoas-em-situacao-de-extrema-pobreza.html>.

⁴⁰ SWEIG, Julia E. "A New Global Player", *Foreign Affairs*, 1 de novembro de 2010, <http://www.foreignaffairs.com/articles/66868/julia-e-sweig/a-new-global-player?page=show>.

⁴¹ SOUSA, Fernanda (Dir.), *Dicionário de Relações Internacionais*, 68.

*sistema económico e social, assim como no tipo de organização, que condicionam e facilitam o crescimento. Transformação das estruturas mentais e institucionais que permitem a aparição e a continuidade do crescimento*⁴².

Segundo os analistas Natalie Ramirez-Djumena e Jair Rodriguez, existem cinco características que são determinantes para que possa ser mantida uma alta taxa de crescimento económico, como é o exemplo da China na última década. Apesar disso, *sustained fast growth is not a miracle—it is possible for developing countries, as long as their leaders are committed to it and take advantage of the opportunities provided by the global economy*⁴³.

Para que taxas de crescimento altas sejam mantidas, é necessário, primeiramente, estabilidade macroeconómica, isto é, controlar os níveis de inflação e a dívida externa, políticas que o Brasil tem conseguido executar com sucesso. De acordo com a Figura 1, é preciso que se mantenha uma série de fatores conjugados, o que é uma tarefa complicada. Não obstante o crescimento e desenvolvimento não serem sinónimos, um é visto com maior importância sobre o outro. Crescimento económico é o que os países procuram, mesmo quando em detrimento do desenvolvimento, uma vez que o seu estatuto internacional, os investimentos, aumentam exponencialmente quando estão em crescimento. Prova deste argumento é o facto da África do Sul ser colocada no grupo económico dos BRIC. Da mesma forma, investidores analisam as taxas de crescimento, investindo nas economias com maior potencial.

⁴² Ibidem, 75.

⁴³ DJUMENA, Natalie Ramirez e RODRIGUEZ, Jair, “The Ingredients of Sustained High Growth”, *Finance and Development / F&D*, 2008, <https://www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/2008/12/picture.htm>.

Figura 1 – Cinco características comuns do crescimento económico sustentado⁴⁴



Assim sendo, podemos concluir que ter crescimento económico não significa desenvolvimento, nem desenvolvimento significa apenas crescimento. Apesar de correlacionadas, é erróneo dizer que uma economia que está em expansão, em crescimento, está a desenvolver-se.

Segundo o dicionário de Relações Internacionais, países subdesenvolvidos caracterizam-se por ainda não terem tido uma revolução industrial significativa, *apreendido por um conjunto de indicadores que demonstram o atraso do desenvolvimento e por um conjunto de aspectos que demonstram os bloqueios ao desenvolvimento*⁴⁵.

Desde Lula, o governo tem procurado responder de forma efetiva aos problemas existentes na sociedade brasileira. O PAC - Programa de Aceleração do Crescimento - foi criado no segundo mandato de Lula, com duração de quatro anos, visando desenvolver o país. Os resultados do programa foram extremamente positivos, *o PAC ajudou a dobrar os investimentos públicos brasileiros (de 1,62% do PIB em 2006 para 3,27% em 2010) e ajudou o Brasil a gerar um volume recorde de empregos* –

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ SOUSA, Fernanda (Dir.), *Dicionário de Relações Internacionais*, 193.

8,2 milhões de postos de trabalho criados no período.⁴⁶ Em 2011, iniciou-se o PAC 2 que se estende até 2014, sendo que destacamos os seguintes resultados alcançados até Agosto de 2013⁴⁷:

- O PAC2 encontra-se concluído em 67,2%, equivalente a 665 mil milhões de reais (infraestrutura e desenvolvimento social);
- Investimentos públicos em:
 - **Transportes:** investimento de 37,6 mil milhões de reais, com um grande investimento na rede ferroviária, rodovias, aeroportos e portos;
 - **Energia:** aposta em energias renováveis e geração de energia, assim como na exploração e refinação de petróleo e gás, equivalentes a 161,1 mil milhões de reais;
 - **Programa Minha Casa Minha Vida:** programa inovador com um grande impacto na população carente, que financiou casas a 1,89 milhão de famílias, assim como promoveu a urbanização de 1.279 assentamentos precários.
 - **Água e Luz:** planeamento para que a luz e água cheguem a todo o Brasil, beneficiando milhões de pessoas, com um investimento de 6,3 mil milhões de reais.
 - **Cidade Melhor:** melhoria do saneamento básico, da mobilidade urbana, dos pavimentos e prevenção nas áreas de risco, custando 1,9 mil milhões de reais.
 - **Comunidade cidadã:** aumento das unidades de atendimento de saúde, de infantários e pré-escolares, assim como de espaços de

⁴⁶ CURY, Anay e SANTIAGO, Tatiana, “Dilma quer troca de ofertas entre Mercosul e União Europeia em janeiro”, *Economia*, acessado 16 de fevereiro de 2014, <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/12/dilma-quer-troca-de-ofertas-entre-mercosul-e-uniao-europeia-em-janeiro.html>.

⁴⁷ Comitê Gestor do PAC, “PAC 2 - A gente faz um Brasil de Oportunidades” (8º balanço, agosto de 2013), <http://www.pac.gov.br/pub/up/relatorio/ffaff442f57973143fbd0a6c39b8ae69.pdf>.

recriação que incentivem o desporto, arte e a cultura. O investimento é de 3,2 mil milhões de reais⁴⁸.

Existe outro programa muito importante do governo brasileiro que é o projeto “Brasil a três tempos”, a primeira tentativa de planeamento regional a longo prazo. Até ao seu lançamento, predominava uma visão de curto prazo, ou seja, em que o planeamento regional era feito com base em planos plurianuais, com adendas ao orçamento de Estado. Compreendendo a importância de se fazer uma mudança profunda, com um plano de desenvolvimento consolidado, o governo de Lula adotou uma perspetiva diferente das anteriores, dado o insucesso dos planos plurianuais para as reformas que o Brasil precisa e anseia. Desta forma, estão previstas reformas estruturais que demorarão mais de setenta anos. O que se revela muito importante neste plano é que abandona-se a perspetiva dos planos serem um projeto partidário, ou seja, busca-se um projeto nacional, indistinto. Não obstante, todo este planeamento pode ser posto em causa se um partido resolver ter outra agenda, o que é bastante provável de acontecer, caso não seja o PT de Dilma Rousseff a ganhar as eleições de 2014.

Desde o governo de Lula, 22 milhões de pessoas foram retiradas da pobreza extrema⁴⁹, revelando o sucesso das políticas de apoio e de inclusão social. Em Junho de 2011, é lançado o programa Brasil sem Miséria, cujo objetivo primeiro é erradicar a pobreza extrema até 2014. O programa é composto por três grandes eixos:

1. **Garantia de Renda** - governo dá uma bolsa mensal para famílias muito pobres, o Bolsa Família;
2. **Acesso a serviços públicos** – melhoria das condições de saúde, educação e cidadania;
3. **Inclusão produtiva** – programas que visam a maior integração da população ao mercado de trabalho, criando uma fonte de rendimento

⁴⁸ Ibidem, 32.

⁴⁹ “Brasil Sem Miséria retira 22 milhões da pobreza extrema”, *Carta Maior*, acessado 16 de fevereiro de 2014, <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Brasil-Sem-Miseria-retira-22-milhoes-da-pobreza-extrema/4/27424>.

para as famílias⁵⁰.

Segundo o Banco Mundial, o programa Bolsa Família (...) *is an innovative social initiative taken by the Brazilian Government. It reaches 11 million families, more than 46 million people, a major portion of the country's low-income population.*⁵¹ As contrapartidas para as famílias que recebem o apoio financeiro é manter os seus filhos na escola, assim como levá-los com mais regularidade para fazer *check-ups* nos postos de saúde. As famílias que beneficiam deste apoio também têm uma série de outros programas de apoio, como cursos gratuitos para aumentar a sua formação, levando a inclusão futura no mercado de trabalho.

Referente ao segundo pilar, acesso à serviços públicos, destacamos o programa *Mais Médicos*, onde o governo brasileiro firmou uma parceria com o governo Cubano para a receção de médicos nas regiões onde não existe um apoio adequado a educação. Apesar da crítica dos médicos brasileiros e de sectores mais conservadores da sociedade, a população tem beneficiado muito dos médicos cubanos, que para além de colmatarem uma falta grave no acesso à saúde no Brasil, têm uma postura mais próxima e atenta as necessidades do paciente. Esta é um programa que resultou diretamente das manifestações populares que ocorreram em Junho de 2013, consideradas as maiores da história brasileira.

A revolta da população iniciou com o aumento de R\$ 0,20 centavos nos transportes urbanos em São Paulo, e acabou por espalhar-se pelas grandes cidades do Brasil. Estudantes que já têm desconto de cinquenta por cento no valor do transporte, reivindicavam o “passe livre”, ou seja, transporte gratuito, que acabou por ser concedido em algumas cidades brasileiras, como Cuiabá e Rio de Janeiro. Os utentes dos transportes públicos recusavam aceitar os aumentos, considerando os transportes *per si* muito caros. Gritavam também por um “padrão FIFA” na qualidade dos hospitais e escolas⁵².

⁵⁰ “É o Estado chegando aonde a pobreza está — Portal Brasil Sem Miséria”, *Brasil sem Miséria*, 22 de janeiro de 2014, <http://www.brasilsemmiseria.gov.br/apresentacao>.

⁵¹ Banco Mundial, “Bolsa Família: Changing the Lives of Millions in Brazil”, *News & Broadcast*, acessado 16 de janeiro de 2014, <http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/NEWS/0,,contentMDK:21447054~pagePK:64257043~piPK:437376~theSitePK:4607,00.html>.

⁵² “Copa do Mundo: arrastão das ruas não vinga e Fifa celebra venda de ingressos | Quintal da Notícia – Sua fonte de informações da região oeste de SP”, acessado 10 de Novembro de 2013,

Rapidamente as manifestações começaram a ganhar novas formas. Os manifestantes, que encheram as ruas de várias capitais, começaram a pedir por reformas políticas, melhores condições de acesso à educação, segurança e saúde. O governo de Dilma Rousseff mostrou ouvir as reivindicações da população, criando uma série de medidas tendo em vista melhorar as condições de vida da população brasileira, consolidado nos “Cinco Pactos por um Brasil Melhor”: Mobilidade Urbana, Saúde, Reforma Política, Educação e Responsabilidade Fiscal. Este pacto representa o reforçar dos objetivos presentes no PAC, tendo um impacto muito positivo na vida dos cidadãos brasileiros.

Dos cinco pactos, os resultados mais significativos estão na mobilidade urbana, na saúde e na educação. As duas últimas contarão com a injeção de milhões de reais, provenientes dos *royalties* do petróleo. Espera-se que, nos próximos trinta anos, sejam investidos na educação R\$ 368 mil milhões de reais⁵³.

Em 2001, segundo um levantamento da Fundação Getúlio Vargas, *o Brasil tinha 50 milhões de pessoas (29,3% da população) em situação de indigência e seria necessário gastar R\$ 1,69 bilhão mensalmente para erradicar a fome no país*⁵⁴. Assim, predominava no país a concentração dos rendimentos em uma pequena parte da população. Comprova-se que *no Brasil, o problema da pobreza não é de falta de recursos, mas de má distribuição de renda*⁵⁵.

Desta forma, o governo brasileiro, desde o mandato de Lula, tem demonstrado uma grande dedicação e preocupação na melhoria das condições de vida dos brasileiros, de tal forma que existe uma nova classe média do país, conhecida como classe C. Esta classe teve um crescimento muito expressivo, correspondendo a 108 milhões de pessoas⁵⁶, cerca de 54% da população total do Brasil, tendo duplicado quando

<http://quintaldanoticia.com.br/2013/11/09/copa-do-mundo-arrastao-das-ruas-nao-vinga-e-fifa-celebra-venda-de-ingressos/>.

⁵³ Do G1 e em Brasília, “Royalties vão injetar R\$ 368 bilhões na educação em 30 anos, diz ministro”, *Educação*, acessado 12 de setembro de 2013, <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/09/royalties-vao-injetar-r-368-bilhoes-na-educacao-em-30-anos-diz-ministro.html>.

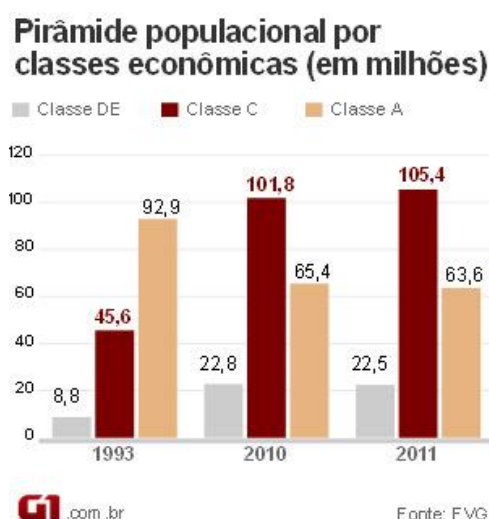
⁵⁴ ESCÓSSIA, Fernanda e GOIS, Antônio, “País tem 50 milhões de indigentes, diz FGV”, *UOL*, 10 de julho de 2001, <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1007200125.htm>.

⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁶ “Classe C tem 18º maior mercado consumidor do mundo”, acessado 19 de fevereiro de 2014, <http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/classe-c-tem-18o-maior-mercado-consumidor-do-mundo/?cHash=745cafa08894c7eee74e1fe6b747f387>.

comparado com o período de 1993-2011, e contínua em expansão (Gráfico 2). Esses números são de tal forma expressivos que chegam a movimentar R\$ 1,17 bilhão⁵⁷ de reais, o que corresponde ao décimo oitavo maior mercado consumidor do mundo.

Gráfico 2 – Comparação entre as diferentes classes no Brasil entre 1993 e 2011⁵⁸



Segundo Francis Fukuyama, *economic growth has led to the emergence of new middle classes in countries such as Brazil, India, Indonesia, South Africa, and Turkey. As the economist Moisés Naím has pointed out, these middle classes are relatively well educated, own property, and are technologically connected to the outside world. They are demanding of their governments and mobilize easily as a result of their access to technology. It should not be surprising that the chief instigators of the Arab Spring uprisings were well-educated Tunisians and Egyptians whose expectations for jobs and political participation were stymied by the dictatorships under which they lived.*⁵⁹ Neste sentido, é devido a ascensão desta nova classe económica, que tem acesso a bens e serviços que antes não tinha, que a permite ter uma perceção diferente da sociedade onde estão inseridos, e que usam das novas tecnologias para reunir multidões. Por

⁵⁷ Ibidem.

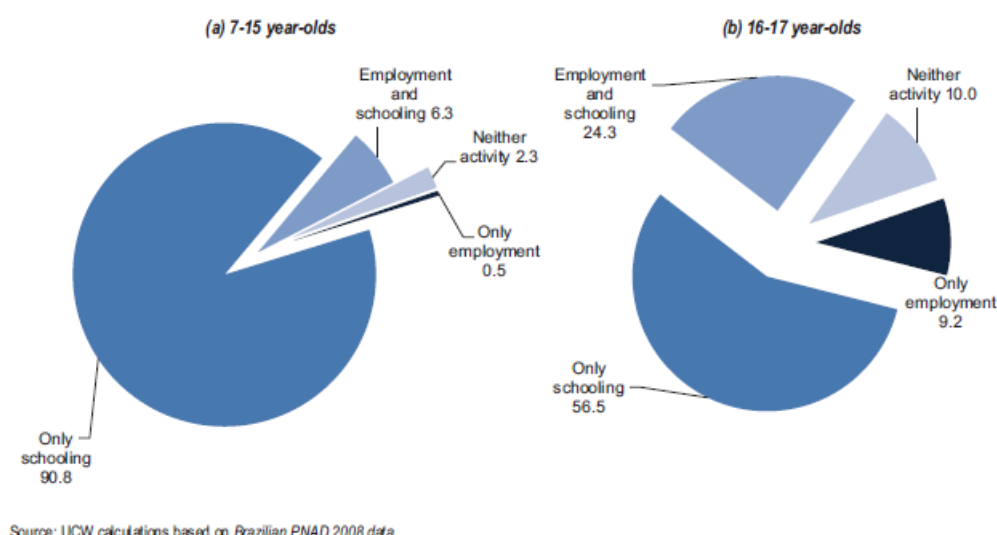
⁵⁸ “Classe C ganha 39,5 milhões de pessoas, diz FGV”, *Língua de Fogo - A voz dos bancários*, acessado 28 de novembro de 2011, <http://linguadefogo2.wordpress.com/2011/06/28/classe-c-ganha-395-milhoes-de-pessoas-diz-fgv/>.

⁵⁹ FUKUYAMA, Francis, “The Future of History”, *Foreign Affairs*, 1 de janeiro de 2012, <http://www.foreignaffairs.com/articles/136782/francis-fukuyama/the-future-of-history>.

exemplo, grande parte das manifestações no Brasil foram divulgadas e até mesmo convocadas através da criação de eventos no Facebook.

Mudanças significativas foram implementadas e têm tido resultados muito expressivos na vida da população brasileira. Com uma distribuição de renda mais equitativa, as famílias conseguem dar melhores condições de vida aos seus filhos, o que teve um impacto muito positivo na diminuição do trabalho infantil.

Gráfico 3 - Distribuição das crianças por categoria de atividade, nas faixas etárias de 7-15 anos e 16-17 anos (2008)



Como podemos observar no Gráfico 3, a maior parte da população jovem frequenta o ensino básico e secundário. Entre os 7 e os 15 anos, apenas 0.5% da população apenas trabalha, 6.3% trabalham e estudam, correspondendo a 97.1% de ingresso escolar. Em termos do ensino secundário, os números são menos animadores, mas continuam a ser expressivos. Os estudantes entre 16 e 17 anos correspondem a 80.8%, sendo que apenas 9,2 dedica-se exclusivamente ao trabalho. *Not only did the level of involvement in employment decline substantially, but the age of entry in employment increased by almost two years. In 1992, participation rates were positive for children aged eight years or more, while in 2008, the involvement of children in*

*employment remained essentially negligible until the age of 10 years, and started to only increase thereafter*⁶⁰. Apesar de o trabalho infantil não ter sido ainda erradicado completamente do país, estes números comprovam o impacto positivo da melhor distribuição de rendimentos no Brasil, que possibilita que jovens provenientes de famílias com baixo rendimento possam ter uma melhor formação. Igualmente, visando estimular a participação escolar, uma das contrapartidas do programa “Bolsa Família” é que as crianças frequentem as escolas. Segundo o depoimento de uma família apoiada pelo programa, Dinalva Pereira de Moura afirma que o Bolsa Família *foi uma coisa maravilhosa para mim e para minha família. Tenho três filhos e meu marido está desempregado. O Bolsa Família me ajuda a comprar comida. Às vezes até dá para comprar frutas para as crianças. Meus filhos sabem que quando a gente recebe o dinheiro eles terão mais para comer, e assim ficam bastante contentes. Eles também não deixam de ir à escola, pois sabem que o dinheiro depende disso*⁶¹.

O acesso à educação de nível superior no Brasil aumentou significativamente para as famílias mais carentes. Reconhecendo que a qualidade da educação nas escolas públicas precisa melhorar bastante, foram instituídas cotas de entrada para estudantes oriundos de escolas públicas. Até então, a maioria das vagas das universidades federais, as mais almejadas no país, estavam destinadas a estudantes provenientes de escolas particulares, que têm uma preparação infinitamente superior, e conseguiam ter melhores resultados nos exames de admissão.

Investimentos significativos também têm sido feitos em tecnologia. O Brasil tem uma série de programas de apoio às empresas de base tecnológica, assim como existem instituições financiadas por programas do governo que visam apoiar o empreendedorismo inovador e as exportações, como é o exemplo da ApexBrasil – Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos.

⁶⁰ ROSTATI, Furio C. (coord.), “Understanding the Brazilian success in reducing child labour: empirical evidence and policy lessons”, *Drawing policy lessons from the Brazilian experience*, junho de 2011, 84, http://www-wds.worldbank.org/external/default/WDSCContentServer/WDSP/IB/2011/07/21/000333037_20110721020559/Rendered/PDF/633000WP0Youth00Box0361511B0PUBLIC0.pdf%20pg.

⁶¹ “News & Broadcast - Uma revolução silenciosa muda a vida de milhões no Brasil e no mundo”, *Banco Mundial*, acessado 10 de outubro de 2013, <http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/NEWS/0,,contentMDK:21444879~pagePK:64257043~piPK:437376~theSitePK:4607,00.html>.

Tendo em vista apoiar a investigação e a classificação de alto nível dos investigadores e estudantes brasileiros, existe o programa “ciência sem fronteiras”, que concede bolsas de estudo para o estrangeiro e no Brasil.

Referente aos destaques da tecnologia Brasileira, a empresa aeronáutica, Embraer, está como a terceira maior fabricante de aviões do mundo⁶². Esta empresa é um marco importante na cooperação sino-brasileira. Durante a Conferência Rio+20, foi assinado um acordo entre a Embraer e a Aviation Industry Corporation of China (AVIC), para a produção de aviões jatos executivos Legacy 600/650. Para o diretor da Embraer, Frederico Fleury Curado, *o anúncio [da parceria] representa mais um marco no compromisso de longo prazo da Embraer com a China e nas relações bilaterais Brasil-China. Esta nova fase da parceria entre a Avic e a Embraer corrobora o que já foi chamado por líderes do governo de ambos os países de ‘um modelo de cooperação sul-sul’*⁶³.

Igualmente, o uso da energia nuclear, com uma tecnologia bastante competitiva, *utiliza 25 vezes menos energia para produção do que a técnica norte-americana ou a francesa*⁶⁴, uma aérea também importante na cooperação energética entre a RPC e o Brasil.

Para dirimir os problemas com acesso a uma habitação digna, outro programa muito importante criado pelo governo federal é o “Minha Casa, Minha Vida”, em parceria com a Caixa Federal. Visando colmatar as dificuldades da compra da casa própria e do mobiliário, o crédito é facilitado para famílias com rendimentos brutos até R\$ 5.000,00. Este programa já beneficiou cerca de dois milhões de famílias⁶⁵, que agora habitam em uma casa condigna. Para famílias com rendimentos até R\$ 1.600,00, o programa ainda oferece condições mais favoráveis, como apoio das prefeituras locais

⁶² RIBEIRO, Julio, “Embraer já é a 3ª maior fabricante de aviões do mundo”, *PressAd*, [s.d.], http://www.revistapress.com.br/root/materia_detalhe.asp?mat=353.

⁶³ <http://economia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2012/06/21/embraer-assina-acordo-para-fabricar-jatos-executivos-na-china.jhtm>

⁶⁴ GONÇALVES, Natália e CERIOLI, Luíza, “As relações bilaterais do Brasil com a Turquia e o Irã”, *Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais Sebreei*, nº Integração Regional e Cooperação Sul-Sul no século XXI (20 de junho de 2012): p.8, <http://www.ufrgs.br/sebreei/2012/wp-content/uploads/2013/01/Natalia-Barbosa-Argiles-Gon%D0%97alves-Lu%D0%B1za-Gimenez-Cerioli.pdf>.

⁶⁵ “Minha Casa Minha Vida”, acessado 10 de outubro de 2012, <http://www.caixa.gov.br/habitacao/mcmv/>.

ou cooperativas habitacionais.

Todos estes programas dependem da continuidade do governo de Dilma, uma vez que outro partido no poder poderia mudar todas as políticas estabelecidas ao longo dos últimos treze anos (2001-2014). Desta forma, 2014 é um ano determinante para o Brasil, uma vez que terá eleições presidenciais em Outubro e será sede do mundial de 2014.

Segundo as sondagens de intenção de votos no Brasil, Dilma obterá a vitória já no primeiro turno, com 43,7% dos votos. O segundo candidato aparece com apenas 17% das intenções de voto⁶⁶. Igualmente, as sondagens realizadas sobre a satisfação dos brasileiros em relação ao governo de Dilma mostram um quadro bastante positivo, com 61% da população classificando-o como “bom e ótimo”⁶⁷. Comparativamente com outros países, essa é uma taxa de satisfação elevada. Por exemplo, uma sondagem recente nos EUA aponta que apenas 34% da população americana está satisfeita com a atuação do presidente Barack Obama, um dos números mais baixos de sempre⁶⁸. Na Europa, assolada pela crise mundial, também predomina a insatisfação perante as ações do governo.

2014 é também o ano do campeonato Mundial de Futebol, sediado no Brasil, nas principais capitais do país⁶⁹. Entre a cidade de Manaus e Porto Alegre, por exemplo, os adeptos terão que percorrer mais de quatro mil quilómetros. De acordo com o website oficial do mundial de 2014, *para o Brasil, a Copa de 2014 é a oportunidade de o país dar um salto de modernização e apresentar não só sua capacidade de organização, como também força econômica para captar investimentos e os muitos atrativos que podem transformar o país em um dos mais importantes destinos turísticos do mundo a*

⁶⁶ OLIVEIRA, Mariana, Do G1 e em Brasília, “Pesquisa aponta Dilma com 43,7%, Aécio com 17% e Campos com 9,9%”, *Política*, acessado 12 de fevereiro de 2014, <http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/02/pesquisa-mda-aponta-dilma-com-437-e-aecio-com-17.html>.

⁶⁷ “61% se dizem otimistas em relação ao governo Dilma, indica CNI/Ibope - politica - Estadão.com.br”, *Estadão*, acessado 30 de outubro de 2013, <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,61-se-dizem-otimistas-em-relacao-ao-governo-dilma-indica-cniibope,893441,0.htm>.

⁶⁸ BROWN, Eric, “Obama At Lowest Approval Rating Ever: Fox News Poll”, *International Business Times*, 6 de março de 2014, <http://www.ibtimes.com/president-barack-obama-lowest-approval-rating-ever-says-fox-news-poll-1559885>.

⁶⁹ As capitais sede do Mundial 2014 são: Belo Horizonte, Brasília, Cuiabá, Curitiba, Fortaleza, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo.

*partir de um futuro próximo*⁷⁰. Foram, assim, investidos milhares de reais na melhoria das infraestruturas, melhoria dos estádios de futebol e acessibilidades. No entanto, as obras encontram-se atrasadas e existe grande preocupação se serão concluídas atempadamente, embora o governo brasileiro tenha vindo a reforçar a ideia que as obras serão terminadas antes do início do campeonato.

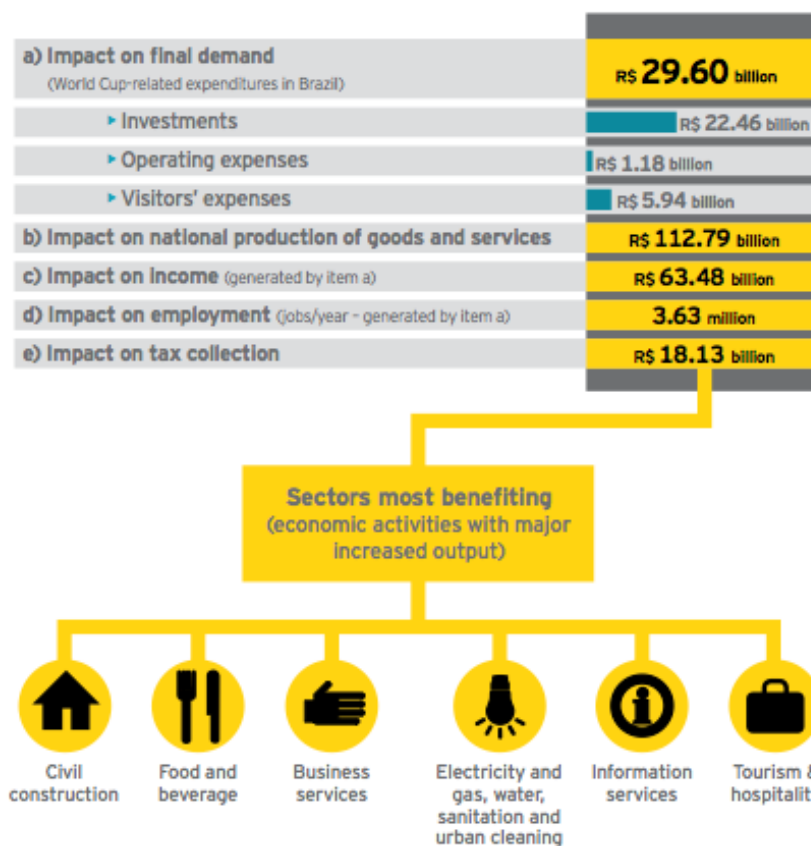
Receber um campeonato mundial é sempre uma grande responsabilidade para o país, mas é também uma grande oportunidade. Estudos estimam que *in addition to the R\$ 22.46 billion spent by Brazil on the World Cup to ensure an adequate infrastructure and organization, the tournament will bring an additional R\$112.79 billion to the Brazilian economy, with indirect and induced effects being produced thereafter. In total, an additional R\$ 142.39 billion will flow in the country from 2010 to 2014, generating 3.63 million jobs/year and R\$ 63.48 billion of income for the population, which will inevitably impact the domestic consumer market*⁷¹. Assim, os benefícios de sedear a mundial são muito expressivos e irão beneficiar muito a população brasileira. Além que, todas as obras que visam melhor as acessibilidades entre os diferentes estádios e infraestruturas, irão continuar após o Mundial, o que irá proporcionar maior desenvolvimento para o país.

Na Figura 2, podemos observar que os sectores mais beneficiados com o Mundial são os serviços, a construção civil, a alimentação, o sector turístico e os serviços públicos.

⁷⁰ “Portal 2014 | Por que o Brasil”, *Portal 2014, Sinaenco*, acessado 12 de dezembro de 2013, <http://www.portal2014.org.br/por-que-o-brasil/>.

⁷¹ CAMPOS, César Cunha (dir.), “Sustainable Brazil Social and Economic Impacts of the 2014 World Cup”, *Ernst & Young Terco*, 2011, 5, [http://www.ey.com.br/Publication/vwLUAssets/Sustainable_Brazil_-_World_Cup/\\$FILE/copa_2014.pdf](http://www.ey.com.br/Publication/vwLUAssets/Sustainable_Brazil_-_World_Cup/$FILE/copa_2014.pdf).

Figura 2: Impactos do Mundial de 2014 no Brasil⁷²



Em 2016, o país acolherá igualmente, no Rio de Janeiro, os Jogos Olímpicos e as Paraolimpíadas, com um custo de cerca de sete mil milhões de reais, totalmente financiado pela iniciativa privada⁷³.

Durante as entrevistas, perguntamos aos investigadores: “Qual é, para si, o maior problema do Brasil?” A esta questão, a maior parte dos entrevistados afirmou ser a desigualdade social. Das catorze entrevistas realizadas, sete entrevistados apontaram a desigualdade social como o maior problema do país (Gráfico 4). Segundo Prof. Adriano Duarte, *as profundas e abissais desigualdades sociais, que se replicam em desigualdades*

⁷² Ibidem, 5.

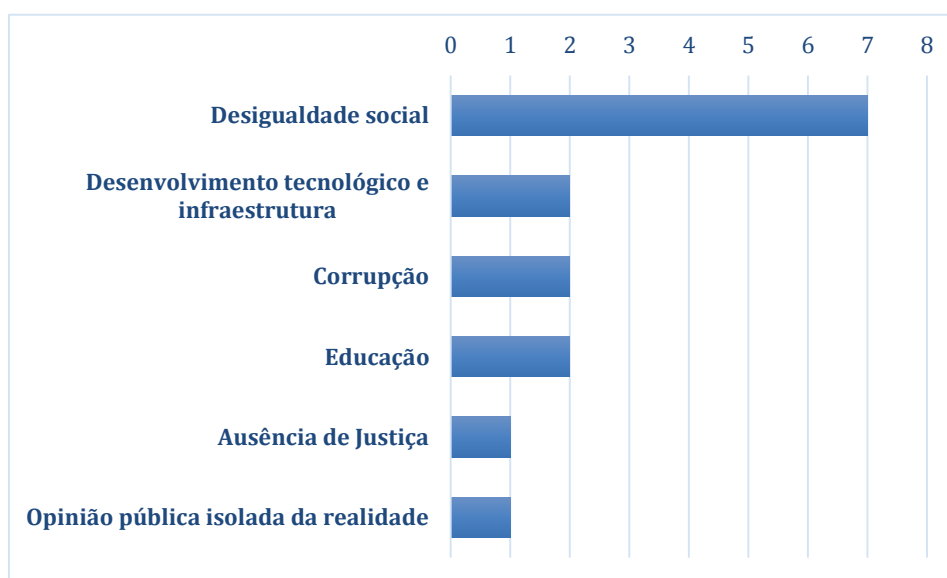
⁷³ FILIPO, Leonardo e GISMONDI, Lydia, “Orçamento do Comitê Rio 2016 para as Olimpíadas sobe para R\$ 7 bilhões”, *globoesporte.com*, acessado 23 de janeiro de 2014, <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2014/01/orcamento-dos-jogos-rio-2016-sobe-de-r-42-bi-para-r-7-bi.html>.

*regionais, em desigualdades urbanas, que replicam em diferenças de acesso à educação, diferenças de acesso à saúde pública, diferenças de acesso à cultura*⁷⁴.

Como mencionamos anteriormente, na última década, o governo brasileiro demonstrou uma grande preocupação em diminuir essa disparidade social, tendo resultados muito efetivos. No entanto, ainda são necessárias muitas políticas sociais e décadas de desenvolvimento sustentável para que o Brasil chegue no patamar de desenvolvimento desejado. Para o Prof. Márcio Voigt,

*É preciso não esquecer (...) a forma como a sociedade brasileira foi construída, de forma injusta. O acesso à maioria dos serviços que o Estado constrói, a forma como as elites gerenciaram o processo político e institucional brasileiro, que dentro do Brasil nós utilizamos muito uma expressão que acho que explica bem a caracterização disso, se classificamos como o modelo patrimonialista do Estado brasileiro, em que as elites utilizam o Estado como se bem privado fosse. Vários autores brasileiros clássicos fazem essa comparação, e creio que isso espelha bastante bem esse grande problema brasileiro. Uma sociedade que foi tão autoritária, que foi tão assimétrica, que foi tão injusta, esses problemas contribuem para que isso se repita. Então esse é o problema que eu julgo ser o mais grave*⁷⁵.

Gráfico 4: Resultados das entrevistas – O maior problema do Brasil



⁷⁴ DUARTE, Adriano, O Brasil como potência emergente e a sua relação com a China, áudio, 4 de dezembro de 2012.

⁷⁵ VOIGT, Marcio Roberto, Brasil como potência emergente e a sua relação com a China, áudio, 24 de setembro de 2012.

A seguir à desigualdade social, os entrevistados mencionaram problemas como a educação, a corrupção, o desenvolvimento tecnológico e infraestruturas deficitárias. Em termos da educação, Prof. Waldir Rampinelli relembra que o *Brasil hoje tem 13 milhões de analfabetos. A Venezuela não tem nenhum analfabeto. Cuba não tem nenhum analfabeto. O Brasil tem 13 milhões de analfabetos, o México tem 5 milhões de analfabetos. Como é que esse país o Brasil pode se tornar uma potência tendo 13 milhões de pessoas que não sabem ler e escrever, que seria uma espécie de uma grande São Paulo?*⁷⁶.

Durante a mesma entrevista, perguntamos, no seguimento desta pergunta, qual era o maior avanço que o Brasil atingiu nos últimos anos. Curiosamente, o maior avanço está relacionado com o principal problema do Brasil, a desigualdade social, onde destacam-se os programas de apoio social e orientação do governo para a diminuição da pobreza e da desigualdade social. Segundo a Prof^a. Clarissa Dri,

*Paradoxalmente, é uma paliativa redistribuição de renda com os programas sociais do Bolsa Família, mas isso é paliativo e não se consolida a longo prazo, mas programas emergenciais são necessários quando há uma estratégia maior de desenvolvimento. Então esses programas são muito importantes, talvez seja o maior avanço, mas creio que a educação se pode, na minha opinião, os três maiores avanços do governo Lula são: políticas paliativas de distribuição de renda, Política educacional, que ampliou muitas vagas nas universidades, tentou formar uma educação no sentido que o aluno de ensino médio, no final, que ele acredite que tenha possibilidades de chegar na universidade e por isso ele é incentivado a concluir o ensino médio, e não mais abandonar o ensino fundamental e médio porque não vê nenhuma preceptiva/razão para continuar estudando. Então a ampliação das vagas permite essa continuidade, por mais que ainda falte investimento na educação básica, muito. O terceiro é a política externa, de grande avanço, de grande inflexão, na minha opinião. Então são a política social, educação e política externa*⁷⁷.

Através das entrevistas foi-nos possível compreender qual era a visão geral dos investigadores sobre o maior problema do Brasil, que, paralelamente, também é o seu maior avanço. Não obstante de os entrevistados serem de áreas de pesquisa diferentes (história, geografia, saúde, política externa, relações internacionais, entre outras), os

⁷⁶ RAMPINELLI, Waldir José, Brasil como potência emergente e a sua relação com a China, audio, 15 de setembro de 2013.

⁷⁷ DRI, Clarissa, Brasil como potência emergente e a sua relação com a China, áudio, 15 de setembro de 2013.

resultados foram muito semelhantes. Desta forma, comprovamos que há uma percepção geral similar sobre o tema.

Em síntese, o Brasil tem percorrido um longo caminho nos últimos anos desde o início do governo do PT, em 2001, contudo ainda precisa de muitos anos de políticas eficazes para chegar a ser um país desenvolvido. Discutindo sobre os resultados da PAC 2, a presidente Dilma Rousseff afirmou que *quanto mais melhorarmos as instituições políticas do nosso País, quanto mais nós combatermos a corrupção, quanto mais formos transparentes e éticos melhor para o País, a mesma coisa no que se refere a estabilidade*⁷⁸.

⁷⁸ Portal Brasil, “Dilma fala sobre cumprimento dos Cinco Pactos propostos em junho”, Notícia, *Portal Brasil*, acessado 25 de outubro de 2013, <http://www.brasil.gov.br/governo/2013/10/dilma-fala-sobre-cumprimento-dos-cinco-pactos-propostos-em-junho>.

2.2 NÍVEL EXTERNO

2.2.1 O ESTATUTO INTERNACIONAL

*Brazil is once again in search of a larger international role. As had happened before, rising domestic growth has transformed into a search for a position of a greater prominence within the world.*⁷⁹

Nas últimas décadas, o Brasil tem feito um esforço enorme para superar a sua imagem internacional de país periférico e subdesenvolvido. Para que os seus esforços sejam frutíferos, é de capital importância que o discurso oficial do Estado Brasileiro e das instituições responsáveis pela formação de opinião, afirme e apoie a sua nova imagem internacional. Para Amado Luís Cervo, são três variáveis que determinam o sucesso da inserção internacional: a) diplomacia orientada em prol do interesse nacional; b) a política exterior deve contemplar e seguir a primeira favorável; c) envoltura dos sectores dinâmicos da sociedade⁸⁰.

Internacionalmente e internamente, o Brasil é conhecido, presentemente, como uma Potência Emergente, dentro do grupo das grandes Potências Emergentes, China, Índia e Rússia. A sua imagem foi, assim, mudada pelo discurso, que acompanha as mudanças positivas e estruturais que o Brasil fez nos últimos anos. Fazer parte dos BRICs, ser a maior economia da América Latina, conseguindo manter uma taxa de crescimento expressivo nos últimos anos e ter uma democracia consolidada, fizeram com que a sua imagem fosse mudada. Para além disso, o país não representa uma ameaça como a ascensão da China, por exemplo, representa para alguns países. O país

⁷⁹ FISHLOW, Albert, "The Brazilian Role on Iran's Nuclear Crisis: opportunities and consequences", *Prioridades da Política Externa Brasileira* - CEBRI-RJ, 2010, 11, <http://www.cebri.org/midia/documentos/cebridossie2010.pdf>.

⁸⁰ CERVO, Amado Luiz, "Inserção Internacional e Interesse Nacional: perspectivas para a segunda década do século XXI", *Prioridades da Política Externa Brasileira* - CEBRI-RJ, [s.d.], 14, <http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/minustah/mandate.shtml>.

é visto como um “bom vizinho”, um país democrático, com estabilidade política, e o motor económico e político da sua região.

A mudança na política externa brasileira (PEB) foi essencial para a sua ascensão como Potência Emergente. Durante o mandato de Lula, foram abertas o maior número de representações brasileiras no exterior, demonstrando o abandono de uma política externa exclusivamente virada para a América do Norte e Europa. O multilateralismo acabou por ter impactos muito positivos na criação da nova imagem internacional do Brasil, uma vez que o país *has emerged on the global scene through the channels of diplomacy and international negotiation*⁸¹. Mencionaremos, assim, três exemplos que demonstram o novo papel do Brasil no mundo: a missão no Haiti, a mediação Turquia-Irão, a presidência da Organização Mundial do Comércio (OMC) e do CSNU.

2.2.1.1 MEDIAÇÃO TURQUIA-IRÃO

Em 2010, a diplomacia brasileira mostrou-se eficaz em assumir um papel de mediador numa situação complexa, na questão nuclear iraniana. Apesar do ceticismo e condenação dos esforços brasileiros pelas potências tradicionais, sobretudo pelos EUA, o Brasil conseguiu avançar com uma solução benéfica para o Irão e para a comunidade internacional.

Os três países, Brasil, Turquia e Irão são signatários do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP). O TPN tem por objetivo limitar o acesso à energia nuclear para construção de armamento e diminuir, gradativamente, o arsenal detido pelas cinco potências nucleares reconhecidas (Rússia, China, EUA, França e Grã-Bretanha)⁸². Para os signatários, o uso de energia nuclear para fins pacíficos, é controlado pela Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA).

Em 1950, os EUA ajudaram o Irão a iniciar o seu programa nuclear, que foi interrompido em 1976 pela revolução islâmica. Em 2009, o Irão anunciou a retomada

⁸¹ GRATIUS, “The international arena and emerging powers: stabilising or destabilising forces?”, 7.

⁸² Bureau of Public Affairs Department Of State. The Office of Website Management, “Nuclear Non-Proliferation Treaty NPT”, Other Releases, *U.S. Department of State*, 1 de janeiro de 2004, <http://www.state.gov/t/isn/trty/16281.htm>.

do seu programa nuclear, para fins medicinais, afirmando possuir a tecnologia necessária para o fazer. O ocidente, receando que o enriquecimento de urânio pudesse destinar-se a criação de armas de destruição em massa, levou o assunto ao CSNU, que decidiu iniciar sanções ao programa nuclear iraniano. Foram impostas sanções como a proibição da importação de armas e das viagens internacionais dos altos-representantes, todavia estas, não impediram que o governo iraniano parasse com o seu programa nuclear.

Neste contexto, a Turquia, que faz fronteira com o Irão, é um país importantíssimo para a geopolítica da região, sendo também uma economia emergente. O país encontra-se entre o mundo ocidental e o mundo islâmico, conseguindo estabelecer uma ponte entre os dois, inaugurando aliás, em 2013, o túnel sob o Estreito de Bósforo, que liga Ásia e Europa. Para além disso, por ser um crescente consumidor de recursos energéticos, tem o Irão como um dos seus parceiros estratégicos. Através desta mediação, o Irão estabeleceu uma ligação com o mundo ocidental e o Brasil com o mundo islâmico, sendo a Turquia um país fundamental para o sucesso do acordo. Acresce que, os três países são a favor do princípio da não intervenção em assuntos internos, aproximando-os em prol de objetivos comuns. Neste tipo de relações, prevalecem os pontos convergentes das políticas externas, em detrimento das diferenças políticas e culturais. Igualmente, nem o Brasil nem a Turquia opuseram-se ao projeto nuclear iraniano. Outro fator de proximidade refere-se ao facto de *por serem países emergentes, o Brasil e a Turquia enfrentam desafios semelhantes, como por exemplo, o crescimento e desenvolvimento econômico e a inserção internacional*⁸³.

Procurando apaziguar a situação e efetivar o seu estatuto internacional como ator responsável, o Brasil, como mediador, conseguiu assinar um acordo entre a Turquia e o Irão, a 17 de Maio de 2010. Como refere Raphael Tsavkk Garcia, *a habilidade de Celso Amorim e a presença como mediador do Presidente Lula foram capazes de conseguir, na base da negociação sem ameaças, o que os EUA não foram capazes através de suas ameaças e demonstrações de poder*⁸⁴.

⁸³ GONÇALVES, Natália e CERIOLI, Luíza, “As relações bilaterais do Brasil com a Turquia e o Irã”, 299.

⁸⁴ GARCIA, Raphael Tsavkko, “A política externa independente brasileira: de Lula/Celso Amorim a Dilma Rousseff/Antônio Patriota e um breve resumo histórico”, *Scielo*, 2011,

O acordo previa a entrega de 1200kg de urânio enriquecido em 3,5% pelo Irão, que receberia 120kg de urânio enriquecido em 20% pela Turquia, sendo que deveria ser utilizado para fins medicinais exclusivamente. Esta medida, segundo Cibele Garcia contribuía *para evitar que o Irã enriqueça o próprio urânio e, assim, consiga atingir um nível de enriquecimento suficiente para chegar aos 90% de enriquecimento necessários para a fabricação de armamentos*⁸⁵.

A despeito da assinatura do acordo, os resultados foram infrutíferos. O acordo foi totalmente descredibilizado pelas potências ocidentais, especialmente pelos EUA, que continuaram a aplicar sanções ao Irão. Nesta conjuntura, o Irão acabou por rejeitar o acordo firmado.

Rafael Mesquita elaborou um estudo muito interessante demonstrando como a PEB tem procurado mudar a imagem internacional do país, estabelecendo comparação entre os discursos oficiais dos principais atores de PEB, e quatro jornais, aquando da mediação Turquia/Irão. O objetivo foi compreender até que medida a versão dos quatro jornais diferia do discurso oficial brasileiro e que impacto isso teria na imagem internacional do país. Já que, *para Bordieu, há uma batalha entre modos de representação na sociedade, e a mídia é um campo decisivo da batalha pela opinião pública*⁸⁶. O autor analisou dez discursos do Presidente Lula e nove do Ministro dos Negócios Exteriores, Celso Amorim, os principais atores no acordo de mediação Turquia/Irão. Pela análise, concluiu-se que cinco assuntos procuravam ser afirmados e debatidos:

Autonomia – na condução da política do país. *O país “aprendeu a tomar conta do seu nariz”, desenvolveu uma “diplomacia independente, sem subserviências e respeitosa de seus vizinhos e parceiros”, passando com isso*

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000122011000300037&script=sci_arttext&lng=pt.

⁸⁵ GARCIA, Cibele e VIOTTI, Fernando, “A mediação brasileira no caso de enriquecimento de urânio iraniano”, *Observatório de Negociações Internacionais da América Latina*, acessado 13 de outubro de 2012, <http://onial.wordpress.com/2013/08/27/a-mediacao-brasileira-no-caso-de-enriquecimento-de-uranio-iraniano/>.

⁸⁶ LIMA, Rafael Mesquita de Souza, “Premissas de periferia X premissas de potência: Contradições Identitárias do Brasil Emergente”, *VII Seminário de Ciência Política e Relações Internacionais da UFPE*, outubro de 2013, 156.

“de uma submissão aos desígnios de uma ordem internacional alegadamente inexorável para uma inserção ativa”, derrubando com isso “aquela velha opinião de que o Brasil precisa pedir licença para agir nas relações internacionais”⁸⁷.

Relações Sul/Sul, Universalismo/Integração Regional – Enfatiza a importação da cooperação entre os países da América Latina, através de uma maior integração, dos parceiros comerciais como África, Ásia e Médio Oriente.

Porta-voz do Sul Global – assumindo-se porta-voz das economias emergentes e dos países subdesenvolvidos.

Valores conciliadores – discursos onde haviam referência a importância da manutenção da ordem internacional e das relações pacíficas entre países.

Reforma das instituições internacionais – necessidade de mudanças das estruturas tradicionais do sistema internacional, acolhendo os países emergentes nas tomadas de decisão⁸⁸.

Com este levantamento, o autor procurou entender até que ponto estas cinco realidades vinham descritos nos jornais *The Wall Street Journal*, *Financial Times*, *O Estado de S. Paulo* e *IstoÉ*. O jornal, *The Wall Street Journal*, é o exemplo mais significativo, uma vez que está muito ligado aos interesses do governo americano, contrariando totalmente o discurso de Lula e Celso Amorim (Tabela 2). Em contrapartida, o *Financial Times* e o *IstoÉ* publicaram mais artigos que estavam de acordo com os princípios da PEB.

Em síntese, apesar do acordo não surtir os efeitos esperados, este é um importante exemplo da mudança na PEB e na sua procura por um maior reconhecimento internacional e autonomia. Este acontecimento é também muito importante pelo facto de ser a primeira vez que o Brasil vota contra os EUA, a quem a sua política externa esteve dependente durante demasiado tempo. Ao mesmo tempo,

⁸⁷ Ibidem p.163.

⁸⁸ Ibid. p.161-163

foi importante uma vez que posicionou o *Brazil as a bridge between the West and Iran and in so doing establish Brazil as a confident and reliable interlocutor*⁸⁹.

É igualmente relevante analisar o impacto que o acontecimento teve nas *Media* e na imagem do país. Na perspectiva do mundo islâmico, a posição brasileira saiu fortalecida, enquanto que, no mundo ocidental, foi descredibilizada e diminuída por Washington. Portanto, e segundo Aldo Rebelo, *o protagonismo é uma posição a ser conquistada não só com naturalidade do peso do país, mas, e em dose proporcional a este fator, ele também se fortalece por intermédio de ações unilaterais levadas a efeito numa arena de disputa que redimensione o poder e o alcance das velhas correlações de força*⁹⁰.

⁸⁹ SWEIG, "A New Global Player".

⁹⁰ REBELO, Aldo, "Política Externa e Questão Nacional", *Prioridades da Política Externa Brasileira - CEBRI-RJ*, n° CEBRI (2010): 15, <http://www.cebri.org/midia/documentos/cebridossie2010.pdf>.

Tabela 2 – Características da identidade internacional brasileira comparada com os discursos dos jornais⁹¹.

Estado	WSJ	FT	O Estado de S. Paulo	IstoÉ
1. Autonomia	Pouca autonomia e iniciativa é vista na ação do Brasil, que estaria sendo usado por um "ardil" iraniano para "adiar sanções"	O Brasil é uma "nação confiante" tentando traçar "uma rota diplomática própria"	O Brasil "passou dos limites", e Lula desconsidera "as consequências das sua diplomacia" A ação "irrita" e "desgasta" Washington, podendo "prejudicar" as relações bilaterais	Diplomacia diferente da "postura subserviente" do governo FHC "O Brasil não pediu licença para entrar no jogo que está tirando o sono dos poderosos"
2. Relações Sul-Sul/ Universalismo/ Integração Regional	Brasil não é visto como mediador mas opositor, com outros pontos de divergência com os EUA (arsenal nuclear israelense, as bases americanas na Colômbia e com boas relações comerciais com Teerã)	"A história sugere que poderes emergentes são geralmente fracassos diplomáticos" (Movimento Não-Alinhado, ASEAN, Liga Árabe, etc)	Brasil é visto como opositor aos EUA, tendo criado "séries divergências" também em outros temas (TNP, Cuba e Honduras)	País possui diálogo com países árabes, devota-se à integração latino-americana, participa dos influentes blocos de países emergentes e têm boas relações com os países desenvolvidos
3. Porta voz do Sul Global	-	O Brasil é um "ator independente construindo pontes por cima da desconfiança entre o Ocidente e [...] o mundo em desenvolvimento em geral"	-	"Lula era a voz dos emergentes, fazendo-se ouvir na questão mais aguda [...] para a paz mundial"
4. Valores conciliadores	Irã é apresentado sempre como uma ameaça, sugerindo a ação militar como única viável Condenação moral da aproximação brasileira com um país violador dos Direitos Humanos Protestos quanto ao TNP são "resmungos"	Acordo é uma possível solução Irã é apresentado como violador dos Direitos Humanos (porém não há críticas diretas à aproximação brasileira)	Condenação moral da aproximação brasileira com um país violador dos Direitos Humanos	"Quando não havia mais esperança de saída pacífica, o presidente Lula entrou no caminho", fazendo-se ouvir na "questão mais aguda [...] para a paz mundial" Silêncio sobre os Direitos Humanos no Irã
5. Reforma das instituições internacionais	-	Os "cinco permanentes" (países que de fato detêm o poder no CSNU) ostentam "ornamentos do poder tradicional" e pedem que os emergentes joguem segundo "as velhas regras (ocidentais)" ao invés de inventarem as suas próprias	Breve concessão à "tenacidade de Lula", denúncia da "delimitação dos espaços na arena mundial" da parte dos EUA, que seria uma "potência da velha guarda" querendo "reafirmar seu poder na geopolítica mundial e pôr países como Brasil e Turquia em seu 'devido lugar'"	-

Legenda: Verde – de acordo com o discurso oficial; Vermelho - não de acordo.

⁹¹ LIMA, Rafael Mesquita de Souza, "Premissas de periferia X premissas de potência: Contradições Identitárias do Brasil Emergente", 173.

2.2.1.2 MINUSTAH – MISSÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ESTABILIZAÇÃO DO HAITI

Desde 2004, o exército brasileiro tem estado a comandar uma missão para garantir a estabilização do Haiti, criada pela resolução 1542 do CSNU. O Brasil, desde 1948, já participou em mais de 30 operações de manutenção de paz da ONU, tendo cedido um total de mais de 24 mil homens. Integrou operações na África (entre outras, no Congo, Angola, Moçambique, Libéria, Uganda, Sudão), na América Latina e Caribe (El Salvador, Nicarágua, Guatemala, Haiti), na Ásia (Camboja, Timor-Leste) e na Europa (Chipre, Croácia). Além de ter enviado militares e policiais a diversas missões ao longo da história da ONU, o Brasil empregou unidades militares formadas em cinco operações: Suez (UNEF I), Angola (UNAVEM III), Moçambique (ONUMOZ), Timor-Leste (UNTAET/UNMISSET) e Haiti (MINUSTAH)⁹².

Inicialmente, a missão no Haiti tinha como objetivos principais terminar a formação das milícias armadas, garantir a legalidade das eleições e fomentar a estabilidade do país e das suas instituições, através da transição pacífica do governo. Contudo, com o terremoto de Janeiro de 2010, as forças no Haiti aumentaram exponencialmente e a missão passou a ter um caráter mais abrangente, passando a incluir também o apoio humanitário e de recuperação da região. *The Council encouraged MINUSTAH to provide logistical support and technical expertise to assist the Government of Haiti to continue operations to build the capacity of its rule of law institutions at the national and local level, and to speed up the implementation of the government's resettlement strategy for displaced persons*⁹³.

Para o Brasil, a participação e o comando da missão, valoriza o seu estatuto internacional, até porque tem executado a missão com sucesso, aumentando a sua imagem internacional de ator responsável e o seu estatuto como Potência Emergente. Para Aldo Rebelo, *o Brasil demonstrou sua liderança de país forte ao assumir a Missão*

⁹² “Brasil na ONU | ONU Brasil”, acessado 21 de março de 2014, <http://www.onu.org.br/conheca-a-onu/brasil-na-onu/>.

⁹³ “MINUSTAH Mandate - United Nations Stabilization Mission in Haiti”, acessado 10 de dezembro de 2013, <http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/minustah/mandate.shtml>.

*de Paz do Haiti, exercendo, com menor relevo, papel importante na acomodação de arestas entre vizinhos imediatos como Venezuela e Colômbia*⁹⁴.

2.2.1.3 PRESIDÊNCIA DA OMC E CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU

O Brasil tem desenvolvido uma política multilateral, e a forma como tem lidado com a crise internacional tem contribuído para o aumento do seu *status*⁹⁵. No entanto, quanto mais o Brasil aumenta o seu *status* internacional, mais lhe é exigido, e a *sua ascensão internacional requer mais maturidade e um comportamento mais consentâneo com as responsabilidades globais que o país vai adquirindo*⁹⁶. É uma pressão com a qual uma Potência Emergente tem que se defrontar, uma vez que um recuo pode significar a perda de um estatuto que foi tão arduamente conquistado.

O Brasil é um candidato plausível para a obtenção de um lugar permanente no Conselho de Segurança, caso a reforma seja realizada. Na opinião de Luís Lampreia, *o Brasil é um candidato natural ao lugar, por sua tradição pacífica, pelo papel construtivo que sempre desempenhou na ONU, por seu peso específico e sua representatividade na nossa região*⁹⁷. Com este intuito, o Brasil tem procurado ser um ator mais ativo na política internacional, tendo em vista criar alianças que permitam-lhe atingir os seus objetivos. Em causa está um grande prestígio internacional e um lugar determinante na tomada de decisões no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU). Para Gelson Fonseca,

(...)a reforma só iria adiante à medida em que se universalizasse a compreensão de que as perdas localizadas de poder seriam mais do que compensadas pelas vantagens que o novo sistema proporcionaria. Subjacente a esse argumento está a ideia de que o Conselho, em sua atual conformação, não só não consegue responder de forma adequada aos novos desafios do mundo contemporâneo, como pode estar perdendo sua influência relativa, uma vez que

⁹⁴ REBELO, Aldo, "Política Externa e Questão Nacional", 15.

⁹⁵ CERVO, Amado Luiz, "Brazil's rise on the international scene: Brazil and the World", *Revista Brasileira de Política Internacional* 53, nº SPE (dezembro de 2010): 18, doi:10.1590/S0034-73292010000300002.

⁹⁶ LAMPREIA, Luis Filipe, *O Brasil e os Ventos do Mundo* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2010), 336.

⁹⁷ *Ibidem*, p.300.

os países estariam buscando mecanismos alternativos, frequentemente de caráter regional, para canalizar seus interesses⁹⁸.

Esta ambição brasileira é antiga. Desde a criação da Sociedade das Nações (SDN), o Brasil queria um papel decisivo, e, quando não obteve a posição esperada, retirou-se da organização. Essa aspiração afeta sobremaneira a sua política externa, e o facto de o Brasil não almejar ser uma potência militar, influencia também a possibilidade de vir a ser um poder global. Claramente, existe também um entendimento que uma escalada armamentista no país iria desestabilizar as relações com os países da América do Sul.

Para Amado Luiz Cervo, seguir os interesses nacionais brasileiros corresponderiam à desistência do exercício do seu poder estratégico, que, segundo o autor deve-se à *repugnância cultural à construção da potência militar e da consequente incapacidade nacional, com abandono, inclusive da aspiração ao posto permanente como membro do Conselho de Segurança*⁹⁹.

O interesse nacional brasileiro corresponde há três pontos principais para o autor: 1) Não envolvimento em conflitos globais ou regionais; 2) promoção da harmonia entre o Estado e a sociedade; 3) elevar o bem-estar das camadas inferiores da sociedade, da classe média e alta¹⁰⁰. No entanto, a política do país nem sempre segue o interesse nacional tão linearmente, sendo que continua a ser uma prioridade da PEB a obtenção do lugar permanente no Conselho de Segurança, mesmo dada a improbabilidade da reforma ocorrer num futuro próximo.

Outro marco importante é a presidência da OMC pelo diplomata brasileiro Roberto Azevêdo, sendo a primeira vez na história que o Brasil ocupa o papel de liderança, na principal organização de comércio do mundo. Para o Itamaraty (MRE), *a candidatura brasileira representa a importância atribuída pelo país ao fortalecimento*

⁹⁸ FONSECA, Gelson, "Reforma do Conselho de Segurança: o problema do tempo", *Prioridades da Política Externa Brasileira* - CEBRI-RJ, 2010, 26, <http://www.cebri.org/midia/documentos/cebridossie2010.pdf>.

⁹⁹ CERVO, "Inserção Internacional e Interesse Nacional: perspectivas para a segunda década do século XXI", 17.

¹⁰⁰ Ibidem, p.17

*da OMC e procura contribuir para o progresso institucional da Organização e para o desenvolvimento econômico e social mundial*¹⁰¹.

Desta forma, e de acordo com Rafael Lima os *números robustos de desenvolvimento, no plano interno, acompanhados de uma crescente proeminência em importantes foros de articulação externa, como os dois G20, e a escolha de um brasileiro para presidir a Organização Mundial do Comércio (OMC) são provas de que o Brasil está vivendo um novo momento de prestígio*¹⁰².

¹⁰¹ G1 e em São Paulo, “Brasileiro Roberto Azevêdo vence mexicano e vai comandar a OMC”, *Economia*, acessado 7 de maio de 2013, <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/05/brasileiro-roberto-azevedo-vence-mexicano-e-vai-comandar-omc.html>.

¹⁰² LIMA, Rafael Mesquita de Souza, “Premissas de periferia X premissas de potência: Contradições Identitárias do Brasil Emergente”, 157.

2.2.2 O BRASIL NA AMÉRICA DO SUL

2.2.2.1 BRASIL – POTÊNCIA REGIONAL VS PODER GLOBAL

Durante o mandato de Luís Inácio Lula da Silva o Brasil começou a ter um papel determinante a nível internacional, reflexo da sua nova política externa. A PEB, durante o mandato de Lula, destacou-se *por ser criativa em relação às necessidades internas e busca expandir as externas*¹⁰³, sem prejuízo pelo fortalecimento das relações existentes e procurou o alargamento das mesmas entre países como a África do Sul, Índia e China¹⁰⁴. O Brasil adotou também, desta forma, uma política de aproximação dos países emergentes. *However, Brazil's attempts to exert its influence on a wide range of pressing international issues may dilute the legitimacy of its efforts in such areas as climate change, peacekeeping, and global governance, where Brazilian participation has been most successful*¹⁰⁵.

Podemos caracterizar a presidência de Lula como um período áureo na história brasileira. O seu esforço para intensificar e sofisticar a cooperação internacional indica uma viragem significativa nas políticas seguidas anteriormente, facto que comprovou-se muito positivo e determinante para a passagem do estatuto de país de terceiro mundo, para o de Potência Emergente. Assim, o país procurou projetar uma nova imagem internacional, procurando abandonar as concepções que o prendiam a uma imagem negativa. Segundo Antônio Carlos Lessa, *this pursuit is particularly on its own behalf but it is also moved by the desire to project a new international image of a responsible regional power and emerging economy attuned to market values and*

¹⁰³ RODRIGUES, Sabrina, Emerson Luis de Vargas, Fernanda Pimentel da Silva, “Política Externa Brasileira: Governos FHV e Lula: práticas foco nas exportações e seus resultados”, outubro de 2009, unibhri.files.wordpress.com/.../pedro-henrique-carvalho-a-polc3adtic...

¹⁰⁴ AMORIM, Celso, “Brazilian foreign policy under President Lula (2003-2010): an overview”, *Revista Brasileira de Política Internacional* 53, nº SPE (dezembro de 2010): 214–40, doi:10.1590/S0034-73292010000300013.

¹⁰⁵ SWEIG, “A New Global Player”.

*endowed with attributes that qualify it as an actor ready to participate in the dynamics as stabilization of the international system in its multiple dimensions*¹⁰⁶.

O Brasil ocupa a posição de potência regional na América do Sul, mas não é, pelo menos ainda, um poder global. *Global power status, as is well known, is not a matter of national choice, or an issue subjected only to the political will of the actors involved in what is a complex and interrelated equation. It depends on a complete set of objective factors - connected with economic strength, technological endowments and military capabilities - as well as on a clear recognition of that status by other actors, first of all by the general consensus of the international community, but especially by the great powers*¹⁰⁷. Segundo Edward Luttwak, potências grandes são *países com interesses generalizados que se dispunham a sacrificar muitos homens para proteger os seus interesses*.¹⁰⁸ Ao Brasil, ainda falta-lhe um poder militar eminente, assim como um maior desenvolvimento tecnológico. Em termos militares, preza pela sua tradição pacifista, até porque, aumentar o poder militar brasileiro significa desestabilizar as relações com países vizinhos.

Na América do Sul, a PEB é um pouco ambígua. Ao mesmo tempo que vários projetos de integração regional são encorajados, existem outros que são desmoralizados. Não obstante, *a presença do país [Brasil] na América do Sul deve seguir aumentando econômica, social e politicamente, independente da opção de política externa, pois essa dinâmica depende mais dos mercados formal e informal, das redes de comunicação, das redes criminosas, dos efeitos ambientais, da ampliação e intensificação da comunicabilidade e facilidade de deslocamento*¹⁰⁹.

Para o autor Wolf Grabendorff, *en la actualidad, Brasil se comporta como un actor global. Sin embargo, todavía no tiene el reconocimiento pleno. Esto se debe a que*

¹⁰⁶ LESSA, Antônio Carlos, "Brazil's strategic partnerships: an assessment of the Lula era (2003-2010)", *Revista Brasileira de Política Internacional* 53, nº SPE (dezembro de 2010): 115–31, doi:10.1590/S0034-73292010000300007, p.120.

¹⁰⁷ ALMEIDA, Paulo Roberto de, "Never before seen in Brazil: Luis Inácio Lula da Silva's grand diplomacy", *Revista Brasileira de Política Internacional* 53, nº 2 (janeiro de 2010): 160–77, doi:10.1590/S0034-73292010000200009.

¹⁰⁸ *Op. Cit.*, RIBEIRO, Henrique M. L. (contr.), *Dicionário de termos e citações de interesse político e estratégico*, 1ª ed (Gradiva, 2008), 266.

¹⁰⁹ SENNES, Ricardo, "Liderança e Responsabilidade do Brasil frente à América do Sul: algumas considerações", *Prioridades da Política Externa Brasileira - CEBRI-RJ*, 2010, 76, <http://www.cebri.org/midia/documentos/cebridossie2010.pdf>.

*los cambios ocurridos velozmente en el sistema internacional son asumidos lentamente por los mismos protagonistas*¹¹⁰. Assim, apesar do esforço brasileiro, ser reconhecido como uma potência mundial requererá mais tempo e provas concretas do seu poder.

O pesquisador Thiago Carvalho, no âmbito da entrevista, afirmou:

Creio que o Brasil é uma potência regional que ambiciona tornar-se uma potência global. Este processo de emergência começou há algum tempo, atravessou períodos de avanços e recuos, e na última década ganhou novo fôlego. Os indicadores macroeconômicos dos últimos anos permitem inferir que o país percorreu uma rota ascendente, mas não garantem que seguirá esse curso no futuro. O Brasil é uma Potência Emergente, mas a sua ascensão não está garantida. Dependerá de como o país vai contornar os desafios que se lhe colocam¹¹¹.

Em termos da sua inserção na América do Sul, o Brasil, pela sua dimensão territorial, faz fronteira com quase todos os países da região, sendo o seu maior parceiro econômico de todos os países do Mercosul. Além de que, atualmente, *controla metade da população e do produto sul-americano e é hoje o player regional mais importante no tabuleiro geopolítico da América do Sul e vem tendo uma presença cada vez mais afirmativa, mesmo na América Central e no Caribe*¹¹². O seu reconhecimento como poder hegemônico da região é feito de forma mais subtil, procurando não ferir susceptibilidades¹¹³. Igualmente, pela história da região, existe ainda um certo receio do poder brasileiro, visto como sub-imperialista¹¹⁴. Existem, no entanto, outras correntes que afirmam que essa intervenção maior do Brasil é benéfica, na medida que promove a integração mais profunda dos países sul americanos. Assim, o *projeto de integração regional liderado pelo Brasil um evento capaz de trazer tanto maior autonomia decisória ao continente nas questões internacionais como também o desenvolvimento coletivo das*

¹¹⁰ GRABENDORFF, Wolf, “Brasil: de coloso regional a potencia global”, *Nueva Sociedad*, 2010, p.168.

¹¹¹ CARVALHO, Thiago, Brasil como potência emergente e a sua relação com a China, correio eletrónico, 18 de janeiro de 2013.

¹¹² FIORI, José Luís, “Brasil e América do Sul: o desafio da inserção internacional soberana”, *Textos para discussão CEPAL .IPEA*, 2011, 17, http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1347/1/TD_1560.pdf.

¹¹³ SENNES, Ricardo, “Liderança e Responsabilidade do Brasil frente à América do Sul: algumas considerações”.

¹¹⁴ CURADO, Pedro Rocha F., “O Brasil na América do Sul: sub-imperialismo ou liderança regional benigna?”, *VI Colóquio de la Sociedad Latinoamericana de Economía Política y Pensamiento Crítico (SEPLA)*, [s.d.], <http://rediu.org/ROCHA.mesa8.pdf>.

*economias nacionais*¹¹⁵. O maior exemplo de integração regional é o Mercosul, que discutiremos no capítulo seguinte.

O Brasil, como maior economia da América Latina, é reconhecido como uma potência regional. *Brazil is the main regional power in Latin America*¹¹⁶. Assim, as dúvidas permanecem acerca do seu lugar no mundo como um poder global. Julia Swieg escreveu um artigo na revista *Foreign Affairs*, onde chama o Brasil de “New Global Player”. A sutileza do título revela o receio em afirmar a sua posição como uma potência global, uma vez que o país ainda não conseguiu obter esse reconhecimento internacional. Segundo a autora:

In the last decade, Brazil has recast itself as a global brand and a global power. It is home to the world's fifth-largest land mass and eighth-largest economy and is one of the top global producers of stuff everyone else needs: from animals, vegetables, and minerals to water, energy, and airplanes. The new conventional wisdom suggests that Brazil is now poised to make its name on the global stage and balance the other power in its neck of the woods, the United States. Brazil's ascent coincides with the relative decline of U.S. influence in Latin America and the rise of new centers of power in Asia. This dynamic reinforces Brazil's central foreign policy message: with both place and purpose for a new global player on the world stage, Brazil can be the Mac to the United States' PC -- with an ethos and an international agenda to match¹¹⁷.

No excerto supracitado, a investigadora discute o declínio do poder americano e como o Brasil tem potencial para ter uma versão melhorada do poder dos EUA, fazendo analogia entre o Mac e o PC.

O papel da diplomacia brasileira tem sido fundamental na consolidação do seu estatuto internacional e da sua maior participação nos fóruns internacionais, sendo igualmente um importante mediador das relações do cone sul. *Its international and regional integration comes in the form of cooperation and integration (in the framework of Mercosur and Latin America), although the ultimate objective of Brazilian diplomacy is to influence the international agenda*¹¹⁸.

¹¹⁵ Ibidem, 5.

¹¹⁶ GRATIUS, “The international arena and emerging powers: stabilising or destabilising forces?”, 7.

¹¹⁷ SWEIG, “A New Global Player”.

¹¹⁸ GRATIUS, “The international arena and emerging powers: stabilising or destabilising forces?”, 7.

Nas entrevistas realizadas no âmbito desta dissertação, perguntámos aos entrevistados se consideram o Brasil como uma Potência Emergente. Para o Prof. Harrysson Luis da Silva,

O Brasil antes de ser uma potência, possui uma potencialidade muito grande em recursos naturais que o qualificam como uma grande potência económica, entretanto, tudo o que tem sido feito desde os tempos coloniais é a apropriação dos seus recursos naturais em face de todo arcabouço internacional desenvolvido desde a Revolução Industrial. Considero que Potência Emergente poderemos ainda ser daqui a uns 100 anos, quando a Proposta de Planejamento de Longo Prazo se concretizar como elo norteador de um projeto de desenvolvimento para o país, e não para um partido político¹¹⁹.

Já para o Prof. Waldir José Rampinelli,

Não, considero o Brasil um país subdesenvolvido. Não é um país em desenvolvimento e muito menos uma Potência Emergente. Claro que dentro do Brasil nós temos regiões muito desenvolvidas. Inclusive podem ser equiparadas aos países desenvolvidos do mundo, como são Paulo e assim por diante. Mas eu poderia apresentar-te regiões do Brasil onde os índices de desenvolvimento humano são escandalosos e digo uma delas o Estado do Maranhão é o Estado mais atrasado do Brasil e falo porque conheço o interior do Maranhão. O sistema de produção, as universidades públicas a presença do Estado é vergonhosa. Portanto o Brasil não é um país em desenvolvimento, não é um país emergente. É um país subdesenvolvido¹²⁰.

Segundo o diplomata brasileiro¹²¹,

Se olharmos para o PIB, por exemplo, a posição que o Brasil ocupa em relação à sexta ou sétima economia mundial, necessariamente é um país que precisa, que deve ser caracterizado como uma potência, certamente emergente porque tem crescido a taxas bastante expressivas. Na verdade, entre os anos de 1930 e 1970 do século XX, o Brasil foi o país que apresentou maiores taxas de crescimento do mundo. Ao contrário da China, que cresce recentemente, o Brasil já vinha experimentando taxas de crescimento bastante importantes ao longo do século XX, o que explica também o facto de o Brasil não ter hoje as taxas de crescimento semelhantes a da China. O Brasil já percorreu um caminho, no século XX, que a China começou a percorrer nos anos de 1990 e a partir da virada do século XXI. Se nos analisarmos o Brasil, se olharmos para o Brasil em termos de território, de

¹¹⁹ HARRYSSON, Luis da Silva, Brasil como potência emergente e a sua relação com a China, correio eletrónico, 5 de janeiro de 2013.

¹²⁰ RAMPINELLI, Waldir José, Brasil como potência emergente e a sua relação com a China.

¹²¹ A sua identidade permanecerá anónima por preferência do entrevistado.

população, e em termos de PIB, se comparamos o Brasil com outros países que estão entre os “top ten” nessas categorias, praticamente, o Brasil acaba sendo enquadrado entre os três, ou quatro países que, digamos, em termos de população, território, de PIB, está entre os três ou quatros principais. Então é certamente uma Potência Emergente¹²².

Das três respostas acima citadas, podemos ver abordagens e perspectivas diferentes sobre o mesmo tema. A primeira aborda o potencial do Brasil vir a tornar-se numa potência, por toda a sua riqueza e potencialidade. A segunda, caracteriza o país como subdesenvolvido e não como uma Potência Emergente. Já na terceira, o Brasil é sem dúvida uma Potência Emergente.

Em síntese, existem diferentes visões acerca do papel do Brasil no mundo, mas não em termos da sua influência e importância a nível regional. A sua excelente diplomacia tem sido capaz de manter relações pacíficas com os países da América do Sul e o país também tem sido um importante mediador regional. A nível internacional o Brasil é visto como um poder global¹²³ importante, como um poder emergente e como um poder médio global¹²⁴, dependendo sempre do discurso e perspectiva adotada. Apesar da dificuldade referente ao seu enquadramento dentro de um conceito, é internacionalmente reconhecido o seu potencial e riqueza.

¹²² Diplomata brasileiro, Brasil como potência emergente e a sua relação com a China, áudio, 10 de janeiro de 2013.

¹²³ SWEIG, “A New Global Player”.

¹²⁴ GRATIUS, “The international arena and emerging powers: stabilising or destabilising forces?”.

2.2.3 MERCOSUL E A INTEGRAÇÃO REGIONAL

O Mercosul (Mercado Comum do Sul) foi criado pelo Tratado de Assunção, assinado, em 26 de Março de 1991, entre a Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. Tendo como objetivos principais a integração das economias, através da livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos, com a adoção de uma pauta aduaneira comum, da mesma forma que previam coordenar as políticas macroeconómicas e sectoriais.

Esta organização surgiu da aproximação entre o Brasil e a Argentina que concordaram, em 1986, com a criação de um Programa de Integração e Cooperação Económica (PICE). Este programa marcou o início de uma série de políticas de integração progressiva e de desenvolvimento, gerando uma maior cooperação entre ambos os países. Com o desenrolar das negociações compreendeu-se que uma organização mais vasta seria benéfica para os países membros e considerando que a ampliação das atuais dimensões de seus mercados nacionais, através da integração, constitui condição fundamental para acelerar seus processos de desenvolvimento económico com justiça social¹²⁵, assim surgiu o Mercosul.

O Mercosul, na sua fase inicial, parecia estar a desenvolver-se de forma bastante satisfatória. Contudo, em 1998, começamos a assistir a um retrocesso. *O Mercosul perdeu o seu encanto e os dirigentes dos quatro países não voltaram a ter o mesmo empenho e compromisso dos primeiros tempos.*¹²⁶

Analisar a dinâmica das relações entre os países membros é fundamental para classificar também a organização e o seu funcionamento, assim como a distribuição de poder na região. As tensões existentes entre os países da América do Sul são um grande problema que acabam por impedir que os objetivos do tratado de Assunção sejam cumpridos e, como consequência, a organização tem vindo a ter uma importância decrescente, e muitos autores começam já a afirmar que a sua existência já não faz sentido. Porém, é preciso não esquecer que o Mercosul é uma importante organização

¹²⁵ Parte introdutória do Tratado de Assunção, disponível em: <http://www.mercosul.gov.br/tratados-e-protocolos/tratado-de-assuncao-1/> (última visita: 20/11/11).

¹²⁶ LAMPREIA, Luís Felipe. O Brasil e os Ventos do Mundo. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2010, p.181.

regional no atlântico sul e que já tem uma existência consolidada, englobando as duas maiores economias, o Brasil e a Argentina.

Num mundo cada vez mais interdependente, a importância da integração regional advém da necessidade da criação de blocos regionais que, juntos, têm um maior peso de negociação e influência, do que se estivessem separados. Para além disso, o excelente exemplo de integração regional da União Europeia (UE), maior mercado do mundo, acabou por influenciar muito positivamente outras regiões do mundo, que viram na criação de blocos regionais uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento sustentado.

Analisando os ganhos da integração, as duas principais economias da América do Sul, Brasil e Argentina, compreenderam que a criação de um bloco regional dependeria da sua iniciativa. É preciso ressaltar que, normalmente, as organizações regionais têm uma origem em acordos específicos que vão se expandindo conforme o sucesso dos mesmos, ou a necessidade de serem mais amplos, *a integração económica internacional encarada como um processo, retira a utilidade que tem como meio de atingir com grande eficácia outros objetivos comuns*¹²⁷. Nesta lógica de pensamento, é benéfico que os países criem alianças e forem blocos regionais, para que tenham um maior poderio a nível internacional e maiores benefícios a nível das relações interestaduais.

O Mercosul é o resultado de um longo processo de aproximação entre o Brasil e Argentina, que resolveram ultrapassar as rivalidades históricas e unirem-se em objetivos comuns. Essa união não foi um processo fácil, primeiramente porque ambos os países passaram por turbilhões políticos, económicos e sociais durante o século XX, que acabam por dificultar a aproximação e a que preferissem outros parceiros estratégicos, como é o caso da relação do Brasil e da Argentina com os EUA. Aliás, na década de 1980 ainda se discutiam problemas de interpretação do Tratado de Paz, Amizade, Comércio e Navegações de 1856. Persistiam relações tensas, de desconfiança e rivalidade, especialmente a medida que o Brasil começava a industrializar-se e a disparidade entre os dois países aumentava. Segundo a autora Cristina Pecequillo, *as oscilações e pressões*

¹²⁷ SCHAPOSNIK, C. Eduardo, *As teorias da Integração e o Mercosul* (Florianópolis: UFSC, 1997) p.39.

*das crises socioeconómicas atravessadas pela região atuam como fator inibidor da construção das parcerias autónomas, somadas à ação norte-americana.*¹²⁸

Dois importantes acontecimentos que começaram a mudar a natureza das relações entre os dois países foram a assinatura do Acordo de Cooperação para os projetos de Itaipu¹²⁹ e Corpus (1979), e o Acordo de Desenvolvimento e a Aplicação dos Usos Pacíficos da Energia Nuclear (1980)¹³⁰. A Argentina compreendeu que o Brasil avançaria com os projetos de qualquer forma, uma vez que já se tinha aliado ao Paraguai para a construção da barragem hidroelétrica do Itaipu, no Rio da Prata, e resolveu mudar a sua ação estratégica. Outro aspeto fundamental na aproximação dos dois países foi o apoio do Brasil as reivindicações da Argentina sobre as Maldivas em 1982.

Após 1985, as razões de aproximação bilateral entre as duas economias ainda são maiores. Por um lado, temos uma forte crise económica e política, e por outro, temos a falta de alternativas externas viáveis, ao que se acrescentava as pressões externas para a democratização do regime. Desta forma, a parceria entre as duas economias era vital para a superação das grandes dificuldades que sofriam. Um país só se torna atrativo ao investimento estrangeiro quando tem estabilidade política e crescimento económico. É assim que, em 1985, é assinada a Declaração de Iguaçu, que previa a integração económica e política do cone do sul. No ano seguinte, esta declaração foi reforçada pelo acordo no Programa de Integração e Cooperação Económica Brasil-Argentina (PICE) e, em 1988, é assinado o Tratado de Integração Cooperação e Desenvolvimento. O último reforçava a *necessidade de consolidar definitivamente o processo de integração económica entre as duas Nações, em que um marco de renovado impulso à integração da América Latina.*

Dois anos mais tarde é dado o passo fundamental na consolidação da cooperação entre os dois países. Em 1990 é assinada o Acordo de Buenos Aires que prevê a criação de um mercado comum entre os dois países, com o convite ao Uruguai

¹²⁸ MOSCARDI, Jerónimo (coord), *Política Internacional*, Manual do Candidato (Fundação Alexandre Gusmão, 2010), http://www.funag.gov.br/biblioteca/index.php?option=com_docman&task=cat_view&id=47&Itemid=4 p.233.

¹²⁹ O projeto iniciou-se verdadeiramente em 1966, com a assinatura da Ata das Cataratas.

¹³⁰ “Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República da Argentina”, 29 de novembro de 1988, http://www2.uol.com.br/actasoft/actamercosul/espanhol/trat_deintegracao.htm.

e Paraguai para aderirem. A consagração dessa adesão é o resultado do Tratado de Assunção, em 1991, que previa a criação de um mercado comum, o Mercosul.

2.2.3.1 A PRIMEIRA FASE DO MERCOSUL: ENTUSIASMO

O Mercosul foi, assim, o resultado do aprofundamento das relações diplomáticas entre o Brasil e a Argentina, que se estendeu aos países vizinhos. No preâmbulo do seu tratado fundador lê-se:

(...) Considerando que a ampliação das atuais dimensões de seus mercados nacionais, através da integração, constitui **condição fundamental** para acelerar seus processos de desenvolvimento econômico com justiça social; Entendendo que esse objetivo deve ser alcançado mediante o aproveitamento mais eficaz dos recursos disponíveis, a preservação do meio ambiente, o melhoramento das interconexões físicas, a coordenação de políticas macroeconômicas e a complementação dos diferentes setores da economia, com base nos princípios de gradualidade, flexibilidade e equilíbrio¹³¹.

No excerto supracitado, é visível a percepção da necessidade da criação do bloco econômico para a superação das clivagens econômicas, políticas e sociais, gerando desenvolvimento e crescimento econômico. Este é o marco de um período áureo em termos da cooperação entre os países signatários. Referente a esta fase, Filipe Lampreia afirma: *Por tanto tempo represado, o comércio entre os quatro deslocou com velocidade e tudo parecia possível, pois todos ganhavam*¹³².

Neste cenário, as grandes vantagens foram a maior abertura das economias para uma inserção mais competitiva a nível mundial, que permitiu a integração das unidades produtivas dentro da organização, gerando complementaridade, maior produtividade e qualidade. O Mercosul também proporcionava um período de maior estabilidade econômica, que os países tanto precisavam para impulsionarem o seu desenvolvimento e crescimento econômico.

¹³¹ “Tratado de Assunção”, Março 26, 1991, <http://www.mercosul.gov.br/tratados-e-protocolos/tratado-de-assuncao-1>. Bold próprio.

¹³² LAMPREIA, Luis Filipe, *O Brasil e os Ventos do Mundo* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2010) p.174.

Os objetivos do tratado foram também muito ambiciosos. Em apenas quatro anos, previa-se a criação de uma união aduaneira, com uma pauta exterior comum, a livre circulação de bens, capitais e trabalho e a coordenação de políticas macroeconómicas e sectoriais. Durante o período de transição, 1991 a 1994, as tarifas aduaneiras deveriam ser reduzidas de forma gradual, com a exceção dos produtos especificados no tratado e que têm um regime diferente.

Em 1994 é assinado Protocolo de Ouro Preto (anexo ao Tratado de Assunção), que instituiu o Mercosul como uma organização intergovernamental. Este protocolo previa a implementação da Tarifa Externa Comum num prazo mais alargado do que inicialmente, até 2006. Nesta altura compreendia-se a impossibilidade de cumprimento dos ousados objetivos do tratado originário. O propósito era que houvesse uma única pauta para o comércio fora do bloco e dentro do bloco, o que refletia unidade e previsibilidade, dinamizando as economias. De fato, a aplicação do protocolo resultou num aumento das trocas comerciais.

A estrutura institucional é também bastante complexa e tem abrangido cada vez mais áreas. Baseia-se num modelo de organização europeu, onde os órgãos decisórios são o Conselho do Mercado Comum, Grupo Mercado Comum e a Comissão de Comércio do Mercosul. À semelhança da União Europeia, o Conselho do Mercado Comum é o órgão mais relevante dentro da organização, com competências relevantes na coordenação das políticas com vista a integração dos países.

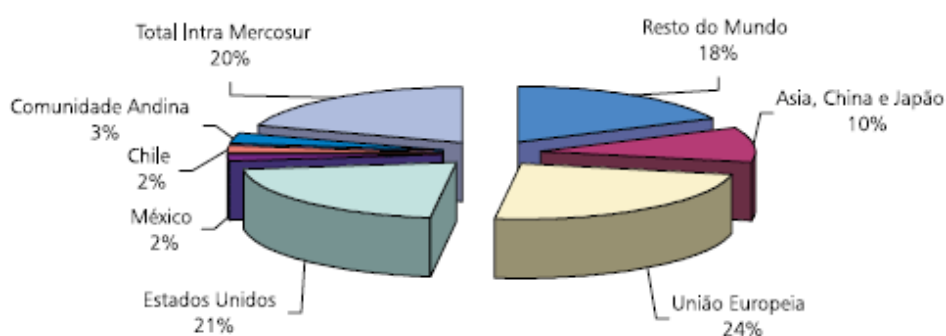
Em 1996 o Chile associa-se ao Mercosul e, um ano mais tarde, a Bolívia. Estes dois países representavam, por um lado, uma maior credibilidade da organização e, por outro, um maior mercado para as trocas comerciais. Para o Chile, uma das grandes vantagens da sua associação ao Mercosul é a exportação de bens manufaturados, enquanto para a Bolívia são as trocas energéticas e tornar o país mais atrativo ao investimento externo.

Esteve sempre presente a possibilidade de adesão de novos membros, mas apenas a Venezuela fez o pedido em 2006, que ainda não foi aceite formalmente. Falta a ratificação pelo governo do Paraguai, que pediu, em 2009, a retirada do pedido de adesão da mesma. Este processo tem sido muito conturbado e demorado, situação que será resolvida por uma comissão especial nomeada em 2011, que prevê acabar com as

dificuldades e avançar com o processo de integração da Venezuela e do outro possível membro, o Equador.

Desde o princípio da organização o maior parceiro económico tem sido a União Europeia (Gráfico 5), com cerca de 24% dos totais das exportações. Esta parceria foi ainda intensificada pela assinatura em 1995 do Acordo-Quadro Inter-Regional de Cooperação, que previa uma ampla cooperação a nível económico e político, aumentando a cooperação e as trocas comerciais.

Gráfico 5 – Distribuição Geográfica das Exportações no Mercosul (2000)



Fonte: <http://www.mercosul.gov.br/textos>

2.2.3.2 A SEGUNDA FASE DO MERCOSUL: DECLÍNIO DA SUA IMPORTÂNCIA

A partir de 1998, os analistas consideram que o Mercosul entrou em uma fase de retrocessos e perda da sua importância¹³³. Vários fatores podem ser tidos em consideração, mas a falta de cumprimento dos princípios fundamentais do Tratado de Assunção acaba por inviabilizar o projeto do mercado comum. Continuam a sentirem-se grandes resistências a livre circulação de bens, capitais e trabalho, ao que se adiciona as disparidades na pauta externa comum, sobretudo no caso da Argentina e do Uruguai, e a falta da coordenação das políticas macroeconómicas e sectoriais. A falta de aplicação de uma política cambial coordenada acabou por gerar grandes incertezas aos

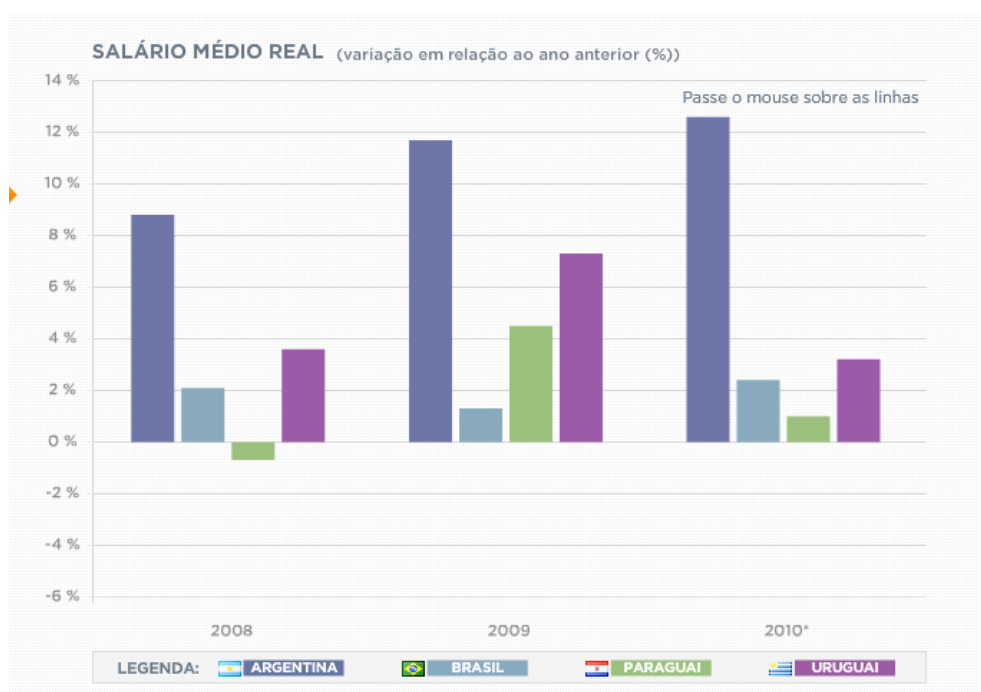
¹³³ Ver CAMARGO, Sonia de, “Mercosul: Crise de crescimento ou crise terminal?”, *Lua Nova*, 2006., Verena FORNETTI, “Mercosul perde espaço no comércio dos países membros”, *Diplomatizando*, 31 de janeiro de 2011, http://diplomatizando.blogspot.pt/2011_01_01_archive.html, PIETROBELLI, Antonio, “O declínio do Mercosul”, *Monitor Mercantil*, 28 de março de 2011, <http://monitormercantil.com.br/index.php?pagina=Noticias&Noticia=92840>; Alcides Costa Vaz, *Cooperação, integração e processo negociador: a construção do Mercosul* (IBRI, 2002).

importadores, pondo em causa a capacidade de negociação da organização. *Ou seja, (...) nenhum dos três pilares em que deveria repousar o Mercosul revelou-se sólido e nunca se concretizaram os princípios básicos do Tratado de Assunção.*¹³⁴

As contradições internas entre os países ainda geravam grandes dificuldades e clivagens. Aliás, é criado um Fundo de Convergência Estrutural (Focem) que visava diminuir as disparidades entre os países. Era preciso criar e melhorar as infraestruturas entre os países membros, permitindo a ligação e o transporte de bens e serviços, essenciais para a concretização do mercado comum.

O Brasil é a economia central, com o maior PIB dentro do Mercosul. Para além disso, é o principal parceiro económico dos restantes países membros, que estão muito dependentes da hegemonia do mesmo. No entanto, em termos de PIB *per capita*, a Argentina ultrapassa o Brasil e tem a posição dominante. O Gráfico 6 demonstra esta realidade com a comparação entre os salários reais nos países do Mercosul. Através da sua análise, compreendemos que esta disparidade tem vindo a aumentar, ao contrário do que deveria ser uma tendência harmonizadora.

Gráfico 6: Salário Médio Real no Mercosul (2008-2010)¹³⁵



¹³⁴ LAMPREIA, *O Brasil e os Ventos do Mundo*, 174.

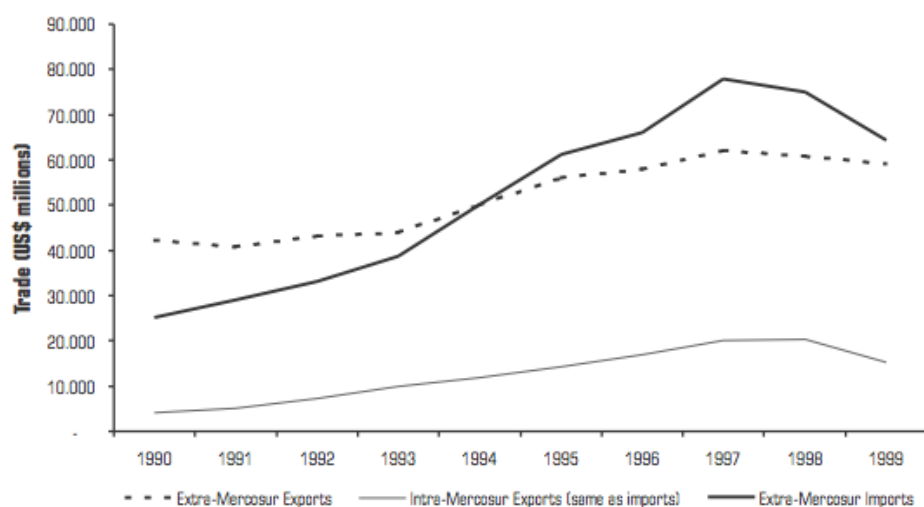
¹³⁵ "Brasil - Fatos e Dados", *Brasil - Fatos e Dados*, [s.d. <http://brasilfatosedados.wordpress.com/>].

A política externa argentina (1989-99) começa também a se desviar dos objetivos comuns e tende para uma aproximação maior aos EUA em detrimento das relações dentro do bloco. As disputas comerciais aumentaram, assim como a rivalidade e falta de cumprimento dos objetivos comuns. Em 1998, o Brasil desvaloriza o real, tendo um impacto muito forte na economia da Argentina e nas restantes. Juntava-se aos desequilíbrios cambiais, as grandes pressões externas com mercadorias concorrenciais que conduziram ao declínio dos sectores estratégicos, o aumento do desemprego, da pobreza e da inflação. Neste cenário de caos, os países procuraram responder à crise rapidamente, mas de forma separada, procurando soluções para o seu país e não para o bloco, sendo que há uma possibilidade real de terem que pedir ajuda ao FMI. Ora, a imagem que se transmitiu da organização é que nos momentos críticos os membros desagregam-se à procura de soluções individuais, não transmitindo muita confiança na organização.

Neste período, o *Mercosul* apresentou um *reco* significativo do comércio intrazonas de cerca de 28% e o PIB nacional dos países membros acompanhou estas tendências negativas¹³⁶. Como podemos analisar no Gráfico 8, as trocas comerciais fora do âmbito do Mercosul ultrapassavam em grande medida as dentro do bloco. Do mesmo modo, durante os anos mais críticos da organização, assistimos a um aumento das trocas comerciais fora do bloco, com a consequente diminuição das trocas internas. Também é de ressaltar uma tendência positiva: o aumento significativo do comércio até 1998, refletindo uma tendência positiva e as vantagens de pertencer à organização. Havia dificuldade de chegar a um consenso entre os membros, disputas sérias, que começavam a pôr em causa a existência da própria organização, que parecia ser mais um entrave do que uma oportunidade. Não obstante, a política seguida por Fernando Henrique Cardoso foi fundamental no sentido de reforçar a necessidade de se chegar a um acordo e avançar com o processo de integração.

¹³⁶ MOSCARDO, *Política Internacional* p.243.

Gráfico 8: Comparação das exportações dentro e fora do Mercosul¹³⁷



Source: CEPAL – Anuario estadístico de América Latina y el Caribe, various issues.

2.2.3.3 TERCEIRA FASE: DESPERTAR OU ENFRAQUECER?

O impulso dado por Fernando Henrique Cardoso foi fundamental para o despertar do Mercosul e para a consolidação da integração regional. São dados passos significativos no apoio e investimento em infraestruturas, na consolidação de políticas tendo em vista objetivos comuns.

Em 2000, uma reunião em Brasília anunciava que as dificuldades e tensões seriam superadas enquanto bloco, procurando ultrapassar as razões que conduziram a crise no Mercosul. Um maior empenho é exigido e começa a surtir efeitos positivos: é criado o passaporte do Mercosul e são reconhecidos os diplomas dentro da comunidade. Os vistos também são facilitados, gerando o início da livre circulação, tendo como inspiração os modelos europeus. Para superar possíveis dilemas entre os Estados membros, é assinado o Protocolo de Olivos em 2002, inaugurando um sistema de mediação e solução de possíveis controversas. Já existia um mecanismo onde podiam ser feitas reclamações ao bloco, mas este protocolo deu uma nova dimensão e, conseqüentemente, maior segurança.

¹³⁷ Ibidem.p.243

Com a tomada destas medidas, o interesse dos países circundantes na sua associação aumenta. De 2003 a 2006, o Peru, Colômbia, Equador e Venezuela associam-se à organização. O que a primeira crise demonstrou é que apenas através de uma maior união e coordenação seria possível relançar as suas economias. Um dos aspetos fundamentais foi a criação de políticas que permitissem a diminuição das assimetrias regionais, que aumentaram com a crise.

Outro avanço importante para o Mercosul é o projeto de cooperação e criação de um Mercado Único com a União Europeia, que está em discussão. O Brasil tem a presidência atual do Mercosul, e a presidente afirmou que irá fazer os possíveis para que o projeto se concretize. Essa aproximação ganhou novo fôlego com a presidente brasileira, Dilma Rousseff, afirmando que *um futuro acordo contribuirá para a realização de um potencial ainda inexplorado de intercâmbio entre produtos e serviços. O Brasil e o Mercosul já estão prontos para fazer a oferta comercial, esperamos que a troca de ofertas se realize em janeiro (de 2014)*¹³⁸. A França tem-se relevado contra, uma vez que teme a entrada de produtos que possam destruir a sua produção interna, como a carne. Existem estudos que comprovam o impacto negativo na agricultura, sobretudo para os países europeus, mas podem beneficiar de outros sectores. Por outro lado, os países do Mercosul têm medo dos produtos manufaturados, com os quais não podem competir e que destruirão a sua produção nacional. A Espanha mostra-se de tal forma favorável que quer a negociação feita até sem a Argentina, que tem tido problemas no cumprimento dos contratos a que se predispõe (realidade também presente no seio do Mercosul). Num cenário de crise a nível internacional, este acordo conduziria a um aumento exponencial do mercado e possível escoamento para os países do bloco. No entanto, também existem desvantagens que devem ser analisadas antes da formalização do acordo.

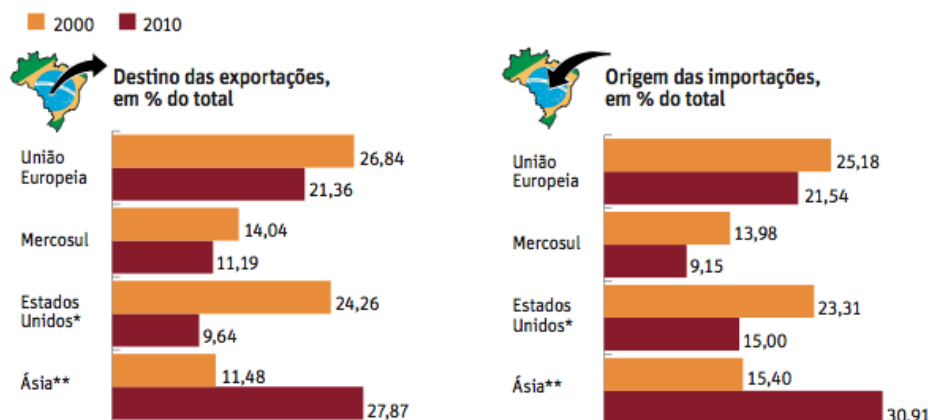
Isto significa que o Mercosul recuperou da crise institucional? Ainda não e essa possibilidade parece ser remota. As trocas comerciais continuam a ser menores do que inicialmente, onde revela uma clara preferência externa por outros parceiros ao nível

¹³⁸ “Dilma quer trocas entre o Mercosul e a União Europeia em Janeiro”, G1 economia, 13 de Dezembro de 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/12/dilma-quer-troca-de-ofertas-entre-mercosul-e-uniao-europeia-em-janeiro.html>

de acordos bilaterais. No caso concreto do Brasil (Figura 3), podemos concluir que o Mercosul tem perdido importância significativa em termos de comércio externo e interno para o Brasil. Em 2000 as importações representavam 13,98% em comparação com 9,15% em 2010. O grande parceiro económico passa a ser a Ásia, especialmente a China.

O Brasil, como grande motor da economia do Mercosul, faz parte do grupo das economias emergentes, os BRICS. Mais do que parceiros económicos, começam a ter uma posição semelhante na política internacional. Por exemplo, assumiram uma posição conjunta e condenaram a atuação da NATO na Líbia, velando pelo princípio de não ingerência nos assuntos internos dos países. O facto de terem sido englobados no mesmo grupo acabou por ter um efeito positivo, criando maior cooperação e políticas mais próximas. Estes países perceberam que juntos têm muito poder, exigindo, por exemplo, maior poder de voto no Fundo Monetário Internacional (FMI) para libertarem fundos e reconhecimento da sua importância a nível global. Dilma Rousseff lembrou na Cimeira dos BRICS na Índia, que *o bloco se tornou o mais importante motor da economia mundial, e responderá por mais da metade do crescimento previsto para 2012*¹³⁹.

Figura 3: Comércio Brasileiro em 2000 e 2010 -Mercosul perde importância no comércio Brasileiro¹⁴⁰



¹³⁹ "Brics assina acordo que cria banco comum de investimento", *Jornal do Brasil*, acessado 31 de maio de 2012, <http://www.jb.com.br/internacional/noticias/2012/03/29/brics-assina-acordo-que-cria-banco-comum-de-investimento/>.

¹⁴⁰ FORNETTI, "Mercosul perde espaço no comércio dos países membros".

Neste contexto, o Mercosul já não tem a mesma importância para o Brasil que tinha, mas continua a ter um papel fundamental no país. Aliás, com a forte crise económica, e agora com a presidência brasileira da organização, as economias dos blocos regionais acabaram por aproximar-se de forma significativa para compensar a falta de mercados alternativos.

Outro fator relevante são as imposições e barreiras colocadas pelos líderes nacionais, que acabam por impedir uma integração mais profunda. Por outro lado, estes mesmos líderes não demonstram qualquer intenção em acabar com o grupo, pelo contrário.

O Brasil, para além de ser o motor económico da organização, é também o impulsionador das políticas de integração e da maior aproximação entre os seus membros. O facto de o Brasil, como principal economia, fazer parte dos BRICS e adotar uma política externa mais expansiva, acabou por retirar importância ao Mercosul na sua política externa, uma realidade irreversível. Mas isto não significa que a organização se tornou obsoleta.

Toda a turbulência que sofreram durante essas duas décadas, ressaltando a entrada da Venezuela em 2012, acabou também por revelar-se determinante na aplicação e nos avanços dos objetivos propostos. Nesta conjuntura, é impraticável consolidar algum dos pressupostos e objetivos primordiais do Tratado de Assunção. As fortes crises conduziam ao fechar das economias e a subida do protecionismo, mas o Mercosul provou ser uma organização credível e empenhada na concretização dos seus objetivos. Apesar de todas as dificuldades que os países tiveram como crises hiperinflacionárias, planos económicos mal e bem-sucedidos, a existência da organização nunca foi posta em causa, dando ênfase à lógica de integração e prosperidade.

A organização teve um impacto positivo na imagem internacional da América do Sul, demonstrando uma maior estabilidade a nível político e económico. Para além disso, também influenciou de forma positiva os países latinos a procurarem formar também parcerias, com os quais o Mercosul mantém relações, e é um marco do sucesso das relações bilaterais entre o Brasil e a Argentina. Apesar de tudo, pode ser considerado como um projeto bem-sucedido de integração regional e um exemplo da consolidação do Brasil como potência regional.

3. BRASIL UMA POTÊNCIA EMERGENTE?

3.1 ANÁLISE SWOT

Nos dias de hoje, podemos afirmar que vivemos numa nova ordem internacional, *a new international order which is both uni and multi-polar at the same time*¹⁴¹, em constante mutação, com a emergência das designadas “Potências Emergentes.” Atualmente, países que não tinham grande relevância em termos internacionais, dominam a cena global. Cada vez mais, antigas potências são substituídas por novas. Não obstante, é preciso não esquecer que estes novos poderes o são, sobretudo, no sentido económico. *The world is uni-polar in the military sphere on account of the clear domination of the USA, and multi-polar in all other international areas*¹⁴². Assim, em termos militares, os Estados Unidos ainda continua a ser o principal ator global.

Partindo do pressuposto que não existe uma definição consensual do que é uma Potência Emergente, é difícil compreender se, de facto, o Brasil se enquadra dentro do conceito. Tanto a nível interno como internacional, existem opiniões diversas sobre o tema, os que defendem que o Brasil é uma Potência Emergente, e opiniões análogas que defendem que é um país em desenvolvimento. Mas será possível ser ambos?

Mas o que caracteriza uma Potência Emergente? Será o Brasil uma Potência Emergente? *The legend is that Brazil never lives up to its vast potential*¹⁴³. Será que desta vez o Brasil mostrará o seu potencial? São perguntas de difícil resposta. Pela sua trajetória, podemos perceber que o Brasil tem seguido um percurso ascendente, e, cada vez mais, tem vindo a participar em importantes discussões a nível global. Apesar de o país já não ter tido o crescimento económico esperado, é preciso ter em consideração o cenário de crise mundial e como o Brasil tem procurado responder de forma efetiva a mesma. O seu crescimento anual pode ter diminuído bruscamente, mas, perante o

¹⁴¹ GRATIUS, Susanne, “The international arena and emerging powers: stabilising or destabilising forces?”, *Fride*, abril de 2008, p.1, http://www.fride.org/descarga/COM_emerging_powers_ENG_abr08.pdf.

¹⁴² Portal Brasil, “Dilma fala sobre cumprimento dos Cinco Pactos propostos em junho”, *Notícia, Portal Brasil*, acessado 25 de outubro de 2013, <http://www.brasil.gov.br/governo/2013/10/dilma-fala-sobre-cumprimento-dos-cinco-pactos-propostos-em-junho>.

¹⁴³ “Brazil: An economic superpower, and now oil too”, *The Economist*, abril de 2008, <http://www.economist.com/node/11052873>.

cenário mundial, continua positivo. Nesta conjuntura internacional, nem o gigante chinês conseguiu manter a sua taxa de crescimento, enfrentando uma desaceleração da sua economia, mas continua sendo um dos países com maior crescimento económico, em comparação com as economias do ocidente, como demonstra a Figura 4. Todavia, apesar do cenário global, o baixo crescimento do Brasil é bastante prejudicial para a imagem internacional do país, para a atração de investimentos externos, que procurarão mercados mais competitivos, dificuldade já sentida hoje no país.

Em visita ao Brasil, o nobel da economia Paul Krugman, afirmou que o Brasil tem respondido de forma positiva a crise mundial que tem assolado as economias mundiais. Para o nobel da economia, *enfrentamos o segundo maior desastre da história. O primeiro foi a Grande Depressão. A crise recente afetou seriamente o Produto Interno Bruto (PIB) das economias desenvolvidas. O crescimento agora persiste lento, após o auge da crise de 2008/2009*¹⁴⁴. Outro aspeto importante abordado pelo economista é que os mercados já não estão tão “apaixonados” pelas economias emergentes, algo que já aconteceu antes e que poderá vir a mudar novamente no futuro.

Figura 4 – Comparação Internacional: Variação do crescimento em relação ao trimestre anterior de 2013 (%)¹⁴⁵



Fonte: OCDE, IBGE e Bloomberg

Elaboração: Ministério da Fazenda

¹⁴⁴ PINHEIRO, Márcia, “Paul Krugman: ‘O Brasil está se saindo muito bem’”, Artigo, *CartaCapital*, acessado 18 de março de 2014, <http://www.cartacapital.com.br/dialogos-capitais/paul-krugman-1851.html>.

¹⁴⁵ ABALA, Vitor, “Economia brasileira cresce 1,5% no segundo trimestre, aponta IBGE”, acessado 21 de março de 2014, <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-08-30/atualizada-economia-brasileira-cresce-15-no-segundo-trimestre-aponta-ibge>.

Pelo mapa, podemos concluir que o Brasil é o segundo país do mundo com maior crescimento com 1,5%, apenas a 0.02% da China, ocupando lugar de grande destaque tendo em conta o cenário global.

Apesar do declínio de importância atual das economias emergentes, elas continuam a ter um papel relevante a nível internacional. As potências tradicionais permitiram que as economias emergentes aumentassem a sua visibilidade e importância a nível internacional. Estas, cada vez mais, desempenham um papel fundamental a nível global. *Atores emergentes como a China, a Índia, o Brasil e a África do Sul alteram a distribuição global de poder, colocando em questão a legitimidade e a efetividade dos regimes existentes*¹⁴⁶.

Em 2009, a revista britânica, *The Economist*, lançou uma reportagem intitulada “Brazil takes off”. Segundo a notícia, o Brasil percorreu um caminho importante no desenvolvimento da sua economia, quando comparado com anos anteriores a 2003, fazendo relevância ao governo de Inácio Lula da Silva na condução da política do país. No entanto, afirmava que existiam problemas estruturais graves no Brasil, e que o facto de terem petróleo não é suficiente para o desenvolvimento do país. Se os recursos forem mal geridos, podem, inclusive, transformar a economia *not necessarily for the better*¹⁴⁷. Em 2013, questionam-se sobre o futuro do país, questionando-se “Has Brazil Blown it?”¹⁴⁸. A imagem do Cristo Rei em percurso descendente foi discutida em jornais e revistas do país. Porém, a revista reconhece que *Brazil has great strengths. Thanks to its efficient and entrepreneurial farmers, it is the world’s third-biggest food exporter. Even if the government has made the process slower and costlier than it needed to be, Brazil will be a big oil exporter by 2020*¹⁴⁹.

¹⁴⁶ STUENKEL, Oliver, *Potências Emergentes e Desafios Globais*, vol. Ano XIII, 2, Cadernos Adenauer (Felix Dane, 2012), 7.

¹⁴⁷ “Brazil takes off”, *The Economist*, novembro de 2009, <http://www.economist.com/node/14845197>.

¹⁴⁸ “Has Brazil blown it?”, *The Economist*, setembro de 2013, <http://www.economist.com/news/leaders/21586833-stagnant-economy-bloated-state-and-mass-protests-mean-dilma-rousseff-must-change-course-has>.

¹⁴⁹ Ibidem.

Referente à exportação de alimentos, o Brasil pode até vir a ultrapassar os EUA e tornar-se o maior produtor alimentício do mundo¹⁵⁰. O facto de o Brasil ser um grande exportador de bens primários é apontado como uma fraqueza do país. Porém, o problema não é ser um grande exportador de bens primários, como são os EUA, o problema é exportar essencialmente esse tipo de bens. Assim, ao mesmo tempo que pode ser considerado como uma força, também pode ser visto como uma fraqueza.

Como podemos observar na Figura 5, o Brasil ocupava o décimo quinto lugar no mundo em termos das maiores reservas de petróleo do mundo em 2008. Não obstante, em 2010 o país passou para o décimo quarto lugar, com uma produção anual de cerca de quinze mil milhões de barris, que aumentou para 15,3¹⁵¹ em 2012. Segundo dados da Petrobrás, entre 2013 e 2016 esperam-se extrair um milhão de barris por dia¹⁵², número que tenderá a aumentar. O Brasil tem uma tecnologia avançada para exploração de petróleo em águas profundas, sendo líder mundial em termos de pesquisas em biocombustíveis de 1ª e 2ª geração. Esta riqueza natural intensificou a aproximação sino-brasileira devido a procura da RPC por recursos energéticos, sendo o sector energético privilegiado nesta cooperação. A Petrobrás, na década 80 do século XX, participou em estudos exploratórios *downstream* chinês, *onshore* e *offshore*. Atualmente, devido a tecnologia brasileira, o processo inverteu-se, são os chineses que procuram participar na exploração em águas profundas no Brasil, com o intuito de obter o *know-how* para poder utilizar na exploração em águas profundas na China.

Segundo Raquel Patrício, *a China iniciou, assim, um processo de aproximação aos países em desenvolvimento para gerar alternativas aos países desenvolvidos (Europa e EUA) e aceder a matérias-primas, mas sobretudo como forma de sair do isolamento a que os EUA e a Europa a haviam votado por causa dos acontecimentos de Tianamen*¹⁵³.

¹⁵⁰ RIBAS, Silvio, “Brasil deve passar EUA como maior produtor de alimentos do planeta - Economia - Correio Braziliense”, acessado 24 de fevereiro de 2013.

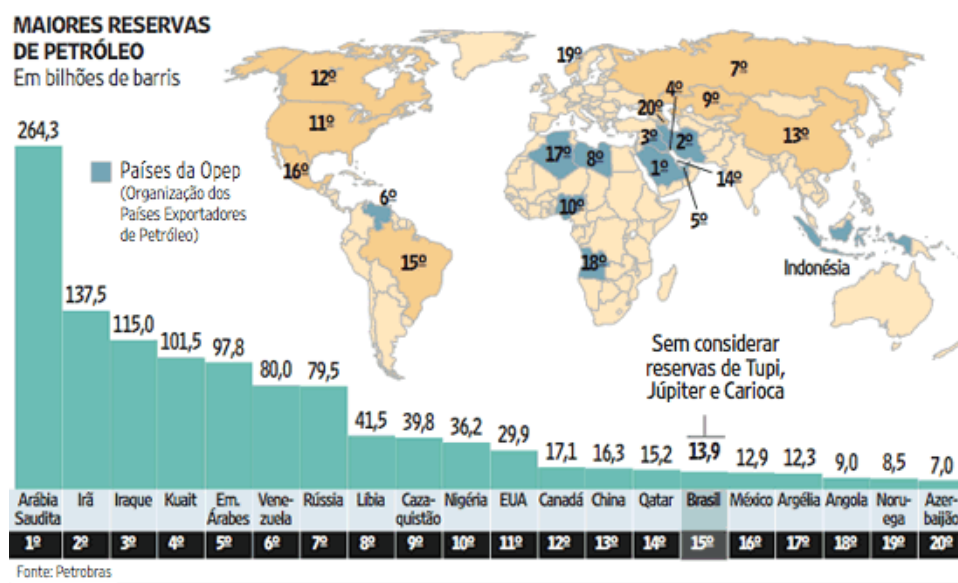
http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2013/02/24/internas_economia,351200/brasil-deve-passar-eua-como-maior-produtor-de-alimentos-do-planeta.shtml.

¹⁵¹ “Onde estão as maiores reservas de petróleo do mundo”, *Exame*, acessado 18 de julho de 2013, <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/as-15-maiores-reservas-de-petroleo-no-mundo>.

¹⁵² “Novas reservas - Portal Brasil”, acessado 8 de janeiro de 2013, <http://www.brasil.gov.br/sobre/economia/energia/pre-sal>.

¹⁵³ PATRÍCIO, Raquel de Caria, “A presença chinesa na América Latina: Desafios e possibilidades de cooperação”, [s.d.], p. 5,

Figura 5: Maiores Reservas de Petróleo no mundo ¹⁵⁴.



Outro aspecto relevante é a estabilidade política e social do Brasil, que, *despite the recent protests, it does not have the social or ethnic divisions that blight other emerging economies, such as India or Turkey*¹⁵⁵. Para além disso, existe um elevado grau de satisfação perante o governo atual, sendo avaliado por 43% da população como “ótimo/bom”¹⁵⁶.

Uma grande vantagem competitiva do Brasil é a sua população jovem e em idade ativa, que aumentou significativamente desde 2000 (Gráfico 9). A população entre os 15-29 anos chega aos 51 milhões, comparado com 47 milhões em 2000¹⁵⁷. Projeções apontam que a população brasileira atingirá o seu pico em 2030¹⁵⁸, sendo que depois

http://observare.ual.pt/conference/images/stories/conference%20images%20pdf/S3/Raquel_Patricao.pdf.

¹⁵⁴ “Folha Online - BBC Brasil - Brasil é superpotência, agora com petróleo, diz ‘Economist’ - 18/04/2008”, acessado 6 de janeiro de 2013, <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u393414.shtml>.

¹⁵⁵ “Has Brazil blown it?”.

¹⁵⁶ OLIVEIRA, Mariana e em Brasília, “Avaliação positiva do governo Dilma sobe de 37% para 43%, diz Ibope”, *Política*, acessado 22 de dezembro de 2013, <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/12/avaliacao-positiva-do-governo-dilma-sobe-de-37-para-43-diz-ibope.html>.

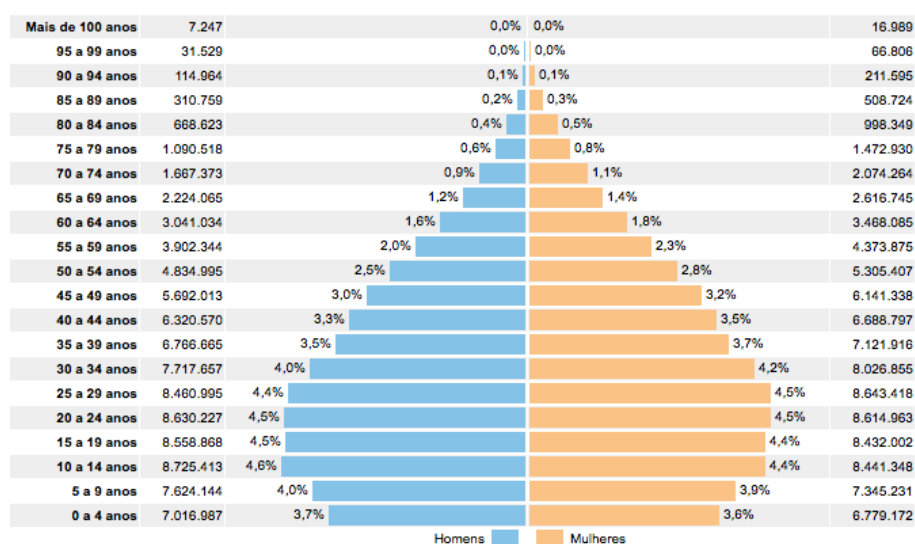
¹⁵⁷ “População jovem de 15 a 29 anos terá maior pico em 2010, diz Ipea”, *G1 notícias*, 19 de janeiro de 2010,

<http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1453899-5598,00-POPULACAO+JOVEM+DE+A+ANOS+TERA+MAIOR+PICO+EM+DIZ+IPEA.html>.

¹⁵⁸ “População brasileira atingirá pico em 2030, diz estudo do Ipea”, *G1 notícias*, acessado 15 de dezembro de 2012, <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/10/populacao-brasileira-atingira-o-tamanho-maximo-em-2030-diz-ipea.html>.

tenderá estagnar-se. A tendência é também para o envelhecimento da população, devido a diminuição da taxa de natalidade no país.

Gráfico 9: Distribuição da população brasileira por sexo e idade em 2010¹⁵⁹



Em termos económicos existe estabilidade, sobretudo desde o Plano Real, lançado no governo de Itamar Franco, que estabilizou a desvalorização do real e controlou a inflação. Como podemos observar no Gráfico 10, a inflação tem diminuído bruscamente, sobretudo desde 2006, chegando a 5,911% em 2013. Segundo o relatório do Banco Central do Brasil sobre a inflação, *o cenário de maior crescimento global, em particular de importantes parceiros comerciais do Brasil, combinado com a depreciação do real, milita no sentido de tornar a dinâmica da demanda externa mais favorável ao crescimento da economia brasileira*¹⁶⁰.

¹⁵⁹ "IBGE - Pirâmide Etária - BRASIL - 2010", IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, acessado 10 de dezembro de 2012, http://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/websevice/frm_piramide.php.

¹⁶⁰ *Relatório de Inflação - Sumário Executivo* (Banco Central do Brasil, dezembro de 2013), p. 7, <http://www.bcb.gov.br/htms/relinf/port/2013/12/ri201312sep.pdf>.

Gráfico 10 – História da Inflação no Brasil – Índice de preços ao consumidor (IPC)¹⁶¹

Gráficos – inflação histórico

Gráfico IPC Brasil no ano transacto

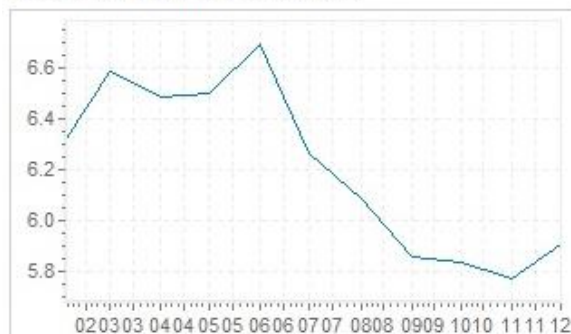
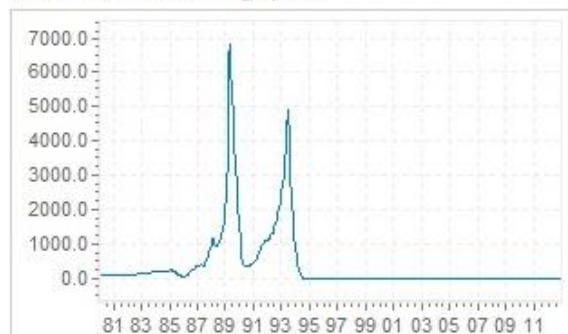


Gráfico IPC Brasil a longo prazo



IPC Brasil mais recente (números de inflação) 5,911 %

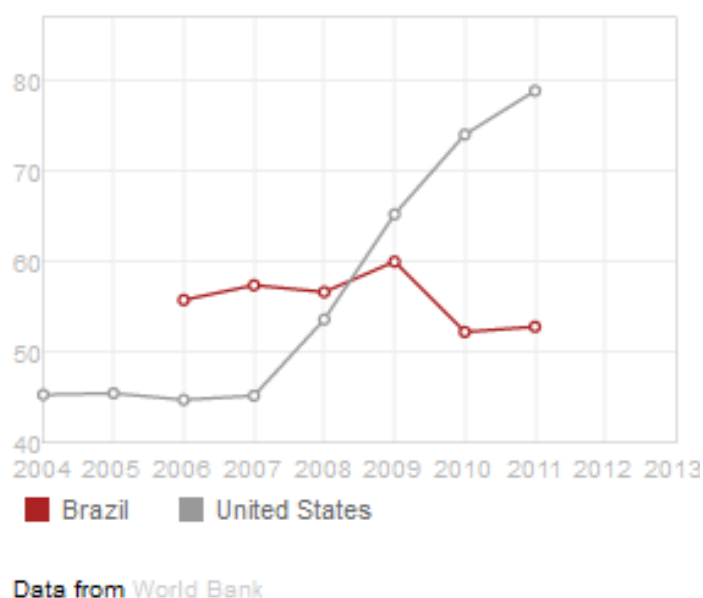
Referente à dívida pública, *a partir de 2003, com a melhora na percepção dos investidores quanto ao rumo da economia, tendo em vista a postura do novo governo em manter a responsabilidade fiscal e as políticas monetária e cambial, iniciadas na segunda gestão do governo anterior, foi possível observar consideráveis avanços na administração da dívida pública*¹⁶². Podemos observar no Gráfico 11, a comparação da evolução da dívida pública nos EUA e no Brasil entre 2004 e 2012. Enquanto os EUA têm aumentado a sua dívida externa para níveis históricos, o Brasil tem seguido o percurso contrário. Assim, *com o fim do problema de dívida externa, o Brasil tem menos exposição ao câmbio, tem mais estabilidade, com a inflação sob controle e a política fiscal mais responsável*¹⁶³.

¹⁶¹“Inflação Brasil - inflação IPC brasileira actual e histórico”, [s.d.], <http://pt.global-rates.com/estatisticas-economicas/inflacao/indice-de-precos-ao-consumidor/ipc/brasil.aspx>.

¹⁶² PEDRAS, Guilherme B. V., “História da dívida pública no Brasil de 1964 até os dias atuais”, *Dívida Pública: A experiência brasileira*, [s.d.], 67, http://www3.tesouro.gov.br/divida_publica/downloads/Parte%201_2.pdf.

¹⁶³ PINHEIRO, Márcia, “Paul Krugman”.

Gráfico 11 - Dívida pública nos EUA e no Brasil (% PIB)¹⁶⁴



Em termos das vulnerabilidades que o Brasil tem, destacamos os elevados custos de vida, problemas com a qualidade da educação brasileira, que reflete numa mão-de-obra pouco qualificada, e na disparidade social que o governo brasileiro tem procurado diminuir com sucesso, que fizeram emergir a nova “classe c”, capaz de movimentar uma economia per si. Esta nova classe, que movimenta bilhões de reais, terá o seu consumo saturado no futuro, o que trará um grande impacto na economia brasileira.

As infraestruturas do país continuam bastante deficitárias, carecendo de acessibilidades capazes de responder as necessidades da sua população. Falta um transporte terrestre mais eficiente, assim como maiores investimentos em transporte ferroviário. Existem regiões do país que ficam isoladas, propiciando o desenvolvimento díspar do Brasil, criando maiores clivagens económicas e sociais.

A nível internacional, existem oportunidades significativas em termos das parceiras que o país tem e que pode vir a ter. Como economia emergente, e com a descoberta do pré-sal, o Brasil é um país atrativo para a cooperação e atração de investimentos. Da mesma forma, com a construção do seu novo estatuto internacional,

¹⁶⁴ “Central government debt, total (% of GDP) | Data | Table”, acessado 10 de outubro de 2013, <http://data.worldbank.org/indicator/GC.DOD.TOTL.GD.ZS/countries>.

a sua participação mais ativa como ator responsável, representam uma conjuntura favorável que deve ser aproveitada.

O Brasil tem uma voz bastante ativa em discussões ambientais a nível internacional, sendo considerado como o “pulmão do mundo”. *The country has an exceptionally clean energy matrix and contains approximately 60 percent of the Amazon rain forest within its borders. At the same time, Brazil's deforestation is a significant contributor of greenhouse gases*¹⁶⁵.

Uma grande ameaça ao desenvolvimento do país é a crise mundial, cuja magnitude é comparada com a Grande Depressão de 1930. Assim como a crise foi uma oportunidade para aumentar a visibilidade internacional do país, o facto de começar a afetar a sua economia torna-a numa ameaça. Consequentemente, tem-se assistido à fuga do capital estrangeiro para economias mais vibrantes, com taxas de crescimento mais expressivas. Igualmente, o Brasil, pela sua regulação excessiva e uma política fiscal pouco competitiva, tornam-no num país difícil para se investir. De tal forma, que mesmo empresários brasileiros têm procurado mercados mais competitivos¹⁶⁶.

O Brasil sofrerá também com a desaceleração da economia chinesa, seu maior parceiro económico desde 2012, ultrapassando os EUA. Porém, com um grande mercado interno e com uma riqueza territorial abismal, o país tem todas as condições para superar esta crise e consolidar-se como uma potência reconhecida a nível internacional. *A China, a Índia e o Brasil têm todos uma posição nitidamente mais forte, à qual corresponde um reconhecimento internacional inequívoco do seu estatuto como grandes potências*¹⁶⁷.

Através deste estudo, podemos analisar claramente quais são os aspetos determinantes do país, assim como ver quais são as suas vulnerabilidades, oportunidades, ameaças e forças. Da análise SWOT realizada, concluímos que, os

¹⁶⁵ SWEIG, “A New Global Player”.

¹⁶⁶ “Dificuldades no Brasil fazem empresários paranaenses levar investimentos ao Paraguai – Agência FIEP - Notícias do Sistema”, acessado 21 de fevereiro de 2014, <http://www.agenciafiep.com.br/noticia/dificuldades-no-brasil-fazem-empresarios-paranaenses-levar-investimentos-ao-paraguai/>.

¹⁶⁷ GASPAR, Carlos, “A emergência de novas potências”.

problemas do Brasil são, sobretudo, internos, já que as ameaças têm um peso menos significativo.

Na Tabela 3, segundo definição de poder global de Susanne Gratius, podemos observar a posição de atores internacionais em termos de população, território, PIB, PIB *per capita*, crescimento, gastos com poder militar, tropas e orçamento na ONU. Apesar dos dados serem de 2006, podemos observar que o Brasil ocupa lugares de destaque a nível mundial, sendo que, aquando da realização do estudo, o Brasil encontrava-se numa posição inferior ao que se encontra hoje. Esta realidade confirma, mais uma vez, o seu estatuto como Potência Emergente. A mesma autora estabelece a seguinte hierarquia do sistema internacional:

1. Superpotência – EUA
2. Potência global ou Grande Potência Global - China, Índia, Rússia,
3. Potência Emergente – Brasil, Rússia, China, Índia
4. Potências Médias – Brasil, Canadá, África do Sul, outros
5. Potências Regionais – várias;
6. Potências pequenas – várias¹⁶⁸.

Tabela 3: Ranking de Poder Internacional Quantificável (2005 e 2006)¹⁶⁹

	China	India	Pakistan	Brazil	Mexico	Russia	Iran	SA
Population:	1º	2º	6º	5º	11º	7º	18º	27º
Territory:	2º	7º	36º	5º	15º	1º	18º	25º
GDP:	2º	12º	45º	10º	13º	11º	30º	29º
GDP p/cap:	90º	110º	123º	62º	57º	55º	102º	51º
Growth:	10%	8.3%	6.2%	3.6%	4%	6.5%	5.4%	4.2%
Military spending:	2º (55bn)	11º	31º	9º (13bn)	26º	72º	12º	40º
Troops	1º	4º	5º	18º	28º	2º	8º	31º
Budget. UN (%)	9º (205)	(0.432)	(0.05)	13º (1.52)	10º (1.88)	(1.1)	(0.15%)	(0.29)

¹⁶⁸ GRATIUS, Susanne, "The international arena and emerging powers: stabilising or destabilising forces?", *Fride*, abril de 2008, p.4,

http://www.fride.org/descarga/COM_emerging_powers_ENG_abr08.pdf.

¹⁶⁹ Ibid., p. 3.

Dos dados observados, concluímos que uma potência emergente é um país que tem potencial para tornar-se num poder a nível global, caso as políticas certas sejam seguidas, incluindo a modernização da sua indústria, avanços tecnológicos e crescimento económico sustentado. O conceito, tal como concebido atualmente, está intrinsecamente ligado ao poder económico e tecnológico do país, em detrimento de uma visão centrada no poder militar. Desta forma, o Brasil enquadra-se neste conceito, como um país que tem um enorme potencial, sendo, sem dúvida uma Potência Emergente. A mudança do seu estatuto internacional deveu-se ao esforço da diplomacia brasileira, mas, principalmente ao facto de ter-se aproximado de outras economias emergentes, sobretudo a China, um poder global, desafiando a ordem pré-estabelecida dominada pelos poderes tradicionais em declínio.

Tabela 4: Análise SWOT do Brasil

<p>Strenghts (Forças)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • População em idade ativa; • Riqueza territorial; • Estabilidade política e social; • Estabilidade económica; • Importantes investimentos em infraestrutura, educação e tecnologia; • Grande mercado interno; • Potência regional; • Elevado grau de satisfação na governança;
<p>Weaknesses (Vulnerabilidades)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Elevados Custos de vida; • Exportador principalmente de bens primários; • Mão-de-obra pouco qualificada; • Disparidade social; • Depreciação do real; • Baixa qualidade da educação secundária pública; • Saturação do consumo; • Infraestruturas ainda deficitárias; • Baixo índice de crescimento económico;
<p>Opportunities (Oportunidades)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Parcerias internacionais • Pré-Sal • Participação mais ativa em organizações internacionais; • Crédito de carbono; • Investimento Estrangeiro;
<p>Threats (Ameaças)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Crise Mundial; • Concorrência Internacional; • Perda da visibilidade/importância internacional; • Fuga do investimento estrangeiro.

4. A relação Sino-Brasileira

4.1 APROXIMAÇÃO SINO-BRASILEIRA

As relações bilaterais entre a China e o Brasil datam ao reinado de João VI (1816-1826), com a parceria para construção do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. A aproximação à China era modesta, restringindo-se a essa parceria e à emigração chinesa. Essa possibilidade era cogitada devido, sobretudo, devido a lei do Ventre Livre e a abolição da escravidão em 1888, e a necessidade de mão-de-obra para, principalmente, as plantações de café. Assim, em 1879 uma missão foi enviada à China. Devido aos maus tratos sofridos pelos imigrantes chineses em países com os EUA, Peru e Chile, aumentou a resistência no envio de chineses para esse tipo de trabalhos¹⁷⁰. Apesar desta iniciativa não ter sido bem sucedida, *os dois países assinaram o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação em 1881, com o Brasil abrindo um consulado em Shangai em 1883*¹⁷¹.

O Fluxo migratório chinês iniciou-se em 1908, e foi apenas interrompido pela Segunda Grande Guerra. Oficialmente, entraram no país cerca de três mil chineses¹⁷². Consequentemente, em 1934, a Constituição Brasileira passou a limitar a imigração chinesa, mas as imigrações ilegais aumentavam, sobretudo para Rio de Janeiro e São Paulo.

Devido aos conflitos internos na China, as relações, já escassas, diminuíram. Aquando da vitória de Mao Zedong em 1949, decorrente da Grande Marcha, o Brasil rompe as relações diplomáticas com a China, fechando o consulado brasileiro em Shangai.

¹⁷⁰ PRETO, Affonso Ouro, “China Brasil”, *Brasil e China no Reordenamento das Relações Internacionais: Desafios e Oportunidades*, 2011.

¹⁷¹ OLIVEIRA, Henrique Altemani de, “Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica”, *Revista Brasileira de Política Internacional* 47, nº 1 (junho de 2004): 11, doi:10.1590/S0034-73292004000100002.

¹⁷² Ibidem, 10.

A PEB durante este período não manteve relações significativas com a Ásia, voltando-se mais para a África. O continente asiático não era muito atrativo na altura e é preciso não esquecer a Guerra do Vietnam (1955-75).

Em 1974, o Brasil e a República Popular da China (RPC) retomaram as relações diplomáticas, três anos após a sua entrada na Organização das Nações Unidas (ONU), marcada pelo discurso de Deng Xiaoping na organização, onde apresentou a Teoria dos Três Mundos¹⁷³, desenvolvida por Mao Zedong, defendendo uma maior abertura internacional da China e a procura por um lugar importante na política mundial. A China começava finalmente, a reerguer-se depois do fracasso do Grande Salto em Frente e dos horrores da Revolução Cultural, que marcaram profundamente o país.

Apesar das diferenças culturais e políticas dos dois gigantes, havia uma proximidade em termos dos princípios defendidos pelas suas políticas externas, principalmente o princípio de não ingerência nos assuntos internos, o que acabou por refletiu-se em interesses comuns. Logo, com o retomar das relações, foram instituídos dois consulados chineses no Brasil, um em São Paulo e outro no Rio de Janeiro. Este é um marco importante na aproximação dos dois gigantes, porque desde então discutiu-se a aproximação e uma cooperação sul-sul. Da mesma forma, havia uma consciência que os países do terceiro mundo deveriam juntar-se na persecução de objetivos comuns, o que lhes traria maiores benefícios a nível internacional. Debateram também o comércio bilateral, mas os produtos chineses disponíveis no mercado na altura tinham pouco interesse para o mercado brasileiro. Para além disso, é preciso não esquecer as enormes diferenças entre os dois países. O Brasil era uma ditadura militar, enquanto na China ainda sentia o radicalismo da Revolução Cultural. Nesta época, a China foi o único país asiático com o qual o Brasil conseguiu desenvolver relações significativas.

Em 1984, aquando da visita do Presidente João Figueiredo à China, em discurso, o Presidente brasileiro afirmou:

A primeira visita de um Presidente da República Federativa do Brasil à República Popular da China revela o nível a que nossos países lograram elevar suas relações. Significa, ainda, nossa disposição de expandir e aprofundar nossos entendimentos, em benefício de brasileiros e chineses. O aproveitamento de oportunidades de

¹⁷³ CUNHA, Luís, “China na ONU: A nova potência Global”, *Negócios Estrangeiros*, julho de 2007, 11.1 edição.

caráter econômico-comercial e científico-tecnológico tem sido realizado com dedicação e criatividade pelos Governos de Brasília e de Pequim, pelos responsáveis pela gestão econômica e pelas respectivas comunidades científicas. (...)Os interesses comuns, embora dotados de força própria, poderão ser ampliados à medida em que forem identificadas novas convergências de pontos-de-vista de nossos países com respeito a temas de política internacional.

O Brasil aprecia o maduro desempenho e o perfil próprio que a China ostenta nas Nações Unidas. A busca da paz, o respeito à independência, soberania e autodeterminação de todos os países, à igualdade jurídica dos membros da comunidade das nações e o rechaço de toda e qualquer política hegemônica de força são ideais que nossos países compartilham.

O Brasil considera que a paz e o desenvolvimento, aspirações máximas do Terceiro Mundo, só podem ser plenamente assegurados na medida em que problemas angustiantes e decisivos para o futuro da espécie sejam racionalmente equacionados e que se passe, sem demora, do equacionamento para medidas de caráter prático.

Nesse contexto, Senhor Presidente, as atuações chinesa e brasileira apresentam muitos pontos em comum e avaliações que se harmonizam: seja no que se refere a aspectos importantes da problemática do desarmamento, seja no que se refere aos temas não menos importantes da reforma da ordem econômica mundial, do diálogo Norte-Sul e da necessidade de reverter a tendência de flagrante deterioração do ambiente político internacional, causada pelos antagonismos entre as superpotências¹⁷⁴.

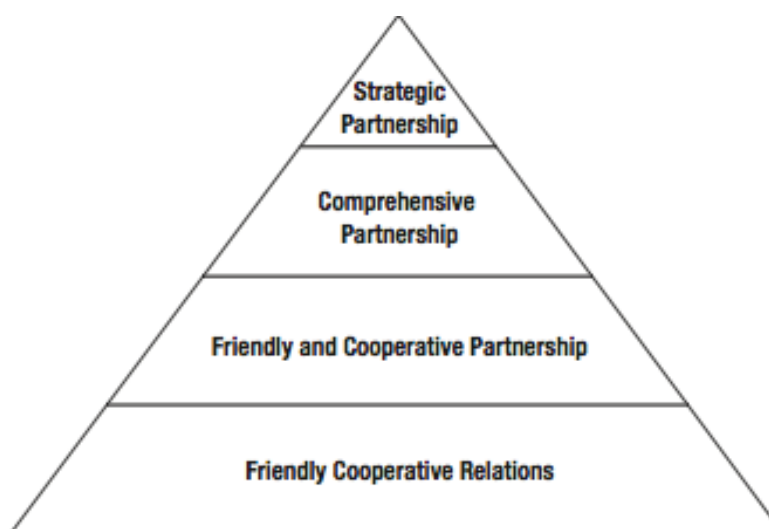
Do excerto do discurso supracitado, torna-se interessante observar o entendimento da importância da intensificação da relação entre os dois países. Há, assim, uma consciência de que a proximidade entre as nações do Terceiro Mundo pode ser benéfica e potenciar o desenvolvimento dos países. Segundo o presidente brasileiro, são reconhecidas as diferenças políticas e culturais, mas existem pontos convergentes que aproximam os dois países. Para além disso, existe uma visão clara da necessidade de um sistema internacional que beneficie os países em desenvolvimento e não só as políticas das duas superpotências da altura, EUA e URSS.

Apesar desta consciência da importância da aproximação sino-brasileira, as relações começaram a intensificarem-se, sobretudo, durante a presidência de Deng Xiaoping. Destacamos a visita de Deng ao Brasil, durante mandato de José Sarney (1985-

¹⁷⁴ FIGUEIREDO, João, “Discurso do Presidente João Figueiredo no banquete de retribuição ao Presidente da China, Senhor Li Xiannian” (Biblioteca da Presidência da República, [s.d.]), <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/jb-figueiredo/discursos-1/1984/28.pdf/download>.

1990), onde o presidente chinês afirmou que o Brasil e a China eram parceiros estratégicos e *only genuinely important countries are labeled strategic partners*¹⁷⁵. Em 1993, o Brasil foi o primeiro em desenvolvimento a ser considerado como parceiro estratégico, nível mais importante no *ranking* de parcerias estabelecidas pela diplomacia chinesa. Desde o estabelecimento da parceria estratégica, os dois países têm intensificado relação, traduzindo-se no aumento do número de visitas de alto nível (Figura 6).

Figura 6: Quadro de Parceria das Relações Exteriores da China¹⁷⁶



A visita de Deng Xiaoping assinalou igualmente a cooperação sino-brasileira, destacando-se a assinatura de um acordo para construção de dois satélites de recursos terrestres, os CBERS a 6 de Julho de 1988, com a divisão das responsabilidades em 70% para a China e 30% para o Brasil. Esta iniciativa foi um importante passo para os dois países no relançamento internacional ao nível das competências científicas e tecnológicas, que até então eram detidas pelos países desenvolvidos, sendo considerada uma cooperação de sucesso. Em 2002, foi assinado um novo acordo para

¹⁷⁵ DOMÍNGUEZ, Jorge I., “China’s Relations with Latin America: Shared Gains, Asymmetric Hopes”, *Inter-American dialogue*, [s.d.], 23.

¹⁷⁶ HAO, Su, “Harmonious World: The Conceived International Order in Framework of China’s Foreign Affairs”, [s.d.], p.40.

construção de mais dois satélites, mas desta vez com um investimento igualitário de 50% para cada país.

Um fator importante e que definiu as relações entre os dois países foi o facto de ambos os países não representarem, na altura, uma ameaça, mas sim uma oportunidade. A China sabia que a o Brasil não colocaria a sua hegemonia em causa na Ásia, assim como os pontos similares na sua política externa aproximaram os dois países. Da mesma forma, outro fator igualmente muito importante foi o facto de *improved political relations were a necessary part of the expansion in economic relations because intergovernmental agreements facilitate economic relations, but the exuberance of the economic boom outpaced the improvement in political relations*¹⁷⁷. Assim, podemos afirmar que a política externa dos dois países convergem sobretudo em quatro pontos: 1) Ambos têm desenvolvido uma política multilateral e procuram diversificar os seus parceiros económicos; 2) Defendem a soberania internacional e integridade do território; 3) Respeitam os princípios de não ingerência; 4) Apresentavam uma visão similar na oposição ao protecionismo excessivo dos países desenvolvidos.

Em 1994, Fernando Henrique Cardoso fez uma visita oficial à China. No entanto, apesar da aproximação entre os dois países, as relações só começaram mesmo a ser significativas com a entrada da RPC na OMC, e, posteriormente, durante o mandato de Lula e com Hu Jintao, com aumento exponencial após 2008. É de destacar a mudança na política externa brasileira durante o mandato do presidente Lula, que procurou diversificar as parcerias, aproximando o Brasil da China.

¹⁷⁷ DOMÍNGUEZ, Jorge I., “China’s Relations with Latin America: Shared Gains, Asymmetric Hopes”, 1.

4.2 O MAIOR PARCEIRO ECONÓMICO DO BRASIL – OPORTUNIDADE OU AMEAÇA?

O ano de 2012 marcou o aniversário de trinta e oito anos de relações diplomáticas entre os dois países, e muitos são os autores que procuram compreender a dinâmica das relações entre os dois gigantes. Para Affonso Ouro Preto, *o crescimento gigantesco da China bem como a expansão brasileira aproximaram os dois países*¹⁷⁸. Segundo Henrique Altemani de Oliveira, as relações entre a China e o Brasil desenvolvem-se em dois planos: *um, no campo político, correlacionado às estratégias de alianças no âmbito dos fóruns multilaterais e, outro, no da cooperação científico-tecnológica, com vistas a romper o monopólio detido pelos países desenvolvidos*¹⁷⁹.

Mas o que representa esta relação? Segundo Sérgio Amaral, a relação entre o Brasil e a China representa simultaneamente uma oportunidade e uma ameaça¹⁸⁰. Ao mesmo tempo que a política de grandes investimentos no Brasil é bastante benéfico, sobretudo se tivermos em consideração o cenário de crise internacional, não promove, da mesma forma que na China, o crescimento económico sustentável. Muitos problemas colocam-se para a economia brasileira industrial, que não é capaz de competir com os produtos manufaturados chineses. Outra dificuldade advém do facto de a China importar sobretudo bens primários (Gráfico 12), como a soja, minério de ferro e petróleo. Ora, a consequência direta para o país é que, enquanto os bens manufaturados desenvolvem as indústrias de produção, incorporam valor, geram emprego e melhoram as condições de vida da população, os bens brasileiros exportados não sofrem este processo de transformação. Estes benefícios têm sido usufruídos pela indústria manufatureira chinesa, que transforma os produtos, acrescentando-lhe valor.

¹⁷⁸ PRETO, Affonso Ouro, “China Brasil”, 25.

¹⁷⁹ OLIVEIRA, Henrique Altemani de, “Brasil e China: uma nova aliança não escrita?” 2010.

¹⁸⁰ AMARAL, “O Desafio da China para o Brasil”.

Gráfico 12: Trocas comerciais de matérias-primas entre o Brasil e China 2002-2011¹⁸¹



Para que uma economia seja sustentável a longo prazo, é necessário que a sua indústria se desenvolva. No caso brasileiro, discute-se o problema da desindustrialização, facto que tem sido exagerado, mas que pode colocar em causa o seu crescimento económico a longo prazo. A resposta do Brasil tem sido aumentar as taxas sobre os produtos importados, o que não tem sido uma medida eficaz. É preciso também analisar o facto de a China estar a investir cada vez mais em alta tecnologia e nos recursos vitais que o Brasil tem, o que causa grandes preocupações ao povo brasileiro. Para o anterior presidente chinês, Hu Jintao, *Brazil is the Latin America's most important country for China*¹⁸². Neste sentido, no entender do analista Amaury de Sousa, os problemas resultantes desta competição direta com a China devem ser encarados como uma oportunidade para melhorar a indústria brasileira, tornando-a capaz de desenvolver-se dentro destas dificuldades. Afirma ainda que *despite emerging problems, a long-term trade partnership with China may still shake out in Brazil's favor*¹⁸³. Para Henrique A. Oliveira, *a China, com seu impressionante crescimento*

¹⁸¹“Brazil's trade policy: Seeking protection”, *The Economist*, janeiro de 2012, <http://www.economist.com/node/21542780>.

¹⁸² DOMÍNGUEZ, Jorge I., “China's Relations with Latin America: Shared Gains, Asymmetric Hopes”, 27.

¹⁸³ SOUZA, Amaury de, “Brazil and China: An Uneasy Partnership”, *Center for Hemispheric Policy*, fevereiro de 2008.

*econômico, não deixa de representar uma grande oportunidade para a ampliação das relações comerciais e econômicas entre os dois países*¹⁸⁴.

Numa economia cada vez mais global, o Brasil deve ter capacidades de inovação e concorrência, sendo que o desafio desta parceira é benéfico para a modernização das forças produtivas. O Brasil sempre seguiu uma política demasiado protetora das suas indústrias, tornando-as débeis em termos da competição internacional, apesar de que a maioria das economias mundiais não conseguem competir com a China.

Partilhando a visão contrária, Carlos Pereira e João Neves afirmam que *even with advantageous trade relations, there is a pattern of growing imbalances and asymmetries in trade flows that are more favorable to China than Brazil*¹⁸⁵. Desta forma, assim como outros autores, confirmam que a China beneficia mais das relações bilaterais com o Brasil do que o contrário. Serão, assim, competidores ou parceiros estratégicos? Por um lado, assistimos à dependência brasileira na venda de bens primários, mas por outro, o regime político chinês é menos atrativo, a longo prazo, aos investimentos externos do que o Brasil. O facto de ambos estarem a investir massivamente em regiões estratégicas, como em África e na América Latina, pode criar uma grande competitividade pelo acesso aos recursos e com as melhores condições possíveis. Ao mesmo tempo, assistimos a competição direta dos seus produtos no mercado global, assim como concorrem para atrair investimentos externos, sobretudo nesta conjuntura de crise internacional. Para Amaury de Sousa, *increased competition from China is likely to adversely affect Brazilian exports in third markets and to displace inefficient producers at home. By the same token, China's pursuit of its national interests will hardly be diverted by occasional efforts to join forces with Brazil in multilateral fora or by rhetorical adherence to a South-South strategic alliance*¹⁸⁶.

Nas entrevistas realizadas, perguntamos aos entrevistados se viam a relação sino-brasileira como uma oportunidade ou como uma ameaça. Assim, para a Prof.^a Carla Fernandes, a parceria é sem *dúvida vantajosa para o Brasil, se não fosse não teria havido*

¹⁸⁴ OLIVEIRA, "Brasil-China", 21.

¹⁸⁵ NEVES, João Augusto de Castro e Carlos Pereira, "Brazil and China: South-South Partnership or North-South Competition?", *Foreign Policy*, março de 2011.

¹⁸⁶ SOUZA, "Brazil and China: An Uneasy Partnership", 2.

*esforços de aproximação e reforço da relação, sobretudo a partir do presidente Lula da Silva. É uma relação reconhecida por ambos os países como importante, e essa importância traduziu-se pela passagem do estatuto, adoptado em 1993, de “parceria estratégica”, para “parceria estratégica global”, em 2012*¹⁸⁷. Para o Prof. Márcio Voigt,

A China simultaneamente, é o maior parceiro económico comercial brasileiro e isso significa uma vantagem que o Brasil deve, evidentemente, exercitar. Mas também há a componente negativa desta relação, na medida em que a agressividade do capitalismo chinês por vezes pode, poderá inviabilizar sectores amplos da economia brasileira. Então, simultaneamente eu diria que a relação sino-brasileira é positiva, na medida em que é um grande ator para transformação de vários organismos e várias agendas globais, mas simultaneamente pode ser uma ameaça a sectores específicos da atividade económica brasileira da forma como o modelo chinês se comporta¹⁸⁸.

Para a Prof.^a Clarissa Dri,

Vejo algumas dificuldades culturais no relacionamento Brasil China. O Brasil e a América Latina são muito europeístas, no sentido de termos sido colonizados por europeus, com uma cultura muito próxima da europeia, e há uma grande dificuldade em compreender a cultura oriental, língua, comunicação, bagagem, expectativas sociais. Além disso, a China, agora falando de uma visão bastante europeia, de alguém que estudou dentro desta cultura americanista e europeísta, eu tenho dúvidas sobre a questão da democracia na China. Acho que se desconhece o sistema político chinês no Brasil, não há um estudo aprofundado sobre o sistema político, sobre o sistema democrático, não há uma posição sobre isso, então acho que seria preciso discutir melhor em que bases acontece a democracia na China, liberdades políticas, distribuição de renda, liberdades sociais, estado social. Eu, e acho que muitas pessoas no Brasil, a gente vê com uma visão de um ideal de estado democrático, de direito, de estado social provedor e garantidor de liberdades democráticas e provedor de necessidades económicas. Pergunto-me se a China consegue fazer isso com outro modelo, se será bem sucedida, ou se não. (...) Nesse sentido, não vejo tanto sentido na aproximação. Então não acho interessante uma promoção acrítica com o sistema chinês, assim como não acho que seja interessante a aproximação acrítica com nenhum país. Mas não vejo a presença chinesa como uma ameaça, mas como uma oportunidade de se conhecer esse novo país, de se internacionalizar, de importar mecanismos de sucesso industrial ou económicos, ou em outros campos, ou educacionais, e quem sabe também tentar difundir a experiência brasileira em outros aspetos que o sistema chinês possa ser aprimorado¹⁸⁹.

¹⁸⁷ FERNANDES, Carla, Brasil como potência emergente e a sua relação com a China, correio eletrónico, 10 de março de 2013.

¹⁸⁸ VOIGT, Márcio Roberto, Brasil como potência emergente e a sua relação com a China.

¹⁸⁹ DRI, Clarissa, Brasil como potência emergente e a sua relação com a China.

A parceria com a China é uma oportunidade para todos os países da América Latina. Segundo Raquel Patrício, *a América Latina tem interesses nesta parceria com o país que mais cresce economicamente no mundo, é o maior mercado mundial, cuja pujança também atrai e espera-se, mesmo, que nos próximos 2 ou 3 anos o consumo interno chinês aumente para USD 9,5 bilhões, isto é, USD 3 bilhões a mais que nos EUA*¹⁹⁰.

Existe claramente, no entanto, competitividade nas relações entre os dois gigantes. *China and Brazil tend to have a more competitive relationship in the long-term, which may become more intensive as both countries increase their presence in other regions*¹⁹¹. Porém, também existe uma parceria consolidada. Existem planos concretos que preveem uma maior cooperação, como o Plano Conjunto Brasil-China de 2010-2014, que tem por objetivo aprofundar das relações e o crescimento económico. Igualmente, há uma preocupação com a cultura e educação (apesar de pouco significativa quando comparada com a vertente política ou económica), com o intercâmbio de jovens brasileiros e chineses, tendo em vista uma maior formação e aprendizagem da língua, e a criação de centros de estudos em ambos os países.

Os dois países estão também a cooperar na construção de porta-aviões. A China está procurando desenvolver e aumentar a sua frota e precisa de porta-aviões para o transporte e também de treino para os seus militares. Para Kai Thaler, o Brasil é a única opção viável para a China, já que existem apenas quatro países capazes de produzir os porta-aviões e oferecer formação: a França (que não tem autorização para o fazer pela União Europeia), Rússia (as relações foram complexificadas desde a Rússia acusou a China de copiar o modelo dos jatos de combate), Estados Unidos (competidor direto da China, não sendo uma alternativa viável) e o Brasil¹⁹². Os planos de cooperação de aviação naval datam de 2009, onde ambos os países acordaram desenvolver políticas de segurança mútuas, assim como o lançamento de mais três satélites até 2013. Segundo o autor, *what Brazil stands to gain from the agreement is less immediately apparent. For Brazil, like China, there is an element of prestige involved. While China may not yet have*

¹⁹⁰ PATRÍCIO, Raquel de Cária, “A presença chinesa na América Latina: Desafios e possibilidades de cooperação”, 5.

¹⁹¹ NEVES, “Brazil and China: South-South Partnership or North-South Competition?”, 16.

¹⁹² THALER, Kai “Using BRIC to build at sea: The Brazil-China aircraft carrier agreement and shifting naval power”, *IPRI Viewpoints*, janeiro de 2010.

*arrived at true superpower status, its global influence today is second only to the U.S., and having such a powerful country request Brazilian assistance is a great boost to the brazilian ego and to Brazil's own aspirations to be recognized as an internacional, rather than just regional power*¹⁹³.

O Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC) foi criado em 2004, visando promover o diálogo e a cooperação entre as empresas dos dois países. Segundo o Embaixador Sérgio Amaral, em 2004, (...) *o fluxo de comércio atingia US\$ 9 bilhões. Sete anos depois, este número disparou para US\$ 56 bilhões. Os investimentos chineses, no ano passado, também explodiram. Entramos em uma nova fase deste relacionamento bilateral, que não para de crescer*¹⁹⁴.

A procura do reconhecimento internacional é outro fator semelhante em ambos os países. *It took time to transform from emerging economies to emerging powers*¹⁹⁵. Como supracitado, não desejam ser apenas potências regionais, mais globais. A China já atingiu este estatuto, mas o Brasil está a lutar por ele. Enquanto a China disputa o seu reconhecimento como uma economia de mercado, o Brasil procura o seu lugar permanente no Conselho de Segurança. Desde que se debate a reforma no CSNU, o Brasil tem procurado demonstrar ainda mais que é um ator responsável na cena internacional. No entanto, o seu grande parceiro económico e membro dos BRICs, a China, não apoia formalmente a candidatura brasileira, afirmando que ainda há um longo caminho a percorrer e muito a ser discutido antes de a reforma ser feita. A China teme, sobretudo, a possibilidade de a Índia vir a ter um lugar permanente, procurando evitar criar qualquer possibilidade disso acontecer. O Brasil reconheceu a China como economia de mercado perante a Organização Mundial do Comércio (OMC), apesar de todas as críticas, e o facto de não ver retribuído o seu esforço causa grande desconforto e desconfiança. No entender de Amaury de Souza, *by confusing trade interests with geopolitical aspirations, Brazil may follow a path paved with disappointment*.¹⁹⁶

¹⁹³Ibid. p.13

¹⁹⁴ "Publicação Especial 7 Anos do CEBC Visita da Presidente Dilma Rousseff à China, abril de 2011", abril de 2011, <http://www.cebc.org.br/pt-br/publicacoes-e-informes/china-brasil-update>.

¹⁹⁵HAIBIN,Niu, "Emerging Global Partnership: Brazil and China" (Revista brasileira de Política Internacional n° 53, 2010), 184.

¹⁹⁶ SOUZA, "Brazil and China: An Uneasy Partnership", 14.

O reconhecimento da RPC como economia de mercado teve altos custos para o Brasil, traduzindo-se em desvantagens competitivas. A alta regulação do Estado chinês sobre a economia, a produção a baixos custos, a abundância de mão-de-obra barata, fazem com que os seus produtos cheguem ao mercado a preços impraticáveis por outros países. O Brasil aumentou as limitações à entrada de têxteis provenientes da China, uma vez que a indústria brasileira não consegue competir com os preços chineses, o que poderia significar o fim da sua produção têxtil¹⁹⁷.

Ambos têm formas de estar diferentes na cena internacional. Por exemplo, a China tem uma forma muito particular de fazer os seus investimentos. Procura desenvolver as infraestruturas básicas, de forma a garantir o seu acesso aos mercados e contratos preferenciais. O país receptor beneficia claramente dos investimentos, assim como da não-ingrência nos seus assuntos internos. Estas ajudas, apesar de não estarem condicionadas como as da União Europeia, por exemplo, *are tied to the procurement of services, goods and labor in China, leaving in general only a small margin for local content in the target country*.¹⁹⁸

No entanto, a China teve dificuldades em adotar o mesmo modelo à Brasília. Existem diferenças e, por vezes, a China vê a sua entrada dificultada pelas políticas brasileiras nos moldes em que está habituada a proceder. Por exemplo, o projeto Gasene, que discutiremos mais a frente, tomou contornos diferentes do previsto por Pequim devido aos entraves institucionais colocados pelo Brasil. No entanto, vários projetos têm sido desenvolvidos e com sucesso.

O difícil acesso ao mercado brasileiro é uma realidade que preocupa muitos investidores e acaba por diminuir os investimentos estrangeiros feitos no país. Igualmente, falta uma política consolidada de atração de investimentos, dando benefícios mais competitivos a empresas que queiram instalar-se no país.

A Sinopec é uma empresa estatal chinesa que investe em oportunidades no sector energético internacional e que tem vindo a investir, nos últimos anos, no Brasil. É

¹⁹⁷ SOUZA, “Brazil and China: An Uneasy Partnership”.

¹⁹⁸ ALVES, “China’s Resource Quest in Brazil: The Changing Role of Economic Statecraft”.

forneecedora de produtos químicos e derivados do petróleo, com experiência em exploração *onshore* e *offshore* de óleo cru e gás natural, processamento, refinação, distribuição, transporte e comercialização. A sua colaboração no Brasil, iniciou-se com a sua participação no projeto gasene Petrobrás, em 2004 e, um dos maiores empreendimentos entre os dois países. O projeto contava com a construção de uma linha de gás natural de norte a sul (Figura 7). Tendo em conta o tamanho do Brasil, podemos compreender a magnitude do projeto.

Figura 7: Projeto Gasene¹⁹⁹



A conclusão deste projeto foi fundamental para garantir o abastecimento e o escoamento de gás natural. Em 2005, as negociações entre os dois países atingiram um impasse: normalmente, o investimento chinês trazia consigo a sua mão-de-obra, serviços e produtos provenientes da China. Ora, para o Banco Nacional de Desenvolvimento Económico e Social (BNDES) esta situação era insustentável e

¹⁹⁹ "Gasene Project", *The Australian Pipeliner* — The official magazine of the Australian Pipeline Industry Association, 2007, http://pipeliner.com.au/news/gasene_project/012289/.

inexecutável. O Brasil usaria a sua própria mão-de-obra, serviços e produtos. Esta foi outra dificuldade que a China enfrentou no Brasil, para a qual não estava preparada.

Um dos principais problemas com os investimentos chineses é a sua falta de clareza: muitas vezes não é possível distinguir entre o sector público e o privado. Mesmo quando uma empresa é privada, a participação do governo no processo de decisão e no financiamento pode ser dominante. Assim sendo, nunca se sabe com quem se está a negociar.

O investimento chinês conseguiu fazer parte das duas fases de construção do gasoduto. Com a crise internacional e com a falta de investidores capazes, as propostas chinesas prevaleceram, e o projeto estava concluído aquando da visita de Estado do Presidente Hu Jintao. No entanto, a procura pelo acesso aos recursos energéticos do Brasil não findou aqui, uma vez que a China é o maior consumidor mundial de energia e o segundo consumidor de petróleo, necessitando, cada vez mais de diversificar as suas fontes de abastecimento. Devido a estabilidade do mercado brasileiro, e pelo seu potencial, este apresenta-se como o parceiro ideal para a China. Projeções apontam que o Brasil será um dos maiores produtores de petróleo do mundo, segundo a Agência Internacional da Energia (AIE)²⁰⁰. Em 2035, serão produzidos cerca de seis milhões de barris por dia, assim como a sua produção de gás aumentará exponencialmente, respondendo as necessidades do país até 2030²⁰¹. Depois do apoio financeiro do China Development Bank à Petrobras em 2009, a participação das empresas chinesas no sector energético brasileiro ampliaram-se. A Sinopec além de ter reforçado os contratos com a Petrobras, em Outubro de 2010 comprou 40% da Repsol Brasil em Março de 2012, uma das maiores companhias da América Latina, e 30% da Petrogal Brasil, empresa responsável pelas atividades de exploração e produção de petróleo da Galp Energia no Brasil²⁰². Entre outras empresas presentes, atualmente, no Brasil, está a China National Petroleum Corporation (CNPC) e a China National Offshore Oil Corporation (CNOOC), que

²⁰⁰ “Brasil será um dos maiores produtores de petróleo do mundo”, *Economia*, acessado 12 de novembro de 2013, <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/11/brasil-sera-um-dos-maiores-produtores-de-petroleo-do-mundo.html>.

²⁰¹ Ibidem.

²⁰² LUSA, “Gigante chinês Sinopec fecha acordo de compra de 30% da Petrogal Brasil”, *PÚBLICO*, acessado 10 de outubro de 2013, <http://www.publico.pt/economia/noticia/gigante-chines-sinopec-fecha-acordo-de-compra-de-30-da-petrogal-brasil--1539775>.

em 2013, conseguiram aceder, num consórcio com a Shell, Total, e a Petrobrás, ao campo Libra. O receio dos investidores estrangeiros na regulação do governo brasileiro sobre a exploração do recurso, fez com que não houvessem propostas concorrentes à apresentada pela Petrobrás, Shell, CNPC e CNOCC.

Em retrospectiva, inicialmente após a entrada da Sinopec no projeto Gasene as empresas chinesas não conseguiram aceder ao *downstream* brasileiro, mas com reforço da cooperação entre os dois países e respetivas empresas, a partir de 2009, o mercado energético brasileiro tem estado mais aberto aos investimentos chineses.

4.3 A CRISE MUNDIAL COMO OPORTUNIDADE

A posição preeminente dos dois países deve-se sobremaneira a crise internacional, sendo que a aproximação sino-brasileira ganhou uma dimensão mais profunda. No entender de Francisco M.B. de Holanda, existem três ocasiões onde esta realidade evidencia-se:

- a) Pelo alcance temporal das decisões, que transcende cada vez mais o curto prazo e aponta para um horizonte temporal mais amplo;
- b) Pela diversificação da agenda bilateral, que se expandiu de tópicos tradicionais associados, na sua maior parte, ao intercâmbio comercial – para novas fronteiras de atuação conjunta, típicas de relações mais maduras, tais como investimentos; associação em segmentos de alta tecnologia, aeronáutico, fármacos; economia verde; e cooperação académica;
- c) Pela ampliação da agenda para o plano plurilateral, evidenciada pela presença dos dois países no BRICS e pela estreita coordenação de posições em novos mecanismos de governança mundial, como o BASIC e o G20 Financeiro²⁰³.

Não obstante, a aproximação foi privilegiada pela crise, mas não deve-se somente a esta. A aproximação dos dois países tem outra dimensão bastante importante. Ambos sabem que a sua aproximação favorece o seu posicionamento internacional. Logo, para

²⁰³ HOLANDA, Francisco M.B. de, *Relações Brasil-China: Elementos de aproximação e diferenciação*, vol. Brasil e China no Reordenamento das Relações Internacionais: Desafios e Oportunidades, 2011, 68, http://funag.gov.br/loja/download/905-Brasil_e_China_no_Reordenamento_das_Relacoes_Internacionais.pdf.

Raquel Patrício, *tais relações fortalecem-se no presente em virtude desses países estarem, hoje, perante o desafio de desenvolver uma voz mais audível nas questões da agenda internacional. E para isso, tanto a China quanto os países latino-americanos, em especial o Brasil, têm desenvolvido estratégias de negociação muito semelhantes sobre o seu lugar no sistema internacional (...)*²⁰⁴.

Neste contexto, o investimento chinês foi muito importante para o Brasil, sobretudo devido à crise financeira internacional, tendo a China conseguido ganhar muito mais terreno nos investimentos por falta de competidores. Com a grande procura por fontes de energia credíveis para suportar o crescimento chinês, Pequim vê no Brasil um parceiro estratégico estável e responsável. Por isso, a China tem aproveitado todas as oportunidades para deter cada vez mais as matérias-primas brasileiras. Neste momento, já detém grande parte das principais empresas do Brasil em termos de recursos energéticos. Mas não são apenas o petróleo e o gás natural (figura 8) que interessam os investidores: o aço, o minério de ferro, a soja, as telecomunicações, energia elétrica, entre outros, são muito procurados. Segundo o estudo do Conselho Empresarial Brasil-China, *as relações económico-comerciais entre o Brasil e a China continuaram a registar um notável crescimento em 2011. A China manteve, no ano passado, a posição de principal parceiro comercial do Brasil, alcançada em 2009. O comércio entre os países movimentou um total de US\$ 77,1 bilhões, refletindo um aumento de 36,8% em comparação ao ano de 2010.*

A crise mundial tem vindo a representar uma oportunidade para a economia chinesa. Aliás, é importante observar que “crise” e “oportunidade” em chinês escrevem-se com o mesmo carácter (weiii), o que, per si, representa uma diferença cultural determinante. Apoiadas financeiramente pelos bancos estatais chineses e diplomaticamente pelo governo, as empresas chinesas tem vindo a conseguir ganhar muitas licitações, que poderiam não serem possíveis em outras situações. Por exemplo, a presença massiva da Sinopec no Brasil não está de acordo com as normas de competitividade das diferentes empresas no sector energético. No entanto, estas

²⁰⁴ PATRÍCIO, Raquel de Caria, “A presença chinesa na América Latina: Desafios e possibilidades de cooperação”, 6.

irregularidades processuais têm sido desprezadas em prol dos investimentos na economia brasileira.

Figura 8: Investimento chinês no Brasil por sector em 2010²⁰⁵



Assim, no Brasil, o maior volume de investimentos provenientes da China tem sido voltado para as áreas de petróleo, mineração e produção agrícola. Estatais chinesas já adquiriram reservas de minério de ferro de milhões de toneladas, em Minas Gerais e na Bahia, associadas ou não ao capital nacional. O níquel e a cadeia de produção do alumínio estão também na mira das gigantes estatais da China.²⁰⁶

A China é o maior parceiro económico do Brasil e o segundo maior importador de petróleo. O comércio bilateral com a China disparou, durante o mandato de Lula, representando um crescimento de cerca de setecentos e oitenta por cento, correspondendo a trinta e seis milhões de dólares em 2009.²⁰⁷ Nesse ano, a China conseguiu um contrato de fornecimento de petróleo da Petrobras à Unipac Asia, uma sucursal da Sinopec, de 150 mil barris diários no primeiro ano e 200 mil nos nove anos seguintes²⁰⁸. Um contrato que contribui para que aumento das exportações do Brasil para a China e com impacto no comércio bilateral.

Um aspeto muito positivo para ambos os países é o aumento da sua visibilidade internacional, assim como da diversificação das parcerias. O investimento chinês foi

²⁰⁵YANNAN, Tuo, "Chinese capital eyes Brazil's high-tech sector", 7 de maio de 2011, <http://english.cntv.cn/20110705/104490.shtml>.

²⁰⁶"O que a China busca no Brasil - opiniao - Estadão.com.br", *Estadão*, acessado 13 de junho de 2012, <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,o-que-a-china-busca-no-brasil,702272,0.htm>.

²⁰⁷HAIBIN, "Emerging Global Partnership: Brazil and China", 188.

²⁰⁸"Petrobras to increase oil exports to China", *China Daily*, 20 de maio de 2009, http://www.chinadaily.com.cn/bizchina/2009-05/20/content_7825075.htm.

crítico para que o Brasil pudesse manter o seu crescimento económico. A crise mundial afetou os seus principais parceiros e diminuiu os seus investimentos. Neste contexto, a China emergiu como um parceiro sólido e com muito capital para investir. A principal preocupação para a economia brasileira é a sua forte dependência, que tem vindo a aumentar. *Em decorrência da crescente dependência brasileira em relação ao mercado chinês e de seu caráter assimétrico, parte da sociedade brasileira acompanha com um misto de desilusão e ceticismo o relacionamento sino-brasileiro.*²⁰⁹

Ambos os países também têm princípios que norteiam a sua política externa similares, como a importância da coexistência pacífica entre os países. No caso chinês, concretamente, a política do “Mundo Harmonioso” demonstra o ponto de vista do país sobre como devem ser estabelecidas as relações diplomáticas com outros países. Desta forma, e de acordo com Hu Sao, *as relations between countries should not be resistant or hostile, so disputes existing between countries should not be solved through military force, but should be settled through consultation and cooperation on the basis of maintaining friendship, mutual respect, and mutual understanding*²¹⁰.

Para o Brasil, é fundamental a aproximação sino-brasileira à China, sendo a única forma de o Brasil conseguir manter o seu crescimento económico, afinal o país é o seu maior parceiro económico. A medida que os parceiros tradicionais brasileiros fecham as suas economias, a China emerge como uma economia pulsante e contagiante. Mas, mesmo a grande China começa a mostrar sinais de enfraquecimento e desaceleração. Todavia, é inegável a sua importância a nível mundial. Um fator que demonstrou o seu poder global foi quando as estimativas de crescimento reviram-se mais baixas do que previsto, causando choques na economia a nível global, com, por exemplo, o aumento do preço do ouro e a queda de diversas bolsas no mundo. Igualmente, é preciso não esquecer que a China é o maior país detentor da dívida externa americana, com cerca de 1.2 biliões em notas, letras de câmbio e títulos²¹¹.

²⁰⁹ OLIVEIRA, “Brasil e China: uma nova aliança não escrita?”, 89.

²¹⁰ HAO, Su, “Harmonious World: The Conceived International Order in Framework of China’s Foreign Affairs”, 26.

²¹¹ MURSE, Tom, “U.S. Debt - How Much China Owns”, *About.com US Government Info*, acessado 10 de outubro de 2013, <http://usgovinfo.about.com/od/moneymatters/ss/How-Much-US-Debt-Does-China-Own.htm>.

A crise global tem afetado o desenvolvimento da sua economia, assim como as grandes contradições e problemas internos do país começam a emergir com mais força. Por exemplo, em Hong Kong, o maior centro financeiro do mundo, declara pela primeira vez que 1,3 milhões de pessoas vivem na pobreza²¹². Se pensarmos que é uma das cidades consideradas uma das mais ricas do mundo, esses dados são alarmantes. No entanto, se examinarmos todo o universo chinês, representa apenas uma pequena parte da população. A maior parte da população chinesa vive abaixo do limiar da pobreza, sacrificando-se para sustentar o crescimento acelerado e constante que o PCC quer manter. A RPC tem vários desafios internos, que podem por em causa o “sonho Chinês” defendido pelo presidente Xi Jinping, desde cidades fantasmas, construídas em prol da manutenção de altas taxas de crescimento, outras soterradas em poluição e condições de vida anómalas. Até que ponto será o partido comunista capaz de manter toda a estrutura unida? Caminhará a China para um final como a URSS? O analista James Hoge Jr defende *que asia's rise is just beginning, and if the big regional powers can remain stable while improving their policies, rapid growth could continue for decades. Robust success, however, is inevitably accompanied by various stresses*²¹³. Outro fator preocupante é a desaceleração da economia chinesa, o seu impacto global e, sobretudo na economia brasileira, cujo maior parceiro é a China.

Por outro lado, a crise mundial tem sido uma oportunidade para ambos os países. O declínio dos poderes tradicionais fez despontar um novo interesse nos países emergentes, que começaram a ter uma voz mais ativa e mais significativa a nível global. Da mesma forma, esses países foram chamados a ter um papel mais determinante nas relações internacionais e nas instituições existentes, já que, *the world is uni-polar in the military sphere on account of the clear domination of the USA, and multi-polar in all other international areas*²¹⁴. No entanto, o sistema internacional continua a refletir uma estrutura dominada pelos poderes tradicionais e pelo seu discurso político. Para André M. Cunho, *“os otimistas” percebem na ascensão chinesa a possibilidade de consolidação de uma nova ordem internacional menos centrada no poder americano e com maior abertura*

²¹² “Hong Kong tem 1,3 milhões de pobres - Internacional”, SOL, acessado 29 de setembro de 2013, http://sol.sapo.pt/inicio/Internacional/Interior.aspx?content_id=86648.

²¹³ HOGE, James F., “A Global Power Shift in the Making”, *Foreign Affairs*, 1 de julho de 2004, <http://www.foreignaffairs.com/articles/59910/james-f-hoge-jr/a-global-power-shift-in-the-making>.

²¹⁴ GRATIUS, “The international arena and emerging powers: stabilising or destabilising forces?”, 1.

de espaços para que o Brasil consolide-se como uma potência líder entre os países em desenvolvimento, particularmente na América do Sul²¹⁵.

4.4. O INVESTIMENTO BRASILEIRO NA CHINA

O Brasil tem procurado diversificar as suas parcerias a nível mundial, com o olhar virado para o continente asiático, sobretudo desde o mandato do Presidente Lula. É preciso não esquecer que o país faz parte do Mercosul, sendo o grande motor económico da organização. Nos últimos anos, assistimos a uma mudança nos seus parceiros estratégicos (Tabela 5). Baseado na análise da tabela, podemos observar como a China passou para o principal parceiro económico do Brasil em oito anos. Em 2002 as exportações para a China representavam 2,5 mil milhões de USA em comparação com 44,3 em 2011. Os EUA são o segundo destino, mas representam quase a metade das exportações para a China.

Tabela 5: Os dez principais parceiros do Brasil --Exportações brasileiras em 2002 / 2009 - 2011²¹⁶ (Mil milhões de US dólares)

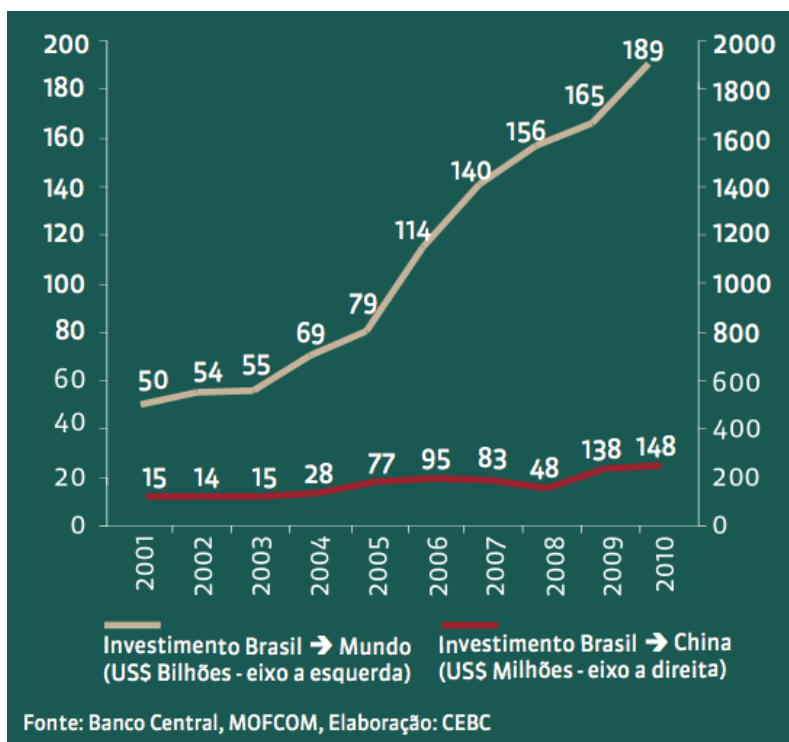
DISCRIMINAÇÃO	2002 (JAN-DEZ)	2009 (JAN-DEZ)	2010 (JAN-DEZ)	2011 (JAN-DEZ)	PART.% NO TOTAL
TOTAL GERAL	60,4	153,0	201,9	256,0	100,0%
PAÍSES SELECIONADOS	34,0	80,2	110,9	142,6	55,7%
China	2,5	21,0	30,8	44,3	17,3%
Estados Unidos	15,4	15,6	19,3	25,8	10,1%
Argentina	2,3	12,8	18,5	22,7	8,9%
Países Baixos	3,2	8,2	10,2	13,6	5,3%
Japão	2,1	4,3	7,1	9,5	3,7%
Alemanha	2,5	6,2	8,1	6,0	2,3%
Itália	1,8	3,0	4,2	5,4	2,1%
Chile	1,5	2,7	4,3	5,4	2,1%
Reino Unido	1,8	3,7	4,6	5,2	2,0%
Coréia do Sul	0,9	2,7	3,8	4,7	1,8%

²¹⁵ CUNHA, André Moreira, "A China e o Brasil na nova Ordem Internacional", *Revista de Sociologia e Política*, novembro de 2011, 26.

²¹⁶ *Comércio Exterior Brasileiro 2012 (Março)* (Ministério das Relações Exteriores, março de 2012), 6, <http://www.brasilglobalnet.gov.br/ARQUIVOS/IndicadoresEconomicos/ComExtBrasileiroABR2012.pdf>.

Em termos de investimento, o Brasil também tem investido no mercado chinês, o que expõe um estreitamento das relações. Contrariamente ao aumento exponencial que o investimento chinês teve no Brasil, o brasileiro tem aumentado ligeiramente, como podemos comprovar no Gráfico 13. Concluimos igualmente que o aumento mais expressivo foi ao nível do investimento mundial.

Gráfico 13: Investimento do Brasil no mundo e na China 2001-2010²¹⁷



Segundo o Ministério do Comércio da China (MOFCOM), entre 2000 e 2010 foram investidos na China cerca de 572,5 milhões de dólares ²¹⁸. Neste momento, as empresas brasileiras não estão preparadas para consolidar-se no mercado da mesma forma que as empresas chinesas. Por um lado, é mais fácil localizarem-se na América do Sul, e por outro, têm algumas dificuldades em corresponderem às expectativas do mercado interno chinês, faltando-lhes inovação. Todavia, *major Brazilian firms such as Petrobras have penetrated Chinese markets*²¹⁹.

²¹⁷ AMARAL, Sergio (coord), “Carta Brasil China” (Conselho Empresarial China-Brasil, março de 2012), 9, Ed. 4, <http://www.cebc.org.br/>.

²¹⁸ Ibidem.

²¹⁹ DOMÍNGUEZ, Jorge I., “China’s Relations with Latin America: Shared Gains, Asymmetric Hopes”, 28.

As empresas brasileiras procuram também aumentar a sua competitividade. No caso dos têxteis, ao deslocalizarem-se para a China, estão a diminuir os custos de produção em cerca de 80% em alguns casos. Ao mesmo tempo, têm um maior acesso às novas tecnologias e condições que demorariam mais tempo a estarem disponíveis no seu país de origem.

A composição das empresas brasileiras na China tem aumentado conforme a aproximação sino-brasileira intensifica-se (Figura 9). Em termos de sectores, *mais de 70% das atividades de negócios exercidas pelas empresas brasileiras na China estão focadas em consultoria de negócios, tradings, distribuição/vendas e sourcing (compra de produtos ou componentes)*²²⁰. Apesar da Petrobras ter um escritório em Pequim desde 2004, e da sua participação nos recursos energéticos chineses iniciaram-se na década de 1980, ainda não existem empresas brasileiras com atuação em sectores estratégicos apontadas pelo governo de Pequim²²¹.

Diversos desafios apresentam-se as empresas brasileiras. Para além das diversas culturais e regulatórias, existem uma série de dificuldades que acabam por dificultar o investimento brasileiro na China. Uma delas é o próprio protecionismo do governo brasileiro em relação à RPC, que acaba por refletir-se também nas políticas regulatórias aos investimentos brasileiros.

²²⁰ “Empresas Brasileiras na China: Presença e Experiências”, junho de 2012, http://www.cebc.org.br/sites/default/files/pesquisa_presenca_das_empresas_brasileiras_na_china_-_presenca_e_experiencias.pdf, p.12.

²²¹ Ibidem, p. 8.

Figura 9: Localização das principais empresas brasileiras na China, por número de empresas²²²



Assim, podemos concluir que os investimentos brasileiros na China são modestos quando comparados com a sua presença em outros países do mundo, e insignificantes quando comparados com o investimento chinês no Brasil. A falta de originalidade e de investimento em recursos estratégicos debilitam a participação e a importância do investimento brasileiro. Aumentar a competitividade poderia ser benéfico e diminuir a dependência da China.

²²² Ibidem, p.12.

4.5 BRICS: O INTENSIFICAR DAS RELAÇÕES

Em 2001, Jim O'Neill publicou um relatório pela Goldman Sachs onde afirmava que as economias do Brasil China, Rússia e Índia seriam as maiores economias do mundo em 2050. Desde então, os BRIC ganharam uma nova força política e económica, inclusive incorporando a África do Sul ao seu fórum de discussões anuais. Igualmente, desde a criação do acrónimo, muitos outros foram lançados, o que aproxima muito os países pertencentes. Os BRICs representam cerca de 40% da população mundial, 25% do território e são considerados com as economias mais poderosas do futuro.

Os encontros do grupo foram iniciados de maneira informal, através de almoços. Destaca-se o papel do Brasil na procura por defender a necessidade de cooperação e de aprofundamento do diálogo entre os países. Pelo mediatismo e pelos interesses comuns, os países começaram a reunir-se de forma mais formal, sobretudo desde a reunião formal em Ekaterimburgo, em 2008. Neste ano, segundo Maria F. Reis, foram definidos pontos de consenso, dando um carácter anual as reuniões:

- *Fortalecimento da segurança e da estabilidade internacionais;*
- *Necessidade de assegurar oportunidades iguais para o desenvolvimento de todos os países;*
- *Fortalecimento do multilateralismo, com a ONU desempenhando papel central;*
- *Necessidade de reforma da ONU e de seu Conselho de Segurança, de modo a torná-lo mais representativo, legítimo e eficaz;*
- *China e Rússia registaram apoio às aspirações do Brasil e Índia de desempenhar maior papel nas Nações Unidas;*
- *Apoio à solução de disputas por meios políticos e diplomáticos;*
- *Favorecimento do desarmamento e da não proliferação;*
- *Condenação ao terrorismo em todas as suas formas e manifestações;*
- *Reconhecimento da importância da cooperação internacional para o enfrentamento dos efeitos da mudança do clima;*

- *Reiteração do compromisso de contribuir para o cumprimento das Metas de Desenvolvimento do Milênio e o apoio aos esforços internacionais de combate à fome e à pobreza;*
- *Acolhimento da sugestão do Brasil de organizar reunião de Ministros das Finanças dos BRICS para discutir temas econômicos e financeiros*²²³.

Dos pontos acima citados, é interessante observar como três deles estão relacionados com a ONU e com a reforma no CSNU. Para o Brasil, como mencionado anteriormente, conquistar o lugar no CSNU é importantíssimo e é uma pretensão antiga. A China, por sua vez, continua reticente quanto apoiar a candidatura brasileira, uma vez que não quer a presença da Índia no CSNU. Desta forma, estes são os pontos mais críticos e de difícil resolução.

Apesar do compromisso assumido, os países que compõe os BRICS são muito distintos, com agendas diferenciadas, patamares de desenvolvido e necessidades diferentes. Para Valdemar C. Leão, *sua heterogeneidade é visível, sua identidade é construída e sua agenda é aberta, porém limitada por sensibilidades e agendas diferenciadas de seus membros*²²⁴. Segundo Affonso O. Preto, *as características das economias dos países do grupo não coincidiriam e seus interesses comerciais também seriam diferentes. A Índia, exportadoras de serviços como software, a China exportadora dos produtos industrializados, a Rússia que vende essencialmente petróleo e o Brasil, hoje gigante agrícola fornecedor em grande escala de commodities pouco teriam em comum. As políticas monetárias, ainda, seriam distintas*²²⁵.

Porém, apesar das diferenças entre os países, mais do que parceiros econômicos, começam a convergir interesses políticos e tomam posições comuns na política internacional. *They seem to have the political, economic, and military means to influence*

²²³ REIS, Maria E. Fontenele, *BRICS: surgimento e evolução*, O Brasil, os BRICS e a agenda internacional (Coleção Eventos, 2013), 53, www.funag.gov.br/biblioteca/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=642&Itemid=41.

²²⁴ LEÃO, Valdemar C., *BRICS: identidade e agenda econômica*, O Brasil, os BRICS e a agenda internacional, 2013, 83, www.funag.gov.br/biblioteca/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=642&Itemid=41.

²²⁵ PRETO, Affonso Ouro, "China Brasil", 25.

*the international order through their own regions or even globally*²²⁶. Por exemplo, assumiram uma posição conjunta e condenaram a atuação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) na Líbia, velando pelo princípio de não ingerência nos assuntos internos dos países. O facto de terem sido englobados no mesmo grupo acabou por ter um efeito positivo, criando maior cooperação e políticas mais próximas. Estes países perceberam que juntos têm mais poder do que separados, exigindo, por exemplo, maior poder de voto no Fundo Monetário Internacional para libertarem fundos e reconhecimento da sua importância a nível global. Dilma Rousseff lembrou na Cimeira dos BRICS na Índia, que *o bloco se tornou o mais importante motor da economia mundial, e responderá por mais da metade do crescimento previsto para 2012*²²⁷.

Durante as entrevistas, perguntámos aos investigadores como viam a presença do Brasil na designação dos BRICs. Para o Prof.^o Márcio Voigt,

A iniciativa dos BRICs me parece muito adequada, na medida em que, apesar de ser uma das agendas paralelas que o Brasil participa, e, por vezes, essa posição ser criticada como um desperdício de recursos e possibilidades, eu creio que a iniciativa é importante na medida em que permite alguns dos países mais relevantes desta nova ordem alinhavarem agendas que se aproximem. Frequentemente se diz que nem todos os países dos BRICs têm elementos que se aproximem em todas as áreas, isso de facto é verdade. No entanto, a própria união dos mesmos em algumas agendas que, porventura, possam trazer avanços me parece já bastante interessante. A proposta inicial do economista do Goldman Sachs quando atribui isso era evidentemente outra. Mas as reuniões feitas pelos países nos anos 2000 me parecem que têm sido produtivas. O reconhecimento internacional desta realidade parece-me mais importante na medida em que se nós observarmos em períodos anteriores, países como, por exemplo, o Brasil e a Índia, sequer eram convidados para discutir questões centrais da economia e da política internacional contemporânea. Então me parece que é uma iniciativa interessante, apesar das críticas que se faz e que, evidentemente, nem todas as agendas são próximas. Por exemplo, a agenda brasileira de energia, provavelmente é muito díspar e diferente da agenda russa, evidentemente centrada em combustíveis fósseis. O Brasil tem uma postura um pouco mais eclética em relação a isso. Apesar disso, acredito que a iniciativa tem se mostrado adequada dentro desta proposta brasileira de ser um país mais presente dentro da esfera global. Reitero que a minha expectativa é que, de novo, esse discurso de aumento da influência e da capacidade não seja algo passageiro e destinado apenas a um sector da sociedade brasileira, mas que possa, finalmente, atingi-la

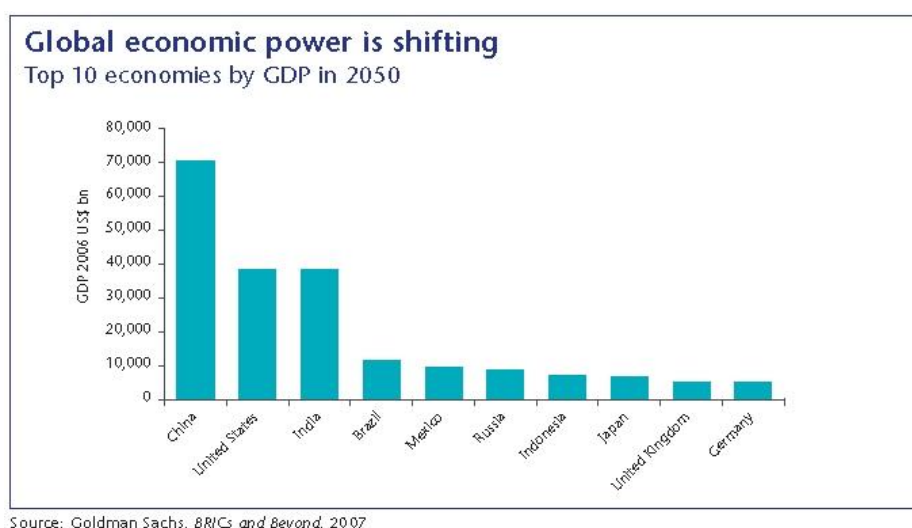
²²⁶ Brazil and China: South-South Partnership or North-South Competition? P.1

²²⁷ “BRICS vão criar banco de investimentos”, *Agência Financeira*, seq. [agenciafinanceira](http://www.agenciafinanceira.com.br), acessado 30 de março de 2012, <http://www.agenciafinanceira.com.br/economia/brics-banco-de-investimento-cimeira-agencia-financeira/1337010-1730.html>.

como um todo. Vários países com muito menos condições objetivas que o Brasil produziram dignidade no século XX. Creio que o Brasil possa efetivamente trilhar este caminho²²⁸.

As economias emergentes têm-se juntado na persecução de objetivos comuns, sendo que são responsáveis grandemente pelo crescimento da economia mundial. Com a falta de mercados alternativos, apoiaram-se mutuamente. Estudos afirmam que em 2050 serão as principais economias a nível mundial (Gráfico 14). Segundo o gráfico, a principal economia será a China, seguida dos EUA, Índia e Brasil.

Gráfico 14: As dez maiores economias do mundo em 2050 ²²⁹



Para além dos encontros formais nas cimeiras, os BRICs também decidiram criar um banco de investimentos, acordo que foi assinado em Durban, na África do Sul, na Cimeira de Junho, cuja sede será na África do Sul. Segundo primeiro ministro indiano Manmohan Singh, *somos grandes economias e temos que defender a complementaridade entre os nossos países e eliminar barreiras*²³⁰, o que comprova que cada vez mais os domínios de ação são aumentados e o nível de cooperação é maior. Igualmente, ficou acordado que usariam as suas moedas locais, facilitando a circulação

²²⁸ VOIGT, Marcio Roberto, Brasil como potência emergente e a sua relação com a China.

²²⁹ HAIBIN, "Emerging Global Partnership: Brazil and China", 184.

²³⁰ "BRICS vão criar banco de investimentos".

de capitais e tornando as economias mais independentes do dólar. A presidente do Brasil, Dilma Rousseff afirmou na cimeira dos BRICs em Nova Deli: *Os Brics continuam sendo um elemento dinâmico da economia global e vão responder por uma parcela significativa do comércio. A notável expansão dos últimos anos do comércio intra Brics evidencia também o potencial das nossas relações. Nós passamos de US\$ 27 bilhões em 2002 para estimados US\$ 250 bilhões em 2011*²³¹. Para Henrique Oliveira, (...) *há uma tendência da política externa brasileira de relacionamento com os países em desenvolvimento, aí incluídos os também denominados emergentes, (...) não se têm dúvidas de que o governo Lula, na sua proposta de universalização, privilegia de maneira especial o contato com esses Estados.*²³²

O Banco dos BRICs representa uma mudança nas relações internacionais, uma vez que os países emergentes estão procurando alternativas ao sistema vigente, que é dominado pelas potências tradicionais. Para além disso, usam a sua própria moeda, deixando de depender do dólar. Os investimentos passarão, assim, a usar canais diferentes dos habituais, dando maior autonomia aos emergentes. Igualmente, neste novo sistema que pretendem criar, são os países emergentes que ditam as regras.

Apesar de serem um grupo bastante heterogéneo, os BRICs são mais do que apenas um grupo económico e político, são *a resposta à inoperância e ineficácia de certos espaços de concertação. A pertença a este grupo expressa o interesse brasileiro em participar activamente na definição das regras internacionais*²³³.

²³¹ “BBC Brasil - Notícias - Brics assinam acordo de investimento e comércio em moedas locais”, acessado 14 de junho de 2012, http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/03/120329_cupula_acordo_is_ac.shtml.

²³² Oliveira, “Brasil-China”, 20.

²³³ GOMES, Nancy F., Brasil como potência emergente e a sua relação com a China, correio electrónico, 5 de junho de 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da investigação, ponderávamos a inclusão do Brasil no conceito de Potência Emergente. Pelos seus problemas internos, como as evidentes clivagens sociais, violência, indústria pouco competitiva, alta regulação e burocratização do Estado, entre outros, faziam-nos ter uma posição crítica perante o tema. Procurámos, desta forma, abordar o tema e analisar como o Brasil tem mudado nos últimos anos. Outro fator que para nós é visto como de capital importância, foi a sua aproximação aos poderes emergentes, sobretudo à China, um poder global, entendendo como isso teve impacto no seu reconhecimento internacional como Potência e ajudou a manter o seu crescimento económico. Da mesma forma, a parceria com o gigante asiático é vista com crescente importância, por todo o seu potencial.

Concluimos assim que as desigualdades sociais não são um fator de exclusão de um país como Potência Emergente. O Brasil é dos países do grupo que mais teve avanços significativos nesta área, através das políticas de combate à pobreza do atual governo do PT. Da mesma forma, num mundo cada vez mais interdependente e globalizado, o *hard power* já não tem a dimensão de importância que tinha. Continua a ser um poder fundamental, mas o poder económico de um país tem sido valorizado. O Brasil não é um grande poder militar, não possui armamento nuclear e tem uma tradição pacifista. Esta postura, permite-lhe manter relações pacíficas com os seus vizinhos e incentivar a integração regional, como é o exemplo o Mercosul. Já em termos económicos, é a sexta maior economia do mundo.

É preciso não esquecer que o reconhecimento internacional do Brasil como Potência Emergente está diretamente ligado ao discurso oficial do governo e das entidades formadoras da opinião pública, dependendo sobremaneira do reconhecimento internacional pelos poderes tradicionais. Exemplo claro foi a descredibilização do acordo Turquia/Irão, onde a posição brasileira como mediador internacional foi enfraquecida, quando a PEB visava usar o sucesso como campanha a favor do seu reconhecimento internacional.

No que concerne ao conceito de Potência Emergente, existe uma grande dificuldade em encontrar uma definição que consiga explicar e englobar todos os fenómenos. Isto deve-se às grandes contradições entre as definições, teorias e correntes existentes. Não obstante, através da análise SWOT, foi possível compreender melhor quais são as fraquezas, as forças, oportunidades e ameaças do Brasil. Desta forma, as vulnerabilidades são mais significativas, não existindo ameaças consideráveis a nível internacional.

Internamente, o país beneficia de uma sociedade política organizada, com uma indústria e classe média forte. Esta nova conjuntura tem beneficiado os cidadãos, com a atração de grandes investimentos externos, criando novas oportunidades e melhorando as condições de vida das populações. No entanto, continuam a persistir clivagens sociais profundas, pondo em causa a segurança e gerando grandes contradições internas. Continuam igualmente a persistir problemas com a urbanização, ensino e saúde, para além das questões de segurança e de crime interno organizado. O Brasil é, sem dúvida, uma potência regional e tem um papel muito vital na região. A criação do Mercosul, onde o país detém um papel vital, acabou por aproximar os países da América do Sul, gerando uma maior cooperação. O seu estatuto internacional acabou, igualmente, por beneficiar a região, já que lhe deu uma maior visibilidade.

Durante os anos do governo PT, foi possível conduzir o Brasil a outro patamar de desenvolvimento, ao mesmo tempo que a pobreza extrema no país foi suprimida, superando os objetivos do programa Millenium. Isto foi possível através da criação de programas de apoio efetivos e orientados para as necessidades concretas da população, sendo um dos avanços mais significativos do país. Não obstante, existe ainda um longo caminho a percorrer para melhorar as condições de vida dos brasileiros, mas, pelos resultados obtidos, concluímos que as políticas do governo estão dirigidas para o bem-estar da população.

Na América do Sul, o Brasil é uma potência regional e o motor da economia da região, tendo um importante papel no estreitamento das relações entre os países sul-americanos. O Mercosul, neste sentido, é uma organização que promove a integração regional dos países da América do Sul, tendo uma existência efetiva por mais de duas décadas. A criação de um bloco económico tornou-se necessária e essencial para que

houvesse cooperação entre os países, já que a interdependência económica e a corrida aos mercados mundiais são uma realidade num mundo cada vez mais globalizado e interdependente. Apesar de ser uma organização inspirada no modelo europeu, as diferenças entre os dois blocos impede que o processo de integração seja feito nos mesmos moldes, assim como os Estados têm características políticas, económicas e sociais muito diversas. Igualmente, como uma integração mais profunda engloba perda de soberania e cedências, os Estados Sul-americanos revelam-se mais resilientes. É, no entanto, fundamental para mostrar a posição dominante brasileira, e como a sua presença na organização é fundamental para garantir a sua existência.

Em termos da relação sino-brasileira, o facto de o Brasil estar ao lado da China, e nos BRICs acabou por aumentar grandemente o seu estatuto internacional, e ajudou o seu reconhecimento internacional dentro do conceito de Potência Emergente. Quando ponderámos os mais de quarenta anos de relações diplomáticas com a China, compreendemos que foram sobretudo significativas a partir de 2000, atingindo o seu apogeu depois de 2008. O investimento chinês tem sido fundamental para garantir o crescimento económico brasileiro, sendo que a sua dependência tem aumentado. Por outro lado, se analisarmos o investimento brasileiro na China, compreendemos que ainda é débil, mas se existirem políticas de incentivo e apoio, as empresas brasileiras podem beneficiar-se dessa conjuntura.

Os dois países são, sem dúvida, parceiros estratégicos, mas também são competidores. Cada um quer obter o máximo de recursos disponíveis aos melhores preços, assim como querem desenvolver as suas economias a todo custo. Ambos procuram um lugar determinante na cena internacional, e há muito tempo que aspiram ter uma posição determinante. Não obstante, são parceiros na medida em que compreendem que as relações entre os dois países são vantajosas. Da mesma forma, o facto de partilharem de uma política externa similar aproxima os dois gigantes. O Brasil tem uma visão mais singela das relações sino-brasileiras, e confunde muitas vezes os contornos desta cooperação, o que pode ser frustrante. Igualmente, devido a dependência da sua economia em relação à China, a desaceleração da economia chinesa terá um impacto significativo no Brasil, que, aliado à crise internacional, pode dificultar ainda mais o desenvolvimento do país.

Ambos têm um potencial enorme e serão duas das grandes economias mundiais até 2050. Para atingirem esse objetivo, reconhecem que necessitam ter uma política estratégica comum e desenvolver uma cooperação profunda e nas mais diferentes áreas. Enquanto a China precisa de fontes estáveis de abastecimento em termos energéticos, é vital para o Brasil o investimento chinês, que sustenta o seu crescimento económico e também tem impacto na sua imagem global.

Muitos são os críticos desta relação, nos moldes em que opera, sobretudo no caso brasileiro, já discutem a desindustrialização do país, assunção exagerada. Porém, o Brasil tem procurado modernizar a sua economia, e torná-la mais competitiva através de reformas estruturais que tanto precisa, uma oportunidade importante para o Brasil modernizar-se. No entanto, está em uma posição frágil perante a desaceleração da economia chinesa, dado a dependência da sua economia, já que a China é o seu maior parceiro económico.

Outro fator que aproximou as duas economias foi ambas englobarem o mesmo bloco, os BRICs, grande impulsionar da sua proximidade e da conciliação de políticas com objetivos comuns. Com estes novos poderes, a política externa está menos dependente dos poderes internacionais tradicionais, permitindo, pela primeira vez na história, que desempenhem um papel ativo e central pelo que tanto anseiam. Desta forma, o balanço é claramente positivo para ambas as economias e será uma parceria que se manterá a longo prazo.

As entrevistas realizadas foram muito interessantes na medida em que contribuíram sobremaneira para compreender a percepção dos investigadores acerca do papel do Brasil no mundo. Concluímos, desta forma, que os investigadores brasileiros tendem a ter uma visão mais negativa do que os investigadores portugueses.

O Brasil tem um potencial enorme para tornar-se um grande poder global. A combinação de uma política interna voltada para as necessidades da população com uma política externa multilateral, abandonando a sua dependência histórica dos poderes tradicionais, aumentou o seu *status* e alcance internacional.

Este será também um ano decisivo para o futuro do país. Para além do Mundial de Futebol, haverá eleições. Apesar da vantagem nas sondagens da atual presidente, caso

Dilma não vença, outro governo poderá seguir políticas diferentes e acabar com planos de desenvolvimento e inclusão social, o que terá um embate enorme no desenvolvimento do país.

Em síntese, no que concerne às perguntas que guiaram esta investigação, o Brasil pode ser considerado como uma Potência Emergente? e até que medida a relação sino-brasileira foi fundamental para o seu reconhecimento como Potência Emergente? Concluímos que o Brasil é um país rico em recursos naturais e biodiversidade, é um dos maiores produtores de gêneros alimentícios do mundo, tendo uma sociedade política organizada, com grande parte da sua população em jovem, ativa e classe média em expansão, tem conseguido controlar a inflação e a sua dívida externa. Internacionalmente, tem tido, cada vez mais, um papel determinante nos fóruns de discussão internacional, reconhecido pelas potências globais e sua aproximação à China e outras economias emergentes foi fundamental. A relação sino-brasileira é também um marco histórico, na medida em que desafia a ordem vigente, e, pela primeira vez na história das Relações Internacionais, o foco está voltado para as Potências Emergentes. A ascensão da China permite também que países como o Brasil ascendam internacionalmente. O Brasil é, desta forma, uma Potência Emergente com potencial para tornar-se numa Potência Global, e a sua parceria com a China é fundamental para a manutenção do seu *status* global.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cinco características comuns do crescimento económico sustentado.....	26
Figura 2: Impactos do Mundial de 2014 no Brasil.....	37
Figura 3: Comércio Brasileiro em 2000 e 2010 - Mercosul perde importância no comércio Brasileiro.....	68
Figura 4: Comparação Internacional: Variação do crescimento em relação ao trimestre anterior de 2013 (%).....	71
Figura 5: Maiores Reservas de Petróleo no mundo.....	74
Figura 6: Quadro de Parceria das Relações Exteriores da China.....	85
Figura 7: Projeto Gasene.....	94
Figura 8: Investimento chinês no Brasil por sector em 2010.....	98
Figura 9: Localização das principais empresas brasileiras na China, por número de empresas.....	104

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: A evolução das taxas de homicídio no Brasil entre 1980/2010.....	23
Gráfico 2: Comparação entre as diferentes classes no Brasil entre 1993 e 2011.....	31
Gráfico 3: Distribuição das crianças por categoria de atividade, nas faixas etárias de 7-15 anos e 16-17 anos (2008).....	32
Gráfico 4: Resultados das entrevistas – O maior problema do Brasil.....	38
Gráfico 5: Distribuição Geográfica das Exportações no Mercosul (2000).....	63
Gráfico 6: Salário Médio Real no Mercosul (2008-2010).....	64
Gráfico 8: Comparação das exportações dentro e fora do Mercosul.....	66
Gráfico 9: Distribuição da população brasileira por sexo e idade em 2010.....	75
Gráfico 10: História da Inflação no Brasil – Índice de preços ao consumidor (IPC).....	76
Gráfico 11: Dívida pública nos EUA e no Brasil (% PIB).....	77
Gráfico 12: Trocas comerciais de matérias-primas entre o Brasil e China 2002-2011.....	88
Gráfico 13: Investimento do Brasil no mundo e na China 2001-2010.....	102
Gráfico 14: As dez maiores economias do mundo em 2050.....	108

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Mortalidade em conflitos armados no Mundo em comparação com o Brasil.....	22
Tabela 2: Características da identidade internacional brasileira comparada com os discursos dos jornais.....	47
Tabela 3: Ranking do Poder Internacional Quantificável (2005 e 2006).....	79
Tabela 4: Análise SWOT do Brasil.....	81
Tabela 5: Os dez principais parceiros do Brasil --Exportações brasileiras em 2002/ 2009 - 2011 (Mil milhões de US dólares).....	101

APÊNDICE 1 – Guião Entrevista

Contextualização:

A presente entrevista insere-se no âmbito da investigação para a dissertação de mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais, com a especialização em Estudos Políticos de Área, a ser defendida na Universidade Nova de Lisboa.

O objetivo da entrevista é a recolha de elementos de análise de uma forma qualitativa, de modo a contribuir para o meu projeto de investigação. Considero de capital importância a obtenção de diferentes abordagens ao tema, pela sua atualidade e relevância. Pretendo, assim, considerar se, de facto, o Brasil é uma Potência Emergente, com todas as contradições internas que o país tem, e analisar, sobretudo, a sua aproximação à China.

De forma a obter um maior conhecimento sobre o tema e diferentes pontos de vista, assim como um direcionamento para os aspetos mais relevantes, pretende-se entrevistar investigadores especialistas na área, sendo então fundamental a contribuição de V. Ex.^ª.

Pretende-se com esta entrevista complementar a pesquisa bibliográfica efetuada, relativa ao tema do trabalho, de modo a permitir elaborar uma avaliação qualitativa, que servirá de suporte à investigação com vista a verificação das hipóteses formuladas.

Solicito deste modo a V. Ex.^ª que me possibilite a realização desta entrevista, e com o intuito de salvaguardar os seus interesses, esta entrevista poderá ser colocada à sua inteira disposição bem como todo o trabalho após a validação final.

Grata pela sua colaboração,
Daniele Prozczinski

Guião da entrevista:

Tema: “O Brasil como Potência Emergente e a sua relação com a China”.

Entrevistadora: Daniele Prozczinski

Entrevistado:

Objetivos Gerais:

- Obter a visão do entrevistado sobre o Brasil como Potência Emergente;
- Compreender o impacto do último governo para a ascensão do Brasil.
- Apreender diferentes percepções sobre as relações sino-brasileiras;

Nome Completo:
Cargo/Função:
Grau de Instrução:
Especialização:
Data:
Hora de início:
Hora de Fim:
Unidade/Local:

Divisão da Entrevista:

Parte 1 : Apresentação da Entrevista

Parte 2: Analisar o Brasil como Potência Emergente e a relação sino-brasileira

Parte 1:

1. Qual o seu nome completo?
2. Qual o seu grau de instrução?
3. Qual é a sua área de especialidade?
4. Que função desempenha?

Parte 2:

1. Considera o Brasil uma Potência Emergente?
2. O que representou, no seu ponto de vista, para o Brasil o governo de Inácio Lula da Silva?
3. O Brasil é a sétima maior economia mundial. Qual é a sua opinião sobre o assunto?
4. Qual foi, para si, a maior mudança na política externa brasileira nos últimos anos?
5. Se me permitir, lerei um excerto da obra de Darcy Ribeiro:
 - a. No seu texto: “O Brasil como um problema”, o autor afirma: “O desafio que enfrentamos é, pois, o de conquistar uma nova forma de intercâmbio

internacional, que não seja tão onerosa para nós. Isto importa em reordenar as forças produtivas para que elas atendam primacialmente às necessidades nacionais...”

Considera que esse problema continua a existir no Brasil?

(RIBEIRO, Darcy (2010), *O Brasil como um problema*, Fundação Darcy Ribeiro, editora da Universidade de Brasília, p.27)

6. Considera que a presidência de Dilma Rousseff é a continuação do governo de Lula ou consegue ver diferenças na sua atuação?
7. Considera-se que o Brasil será uma das cinco maiores economias mundiais até 2050. Concorda?
8. Qual é, na sua opinião, o maior problema do Brasil?
9. Qual é o maior avanço que o Brasil atingiu nos últimos anos?
10. Qual é a sua opinião sobre a relação sino-brasileira? Considera ser vantajosa para o Brasil ou não?
11. Vê a crescente presença chinesa no Brasil como uma ameaça ou como uma oportunidade?
12. Como analisa a presença brasileira na designação BRICs?

APÊNDICE 2 – Lista de entrevistados por ordem alfabética

1. Adriano Luiz Duarte, Pós-Doutor na New York University, Doutor em História Moderna, Prof. Departamento de História UFSC. Entrevista Presencial.
Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/2939539313260872>
2. Andrés Malamud, Doutor em Ciências Políticas e Sociais pelo Instituto Universitário Europeu de Florença. Entrevista realizada por correio eletrônico.
Endereço para acessar página pessoal:
<http://www.eui.eu/Personal/Researchers/malamud/>
3. Carla Isabel Patrício Fernandes, Doutora em Relações Internacionais. Profª. na Universidade Nova de Lisboa. Entrevista realizada por correio eletrônico.
Endereço para acessar CV na página institucional da UNL:
<http://www.fcsh.unl.pt/faculdade/docentes/1626?searchterm=Carla+Fernandes>
4. Carlos Gaspar. Mestre em Ciências Políticas, Institut d'Études Politiques de Paris. Doutorando em Ciências Políticas-Relações Internacionais, Institut d'Études Politiques de Paris- Université de Paris-Sorbonne. Entrevista Presencial.
Endereço para acessar CV na página institucional do IPRI -
<http://www.ipri.pt/investigadores/cv.php?idi=3>
5. Clarissa Franzoi Dri. Doutora em ciência política do Instituto de Estudos Políticos da Universidade de Bordeaux. Profª. na Universidade Federal de Santa Catarina. Entrevista Presencial.
Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/3737338859319454>
6. Diplomata Brasileiro. Entrevista Presencial.
7. Flávio Barbosa, Doutorando em Ciências Médicas pela FMRP. Entrevista realizada por correio eletrônico.
8. Harrysson Luiz da Silva, Pós-doutor em Ergonomia Cognitiva, Doutor em Inteligência Artificial, Prof. Associado do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina. Entrevista realizada por correio eletrônico.
Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/3674819568497807>

- 9.** Márcio Voigt. Doutor em Ciência Política na área de Política Internacional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Entrevista Presencial.
Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/0522486279137406>
- 10.** Nancy Elena Ferreira Gomes, Doutora em Relações Internacionais, com especialização em Estudos Políticos de Área pela Universidade Nova de Lisboa. Entrevista realizada por correio eletrônico.
- 11.** Pablo Felipe Bittencourt, Doutor em Economia pela Universidade Federal Fluminense. Prof. na Universidade Federal de Santa Catarina. Entrevista realizada por correio eletrônico.
Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/8390397539589660>
- 12.** Pedro Henrique Scott, estudante de Relações Internacionais na Universidade Federal de Santa Catarina. Entrevista realizada por correio eletrônico.
- 13.** Thiago Carvalho, Doutorado em História, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Entrevista realizada por correio eletrônico.
Endereço para acessar CV na página institucional do IPRI - <http://www.ipri.pt/investigadores/investigador.php?idi=48>
- 14.** Waldir Rampinelli. Doutorado em Ciências Sociais - Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Prof. associado na Universidade Federal de Santa Catarina. Entrevista Presencial
Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/5476084132145017>

BIBLIOGRAFIA

- “10 cidades mais violentas do mundo – Superlistas”. *Superinteressante*. Acessado 16 de fevereiro de 2014. <http://super.abril.com.br/blogs/blogs/superlistas/10-cidades-mais-violentas-do-mundo/>.
- “61% se dizem otimistas em relação ao governo Dilma, indica CNI/Ibope - política - Estadão.com.br”. *Estadão*. Acessado 30 de outubro de 2013. <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,61-se-dizem-otimistas-em-relacao-ao-governo-dilma-indica-cniibope,893441,0.htm>.
- ABALA, Vitor. “Economia brasileira cresce 1,5% no segundo trimestre, aponta IBGE”. Acessado 21 de março de 2014. <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-08-30/atualizada-economia-brasileira-cresce-15-no-segundo-trimestre-aponta-ibge>.
- ALMEIDA, Paulo Roberto de. “Never before seen in Brazil: Luis Inácio Lula da Silva’s grand diplomacy”. *Revista Brasileira de Política Internacional* 53, nº 2 (janeiro de 2010): 160–77. doi:10.1590/S0034-73292010000200009.
- ———. “Uma nova ‘arquitetura’ diplomática? - Interpretações divergentes sobre a política externa do governo Lula (2003-2006)”. *Revista Brasileira de Política Internacional* 49, nº 1 (junho de 2006): 95–116. doi:10.1590/S0034-73292006000100005.
- ———. “Uma política externa engajada: a diplomacia do governo Lula”. *Revista Brasileira de Política Internacional* 47, nº 1 (junho de 2004): 162–84. doi:10.1590/S0034-73292004000100008.
- ALMEIDA, Paulo. “O Desenvolvimento do Mercosul: progressos e limitações”. *Revista Espaço da Sophia*, julho de 2011. www.pralmeida.org/05DocsPRA/2258MSulDesenvHist.pdf.
- AMARAL, Sergio (coord). “Carta Brasil China”. Conselho Empresarial China-Brasil, março de 2012. Ed. 4. <http://www.cebc.org.br/>.
- “America in Decline? It’s a Matter of Choices, Not Fate”. *World Affairs Journal*. Acessado 6 de fevereiro de 2014.

<http://www.worldaffairsjournal.org/article/america-decline-it%E2%80%99s-matter-choices-not-fate>.

- AMORIM, C. *A reforma da ONU*. Vol. 43. Instituto de Estudos Avancados, 1996.
- ———. “Política externa do governo Lula: os dois primeiros anos”. *Análise de Conjuntura OPISA* 4 (2005).
- AMORIM, C.L.N., G. DUPAS, e T. VIGEVANI. “Entre o desequilíbrio unipolar ea multipolaridade: o Conselho de Segurança da ONU no período pós-guerra Fria”. *O Brasil e as Novas Dimensões da Segurança Internacional*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1999.
- AMORIM, Celso. “Brazilian foreign policy under President Lula (2003-2010): an overview”. *Revista Brasileira de Política Internacional* 53, nº SPE (dezembro de 2010): 214–40. doi:10.1590/S0034-73292010000300013.
- “Área Territorial Brasileira”. *IBGE :: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Acessado 16 de fevereiro de 2014. http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_territ_area.shtm.
- Banco Mundial. “Bolsa Família: Changing the Lives of Millions in Brazil”. *News & Broadcast*. Acessado 16 de janeiro de 2014. <http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/NEWS/0,,contentMDK:21447054~pagePK:64257043~piPK:437376~theSitePK:4607,00.html>.
- “BBC Brasil - Notícias - Brics assinam acordo de investimento e comércio em moedas locais”. Acessado 14 de junho de 2012. http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/03/120329_cupula_acordo_is_ac.shtml.
- “BBC Brasil - Notícias - Média de homicídios no Brasil é superior à de guerras, diz estudo”. Acessado 8 de janeiro de 2013. http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111214_mapaviolencia_pai.shtml.
- Bernal-Meza, Raúl. “International thought in the Lula era”. *Revista Brasileira de Política Internacional* 53, nº SPE (dezembro de 2010): 193–213. doi:10.1590/S0034-73292010000300012.

- “Brasil - Fatos e Dados”. *Brasil - Fatos e Dados*. Acessado 30 de maio de 2012. <http://brasilfatosedados.wordpress.com/>.
- “Brasil na ONU | ONU Brasil”. Acessado 21 de março de 2014. <http://www.onu.org.br/conheca-a-onu/brasil-na-onu/>.
- Brasil, Portal. “Dilma fala sobre cumprimento dos Cinco Pactos propostos em junho”. Notícia. *Portal Brasil*. Acessado 25 de outubro de 2013. <http://www.brasil.gov.br/governo/2013/10/dilma-fala-sobre-cumprimento-dos-cinco-pactos-propostos-em-junho>.
- “Brasil Sem Miséria retira 22 milhões da pobreza extrema”. *Carta Maior*. Acessado 16 de fevereiro de 2014. <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Brasil-Sem-Miseria-retira-22-milhoes-da-pobreza-extrema/4/27424>.
- “Brasil será um dos maiores produtores de petróleo do mundo”. *Economia*. Acessado 12 de novembro de 2013. <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/11/brasil-sera-um-dos-maiores-produtores-de-petroleo-do-mundo.html>.
- “Brasil tem 16 cidades entre as 50 mais violentas do mundo, diz ONG mexicana”. *Internacional*. Acessado 16 de fevereiro de 2014. <http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2014/01/17/brasil-tem-16-cidades-entre-as-50-mais-violentas-do-mundo-diz-ong-mexicana.htm>.
- “Brazil takes off”. *The Economist*, novembro de 2009. <http://www.economist.com/node/14845197>.
- “Brazil: An economic superpower, and now oil too”. *The Economist*, abril de 2008. <http://www.economist.com/node/11052873>.
- “Brazil’s trade policy: Seeking protection”. *The Economist*, janeiro de 2012. <http://www.economist.com/node/21542780>.
- “Brics assina acordo que cria banco comum de investimento”. *Jornal do Brasil*. Acessado 31 de maio de 2012. <http://www.jb.com.br/internacional/noticias/2012/03/29/brics-assina-acordo-que-cria-banco-comum-de-investimento/>.

- “BRICS vão criar banco de investimentos”. *Agencia Financeira*, seq. agenciafinanceira. Acessado 30 de março de 2012. <http://www.agenciafinanceira.iol.pt/economia/brics-banco-de-investimento-cimeira-agencia-financeira/1337010-1730.html>.
- BROWN, Eric. “Obama At Lowest Approval Rating Ever: Fox News Poll”. *International Business Times*, 6 de março de 2014. <http://www.ibtimes.com/president-barack-obama-lowest-approval-rating-ever-says-fox-news-poll-1559885>.
- CAMARGO, Sonia de. “Mercosul: Crise de crescimento ou crise terminal?” *Lua Nova*. 2006.
- CAMPOS, César Cunha (dir.). “Sustainable Brazil Social and Economic Impacts of the 2014 World Cup”. *Ernst & Young Terco*, 2011. [http://www.ey.com.br/Publication/vwLUAssets/Sustainable_Brazil_-_World_Cup/\\$FILE/copa_2014.pdf](http://www.ey.com.br/Publication/vwLUAssets/Sustainable_Brazil_-_World_Cup/$FILE/copa_2014.pdf).
- CANDEAS, Alessandro Warley. “Relações Brasil-Argentina: Uma análise dos avanços e recuos”. *Programa Integración Regional*, [s.d.].
- CARVALHO, Thiago. Brasil como potência emergente e a sua relação com a China. Correio eletrônico, 18 de janeiro de 2013.
- “Castelos na Europa são vendidos por preços menores que imóveis no Rio de Janeiro - Notícias - LUGARCERTO”. Acessado 16 de fevereiro de 2014. http://estadodeminas.lugarcerto.com.br/app/noticia/noticias/2013/09/25/interna_noticias,47552/castelos-na-europa-sao-vendidos-por-precos-menores-que-imoveis-no-rio-de-janeiro.shtml.
- “Central government debt, total (% of GDP) | Data | Table”. Acessado 10 de outubro de 2013. <http://data.worldbank.org/indicator/GC.DOD.TOTL.GD.ZS/countries>.
- CERVO, Amado Luiz. “Brazil’s rise on the international scene: Brazil and the World”. *Revista Brasileira de Política Internacional* 53, nº SPE (dezembro de 2010): 7–32. doi:10.1590/S0034-73292010000300002.
- ———. “Inserção Internacional e Interesse Nacional: perspectivas para a segunda década do século XXI”. *Prioridades da Política Externa Brasileira - CEBRI-*

<http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/minustah/mandate.shtml>.

- CHENG, Hui Fang, Margarida Gutierrez, Arvind Mahajan, Yochanan Shachmurove, e Manuchehr Shahrokhi. “A future global economy to be built by BRICs”. *Global Finance Journal* 18, nº 2 (2007): 143–56. doi:10.1016/j.gfj.2006.04.003.
- CIEGLINSKI, Amanda. “EBC | Educação | Entenda a Lei de Cotas nas universidades federais”. Acessado 9 de janeiro de 2013. <http://www.ebc.com.br/educacao/2012/10/entenda-a-lei-de-cotas-nas-universidades-federais>.
- “Classe C ganha 39,5 milhões de pessoas, diz FGV”. *Língua de Fogo - A voz dos bancários*. Acessado 28 de novembro de 2011. <http://linguadefogo2.wordpress.com/2011/06/28/classe-c-ganha-395-milhoes-de-pessoas-diz-fgv/>.
- “Classe C tem 18º maior mercado consumidor do mundo”. Acessado 19 de fevereiro de 2014. <http://www.correio24horas.com.br/detalhe/noticia/classe-c-tem-18o-maior-mercado-consumidor-do-mundo/?cHash=745cfa08894c7eee74e1fe6b747f387>.
- *Comércio Exterior Brasileiro 2012 (Março)*. Ministério das Relações Exteriores, março de 2012. <http://www.brasilglobalnet.gov.br/ARQUIVOS/IndicadoresEconomicos/ComExtBrasileiroABR2012.pdf>.
- Comitê Gestor do PAC. “PAC 2 - A gente faz um Brasil de Oportunidades”. 8º balanço, agosto de 2013. <http://www.pac.gov.br/pub/up/relatorio/ffaff442f57973143fbd0a6c39b8ae69.pdf>.
- “Copa do Mundo: arrastão das ruas não vinga e Fifa celebra venda de ingressos | Quintal da Notícia – Sua fonte de informações da região oeste de SP”. Acessado 16 de fevereiro de 2014. <http://quintaldanoticia.com.br/2013/11/09/copa-do-mundo-arrastao-das-ruas-nao-vinga-e-fifa-celebra-venda-de-ingressos/>.

- CUNHA, André Moreira. “A China e o Brasil na nova Ordem Internacional”. *Revista de Sociologia e Política*, novembro de 2011.
- CUNHA, Luís. “China na ONU: A nova potência Global”. *Negócios Estrangeiros*, julho de 2007, 11.1 edição.
- CURADO, Pedro Rocha F. “O Brasil na América do Sul: sub-imperialismo ou liderança regional benigna?” *VI Colóquio de la Sociedad Latinoamericana de Economía Política y Pensamiento Crítico (SEPLA)*, [s.d.]. <http://rediu.org/ROCHA.mesa8.pdf>.
- DAHL, Robert A. “The Concept of Power”. *Behavioral Science*, 1957.
- Department Of State. The Office of Website Management, Bureau of Public Affairs. “Nuclear Non-Proliferation Treaty NPT”. Other Releases. *U.S. Department of State*, 1 de janeiro de 2004. <http://www.state.gov/t/isn/trty/16281.htm>.
- “Dificuldades no Brasil fazem empresários paranaenses levar investimentos ao Paraguai – Agência FIEP - Notícias do Sistema”. Acessado 21 de fevereiro de 2014. <http://www.agenciafiep.com.br/noticia/dificuldades-no-brasil-fazem-empresarios-paranaenses-levar-investimentos-ao-paraguai/>.
- Diplomata brasileiro. Brasil como potência emergente e a sua relação com a China. Áudio, 10 de janeiro de 2013.
- DJUMENA, Natalie Ramirez, e Jair RODRIGUEZ. “The Ingredients of Sustained High Growth”. *Finance and Development / F&D*, 2008. <https://www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/2008/12/picture.htm>.
- DOMÍNGUEZ, Jorge I. “China’s Relations with Latin America: Shared Gains, Asymmetric Hopes”. *Inter-American dialogue*, [s.d.], 1–50.
- DRI, Clarissa. Brasil como potência emergente e a sua relação com a China. Áudio, 15 de setembro de 2013.
- DUARTE, Adriano. O Brasil como potência emergente e a sua relação com a China. Áudio, 4 de dezembro de 2012.
- “É o Estado chegando aonde a pobreza está — Portal Brasil Sem Miséria”. *Brasil sem Miséria*, 22 de janeiro de 2014. <http://www.brasilsemmiseria.gov.br/apresentacao>.

- “Empresas Brasileiras na China: Presença e Experiências”, junho de 2012. http://www.cebc.org.br/sites/default/files/pesquisa_presenca_das_empresas_brasileiras_na_china_-_presenca_e_experiencias.pdf.
- ESCÓSSIA, Fernanda, e GOIS, Antônio. “País tem 50 milhões de indigentes, diz FGV”. *UOL*, 10 de julho de 2001. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1007200125.htm>.
- FERNANDES, Carla. Brasil como potência emergente e a sua relação com a China. *Correio eletrônico*, 10 de março de 2013.
- FIGUEIREDO, João. “Discurso do Presidente João Figueiredo no banquete de retribuição ao Presidente da China, Senhor Li Xiannian”. Biblioteca da Presidência da República, [s.d.]. <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/jb-figueiredo/discursos-1/1984/28.pdf/download>.
- FILIPO, Leonardo e Lydia GismondiRio de. “Orçamento do Comitê Rio 2016 para as Olimpíadas sobe para R\$ 7 bilhões”. *globoesporte.com*. Acessado 23 de janeiro de 2014.
- FIORI, José Luís. “Brasil e América do Sul: o desafio da inserção internacional soberana”. *Textos para discussão CEPAL .IPEA*, 2011. http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1347/1/TD_1560.pdf.
- FISHLOW, Albert. “The Brazilian Role on Iran’s Nuclear Crisis: opportunities and consequences”. *Prioridades da Política Externa Brasileira - CEBRI-RJ*, 2010. <http://www.cebri.org/midia/documentos/cebridossie2010.pdf>.
- “Folha Online - BBC Brasil - Brasil é superpotência, agora com petróleo, diz ‘Economist’ - 18/04/2008”. Acessado 6 de janeiro de 2013. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u393414.shtml>.
- FONSECA, Gelson. “Reforma do Conselho de Segurança: o problema do tempo”. *Prioridades da Política Externa Brasileira - CEBRI-RJ*. 2010. <http://www.cebri.org/midia/documentos/cebridossie2010.pdf>.
- FORNETTI, Verena. “Mercosul perde espaço no comércio dos países membros”. *Diplomatizando*, 31 de janeiro de 2011. http://diplomatizando.blogspot.pt/2011_01_01_archive.html.

- FREYRE, Gilberto. “Brasis, Brasil e Brasília”. *Biblioteca virtual Gilberto Freyre*, 1960.
http://bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/livros/pref_outros/brasis_port.htm.
- Fukuyama, Francis. “The Future of History”. *Foreign Affairs*, 1 de janeiro de 2012.
<http://www.foreignaffairs.com/articles/136782/francis-fukuyama/the-future-of-history>.
- G1, São Paulo. “Dilma quer troca de ofertas entre Mercosul e União Europeia em janeiro”. *Economia*. Acessado 16 de fevereiro de 2014.
<http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/12/dilma-quer-troca-de-ofertas-entre-mercosul-e-uniao-europeia-em-janeiro.html>.
- G1, Brasília. “Royalties vão injetar R\$ 368 bilhões na educação em 30 anos, diz ministro”. *Educação*. Acessado 12 de setembro de 2013.
<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/09/royalties-vao-injetar-r-368-bilhoes-na-educacao-em-30-anos-diz-ministro.html>.
- G1, Mariana Oliveira, Brasília. “Pesquisa aponta Dilma com 43,7%, Aécio com 17% e Campos com 9,9%”. *Política*. Acessado 12 de fevereiro de 2014.
<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/02/pesquisa-mda-aponta-dilma-com-437-e-aecio-com-17.html>.
- G1, São Paulo. “Brasileiro Roberto Azevêdo vence mexicano e vai comandar a OMC”. *Economia*. Acessado 7 de maio de 2013.
<http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/05/brasileiro-roberto-azevedo-vence-mexicano-e-vai-comandar-omc.html>.
- GARCIA, Cibele, e VIOTTI, Fernando. “A mediação brasileira no caso de enriquecimento de urânio iraniano”. *Observatório de Negociações Internacionais da América Latina*. Acessado 13 de outubro de 2012.
<http://onial.wordpress.com/2013/08/27/a-mediacao-brasileira-no-caso-de-enriquecimento-de-uranio-iraniano/>.
- GARCIA, Raphael Tsavkko. “A política externa independente brasileira: de Lula/Celso Amorim a Dilma Rousseff/Antônio Patriota e um breve resumo histórico”. *Scielo*, 2011.

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000122011000300037&script=sci_arttext&tlng=pt.

- “Gasene Project”. *The Australian Pipeliner — The official magazine of the Australian Pipeline Industry Association*, 2007. http://pipeliner.com.au/news/gasene_project/012289/.
- GASPAR, Carlos. “A emergência de novas potências”. *Portugal num mundo em mudança*, [s.d.]. http://janusonline.pt/popups2011_2012/2011_2012_3_1_2.pdf.
- GASPAR, Carlos Eduardo de Medeiros Lino. Brasil como potência emergente e a sua relação com a China. Áudio, 11 de janeiro de 2013. Entrevista integral disponível nos anexos.
- GOMES, Nancy F. Brasil como potência emergente e a sua relação com a China. *Correio eletrônico*, 5 de junho de 2013.
- GONÇALVES, Natália, e CERIOLI, Luíza. “As relações bilaterais do Brasil com a Turquia e o Irã”. *Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos Internacionais Sebreei*, nº Integração Regional e Cooperação Sul-Sul no século XXI (20 de junho de 2012). <http://www.ufrgs.br/sebreei/2012/wp-content/uploads/2013/01/Natalia-Barbosa-Argiles-Gon%D0%97alves-Lu%D0%B1za-Gimenez-Cerioli.pdf>.
- GRABENDORFF, Wolf. “Brasil: de coloso regional a potencia global”. *Nueva Sociedad*, 2010.
- GRATIUS, Susanne. “The international arena and emerging powers: stabilising or destabilising forces?” *Fride*, abril de 2008. http://www.fride.org/descarga/COM_emerging_powers_ENG_abr08.pdf.
- HAIBIN, Niu. “Emerging Global Partnership: Brazil and China”. *Revista brasileira de Política Internacional* nº53, 2010.
- HAO, Su. “Harmonious World: The Conceived International Order in Framework of China’s Foreign Affairs”, [s.d.], 1–27.
- HARRYSSON, Luis da Silva. Brasil como potência emergente e a sua relação com a China. E-mail, 5 de janeiro de 2013.

- “Has Brazil blown it?” *The Economist*, setembro de 2013.
<http://www.economist.com/news/leaders/21586833-stagnant-economy-bloated-state-and-mass-protests-mean-dilma-rousseff-must-change-course-has>.
- HOLANDA, Francisco M.B. de. *Relações Brasil-China: Elementos de aproximação e diferenciação*. Vol. Brasil e China no Reordenamento das Relações Internacionais: Desafios e Oportunidades, 2011.
http://funag.gov.br/loja/download/905-Brasil_e_China_no_Reordenamento_das_Relacoes_Internacionais.pdf.
- “Hong Kong tem 1,3 milhões de pobres - Internacional”. *SOL*. Acessado 29 de setembro de 2013.
http://sol.sapo.pt/inicio/Internacional/Interior.aspx?content_id=86648.
- “IBGE - Pirâmide Etária - BRASIL - 2010”. *IBGE :: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Acessado 10 de dezembro de 2012.
http://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php.
- IKENBERRY, G. John. “Great Powers and Strategic Stability in the Twenty-first Century: Competing Visions of World Order”. *Foreign Affairs*, 1 de janeiro de 2011. <http://www.foreignaffairs.com/articles/67144/great-powers-and-strategic-stability-in-the-21st-century-competi>.
- “Inflação Brasil - inflação IPC brasileira actual e histórico”, [s.d.]. <http://pt.global-rates.com/estatisticas-economicas/inflacao/indice-de-precos-ao-consumidor/ipc/brasil.aspx>.
- JR HOGE, James F. “A Global Power Shift in the Making”. *Foreign Affairs*, 1 de julho de 2004. <http://www.foreignaffairs.com/articles/59910/james-f-hoge-jr/a-global-power-shift-in-the-making>.
- KEOHANE, Robert O. “Hegemony and After”. *Foreign Affairs*, 1 de julho de 2012. <http://www.foreignaffairs.com/articles/137690/robert-o-keohane/hegemony-and-after>.
- LAMPREIA, Luis Filipe. *O Brasil e os Ventos do Mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

- LEÃO, Valdemar C. *BRICS: identidade e agenda econômica*. O Brasil, os BRICS e a agenda internacional, 2013. www.funag.gov.br/biblioteca/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=642&Itemid=41.
- LESSA, Antônio Carlos. "Brazil's strategic partnerships: an assessment of the Lula era (2003-2010)". *Revista Brasileira de Política Internacional* 53, nº SPE (dezembro de 2010): 115–31. doi:10.1590/S0034-73292010000300007.
- LIMA, Rafael Mesquita de Souza. "Premissas de periferia X premissas de potência: Contradições Identitárias do Brasil Emergente". *VII Seminário de Ciência Política e Relações Internacionais da UFPE*, outubro de 2013, 156–76.
- LUSA. "Gigante chinês Sinopec fecha acordo de compra de 30% da Petrogal Brasil". *PÚBLICO*. Acessado 10 de outubro de 2013. <http://www.publico.pt/economia/noticia/gigante-chines-sinopec-fecha-acordo-de-compra-de-30-da-petrogal-brasil--1539775>.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Queluz: Coisas de ler, 2003.
- MEDEIROS, Eduardo Raposo de. *Blocos Regionais e a Integração Económica no Mundo*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1998.
- "Minha Casa Minha Vida". Acessado 10 de outubro de 2012. <http://www.caixa.gov.br/habitacao/mcmv/>.
- "MINUSTAH Mandate - United Nations Stabilization Mission in Haiti". Acessado 10 de dezembro de 2013. <http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/minustah/mandate.shtml>.
- MOSCARDO, Jeronimo (coord). *Política Internacional*. Manual do Candidato. Fundação Alexandre Gusmão, 2010. http://www.funag.gov.br/biblioteca/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=47&Itemid=41.
- MURSE, Tom. "U.S. Debt - How Much China Owns". *About.com US Government Info*. Acessado 10 de outubro de 2013. <http://usgovinfo.about.com/od/moneymatters/ss/How-Much-US-Debt-Does-China-Own.htm>.

- NEVES, João Augusto de Castro e Carlos Pereira. “Brazil and China: South-South Partnership or North-South Competition?” *Foreign Policy*, março de 2011.
- “News & Broadcast - Uma revolução silenciosa muda a vida de milhões no Brasil e no mundo”. *Banco Mundial*. Acessado 10 de outubro de 2013. <http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/NEWS/0,,contentMDK:21444879~pagePK:64257043~piPK:437376~theSitePK:4607,00.html>.
- “Novas reservas - Portal Brasil”. Acessado 8 de janeiro de 2013. <http://www.brasil.gov.br/sobre/economia/energia/pre-sal>.
- NYE, Joseph S. *O Futuro do Poder*. Temas e Debates. Círculo de Leitores, 2012.
- “O que a China busca no Brasil - opiniao - Estadao.com.br”. *Estadão*. Acessado 13 de junho de 2012. <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,o-que-a-china-busca-no-brasil,702272,0.htm>.
- OLIVEIRA, Henrique Altemani de. “Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica”. *Revista Brasileira de Política Internacional* 47, nº 1 (junho de 2004): 7–30. doi:10.1590/S0034-73292004000100002.
- OLIVEIRA, Henrique Altemani de. “Brasil e China: uma nova alinça não escrita?”, 2010.
- OLIVEIRA, Mariana, e em Brasília. “Avaliação positiva do governo Dilma sobe de 37% para 43%, diz Ibope”. *Política*. Acessado 22 de dezembro de 2013. <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/12/avaliacao-positiva-do-governo-dilma-sobe-de-37-para-43-diz-ibope.html>.
- “Onde estão as maiores reservas de petróleo do mundo”. *Exame*. Acessado 18 de julho de 2013. <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/as-15-maiores-reservas-de-petroleo-no-mundo>.
- PAÍS, Ediciones El. “¿Brasil es una potencia emergente con pies de barro?” *EL PAÍS*, 9 de fevereiro de 2012. http://internacional.elpais.com/internacional/2012/02/09/eldebate/1328812307_364926.html.
- PASSARINHO, Nathalia. “G1 - Brasil tem 16,27 milhões de pessoas em extrema pobreza, diz governo - notícias em Política”. Acessado 9 de janeiro de 2013.

- <http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/05/brasil-tem-1627-milhoes-de-pessoas-em-situacao-de-extrema-pobreza.html>.
- PATRÍCIO, Raquel de Caria. “A presença chinesa na América Latina: Desafi os e possibilidades de cooperação”, [s.d.]. http://observare.ual.pt/conference/images/stories/conference%20images%20pdf/S3/Raquel_Patricio.pdf.
 - PECEQUILLO, Cristina Soreanu. “A política externa do Brasil no século XXI: os eixos combinados de cooperação horizontal e vertical”. *Revista Brasileira de Política Internacional* 51, nº 2 (dezembro de 2008): 136–56. doi:10.1590/S0034-73292008000200009.
 - PEDRAS, Guilherme B. V. “História da dívida pública no Brasil de 1964 até os dias atuais”. *Dívida Pública: A experiência brasileira*, [s.d.]. http://www3.tesouro.gov.br/divida_publica/downloads/Parte%201_2.pdf.
 - “Petrobras to increase oil exports to China”. *China Daily*, 20 de maio de 2009. http://www.chinadaily.com.cn/bizchina/2009-05/20/content_7825075.htm.
 - PIETROBELLI, Antonio. “O declínio do Mercosul”. *Monitor Mercantil*, 28 de março de 2011. <http://monitormercantil.com.br/index.php?pagina=Noticias&Noticia=92840>.
 - PINHEIRO, Márcia. “Paul Krugman: ‘O Brasil está se saindo muito bem’”. Artigo. *CartaCapital*. Acessado 18 de março de 2014. <http://www.cartacapital.com.br/dialogos-capitais/paul-krugman-1851.html>.
 - “População brasileira atingirá pico em 2030, diz estudo do Ipea”. *G1 notícias*. Acessado 15 de dezembro de 2012. <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/10/populacao-brasileira-atingira-o-tamanho-maximo-em-2030-diz-ipea.html>.
 - “População jovem de 15 a 29 anos terá maior pico em 2010, diz Ipea”. *G1 notícias*, 19 de janeiro de 2010. <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1453899-5598,00-POPULACAO+JOVEM+DE+A+ANOS+TERA+MAIOR+PICO+EM+DIZ+IPEA.html>.
 - “Portal 2014 | Por que o Brasil”. *Portal 2014, Sinaenco*. Acessado 12 de dezembro de 2013. <http://www.portal2014.org.br/por-que-o-brasil/>.

- PRETO, Affonso Ouro. “China Brasil”. *Brasil e China no Reordenamento das Relações Internacionais: Desafios e Oportunidades*, 2011.
- PU, Xiaoyu. “Potências Emergentes, legitimidade e mudanças normativas internacionais”. *Potências Emergentes e desafios Globais*, 2012.
- “Publicação Especial 7 Anos do CEBC Visita da Presidente Dilma Rousseff à China, abril de 2011”, abril de 2011. <http://www.cebc.org.br/pt-br/publicacoes-e-informes/china-brasil-update>.
- RAMPINELLI, Waldir José. Brasil como potência emergente e a sua relação com a China. Audio, 15 de setembro de 2013.
- REBELO, Aldo. “Política Externa e Questão Nacional”. *Prioridades da Política Externa Brasileira - CEBRI-RJ*, nº CEBRI (2010). <http://www.cebri.org/midia/documentos/cebridossie2010.pdf>.
- REIS, Maria E. Fontenele. *BRICS: surgimento e evolução*. O Brasil, os BRICS e a agenda internacional. Coleção Eventos, 2013. www.funag.gov.br/biblioteca/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=642&Itemid=41.
- *Relatório de Inflação - Sumário Executivo*. Banco Central do Brasil, dezembro de 2013. <http://www.bcb.gov.br/htms/relinf/port/2013/12/ri201312sep.pdf>.
- RIBAS, Silvio. “Brasil deve passar EUA como maior produtor de alimentos do planeta - Economia - Correio Braziliense”. Acessado 24 de fevereiro de 2013. http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2013/02/24/internas_economia,351200/brasil-deve-passar-eua-como-maior-produtor-de-alimentos-do-planeta.shtml.
- RIBEIRO, Darcy, *O Brasil como Problema*, Rio de Janeiro, 1995.
- RIBEIRO, Henrique M. L. (contr.). *Dicionário de termos e citações de interesse político e estratégico*. 1ª ed. Gradiva, 2008.
- RIBEIRO, Julio. “Embraer já é a 3ª maior fabricante de aviões do mundo”. *PressAd*, [s.d.]. http://www.revistapress.com.br/root/materia_detalhe.asp?mat=353.
- RODRIGUES, Sabrina, Emerson Luis de Vargas, Fernanda Pimentel da Silva. “Política Externa Brasileira: Governos FHV e Lula: práticas foco nas exportações

e seus resultados”, outubro de 2009. unibhri.files.wordpress.com/.../pedro-henrique-carvalho-a-polc3adtic.

- ROSTATI, Furio C. (coord.). “Understanding the Brazilian success in reducing child labour: empirical evidence and policy lessons”. *Drawing policy lessons from the Brazilian experience*, junho de 2011. http://www-wds.worldbank.org/external/default/WDSP/IB/2011/07/21/000333037_20110721020559/Rendered/PDF/633000WP0Youth00Box0361511B0PUBLIC0.pdf%20pg.
- SANTOS, Norma Breda dos. “A dimensão multilateral da política externa brasileira: perfil da produção bibliográfica”. *Revista Brasileira de Política Internacional* 45, nº 2 (dezembro de 2002): 26–45. doi:10.1590/S0034-73292002000200002.
- SAWAYA, Ana Lydia, Gisela Maria Bernardes Solymos, Telma Maria de Menezes Toledo Florêncio, e Paula Andrea Martins. “Os dois Brasis: quem são, onde estão e como vivem os pobres brasileiros”. *Estudos Avançados* 17, nº 48 (agosto de 2003): 21–44. doi:10.1590/S0103-40142003000200003.
- SCHAPOSNIK, Eduardo C. *As teorias da Integração e o Mercosul*. Florianópolis: UFSC, 1997.
- SENNES, Ricardo. “Liderança e Responsabilidade do Brasil frente à América do Sul: algumas considerações”. *Prioridades da Política Externa Brasileira - CEBRI-RJ*, 2010. <http://www.cebri.org/midia/documentos/cebridossie2010.pdf>.
- SILVA, Simone Conceição. “Intervenções Estatais nas políticas para habitação”. *Revista de Iniciação Científica da FFC* 10, nº 3 (30 de novembro de 2010). <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/328>.
- SOUSA, Fernanda (Dir.). *Dicionário de Relações Internacionais*. 954º ed. dições Afrontamento/ CEPESE – Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2005.
- SOUTO, Luiz A. P. Maior, “A ordem mundial e o Brasil”. *Revista Brasileira de Política Internacional* 46, nº 2 (dezembro de 2003): 26–48. doi:10.1590/S0034-73292003000200002.

- SOUZA, Amaury de. "Brazil and China: An Uneasy Partnership". *Center for Hemispheric Policy*, fevereiro de 2008.
- STUENKEL, Oliver. *Potências Emergentes e Desafios Globais*. Vol. Ano XIII, 2. Cadernos Adenauer. Felix Dane, 2012.
- SUBRAMANIAN, Arvind. "The Inevitable Superpower: Why China's Dominance Is a Sure Thing". *Foreign Affairs*, outubro de 2011. <http://www.foreignaffairs.com/articles/68205/arvind-subramanian/the-inevitable-superpower>.
- SWEIG, Julia E. "A New Global Player". *Foreign Affairs*, 1 de novembro de 2010. <http://www.foreignaffairs.com/articles/66868/julia-e-sweig/a-new-global-player?page=show>.
- THALER, Kai. "Using BRIC to build at sea: The Brazil-China aircraft carrier agreement and shifting naval power". *IPRI Viewpoints*, janeiro de 2010.
- "The Rise of China and BRICs: A multipolar world in the making?" Acessado 6 de fevereiro de 2014. <http://focusweb.org/content/rise-china-and-brics-multipolar-world-making>.
- TOMÉ, Luís. "Novo Recorte Geopolítico Mundial: uma ordem uni-multipolar, uma grande guerra e o jogo de 'contenções múltiplas'". *Nação e Defesa*, [s.d.].
- ———. "Uma nova configuração geopolítica". *Janus Online*, 2005. http://janusonline.pt/2005/2005_1_1_1.html.
- "Tratado de Assunção", 26 de março de 1991. <http://www.mercosul.gov.br/tratados-e-protocolos/tratado-de-assuncao-1>.
- "Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República da Argentina", 29 de novembro de 1988. http://www2.uol.com.br/actasoft/actamercosul/espanhol/trat_deintegracao.htm.
- "United Nations Millennium Development Goals". Acessado 18 de janeiro de 2012. <http://www.un.org/millenniumgoals/poverty.shtml>.
- VAZ, Alcides Costa. *Cooperação, integração e processo negociador: a construção do Mercosul*. IBRI, 2002.

- VOIGT, Marcio Roberto. Brasil como potência emergente e a sua relação com a China. Áudio, 24 de setembro de 2012.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. “Mapa da violência 2012: Os novos Padrões da violência homicida no Brasil”. *Mapa da Violência 2012*, 2012. <http://mapadaviolencia.org.br/mapa2012.php>.
- WASELFISZ, Júlio Jacobo. “Mapa da violência 2012: A Cor dos homicídios no Brasil.” *Mapa da Violência 2012*, 2012. <http://mapadaviolencia.org.br/index.php>.
- YANNAN, Tuo. “Chinese capital eyes Brazil’s high-tech sector”, 7 de maio de 2011. <http://english.cntv.cn/20110705/104490.shtml>.

